

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (MESTRADO)

MARIA AMÉLIA LOBO PIRES

**A TRADUÇÃO E O TRADUTOR DO TEXTO DAS CIÊNCIAS
BIOMÉDICAS: marcas dos sujeitos no processo tradutório**

MARINGÁ - PR
2015

MARIA AMÉLIA LOBO PIRES

**A TRADUÇÃO E O TRADUTOR DO TEXTO DAS CIÊNCIAS
BIOMÉDICAS: marcas dos sujeitos no processo tradutório**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: Estudos Linguísticos.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rosa Maria Olher

MARINGÁ - PR
2015

MARIA AMÉLIA LOBO PIRES

**A TRADUÇÃO E O TRADUTOR DO TEXTO DAS CIÊNCIAS
BIOMÉDICAS: marcas dos sujeitos no processo tradutório**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras (MESTRADO), da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: Estudos Linguísticos.

Aprovado em 07 de julho de 2015

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Rosa Maria Olher
Universidade Estadual de Maringá – UEM
- Presidente -

Prof. Dr. Natanael Henrique Ribeiro Mattos
Universidade Tuiuti do Paraná - UTP

Prof. Dra. Roselene de Fátima Coito
Universidade Estadual de Maringá - UEM

"Para conquistarmos algo na vida não basta ter talento, não basta ter força, é preciso também viver um grande amor". (Mozart)

Dedico e partilho com você, Vicente, esta vitória. Você é meu 'Zémarido, meu amor e grande incentivador.

Obrigada por seu apoio constante.

Também a você, minha filha Rafaela, pela paciência e compreensão com tantas ausências minhas.

Grande privilégio (com) partilhar com vocês a aventura de ser família.

AGRADECIMENTOS

Alguém disse que todo sonho realizado, em algum momento, pareceu ser impossível. Mas, há coisas que, de maneira inusitada, vêm às nossas mãos, e não podemos deixá-las passar. Este Mestrado, sem dúvida, faz parte desses (in) esperados, ainda que parecendo loucura, no primeiro momento, fizeram-me muitíssimo bem. Lembro que, há dez anos, ainda no consultório, disse a mim mesma, que não me imaginava fazendo a mesma coisa por mais vinte anos. Mal sabia a empreitada que me aguardava. Agradeço a cada um que, direta ou indiretamente compartilhou esse tempo comigo.

Há pessoas, sim, a quem devo eterna gratidão e carinho.

À minha orientadora, Professora Rosa M. Olher, pelo respeito às *differánces*, em meio a tantos *double-binds*, nossas necessidades e impossibilidades. Aprendi com a mentora, orientadora e, em especial, com sua pessoa sempre assertiva e alto astral.

À minha querida professora e amiga Neiva Jung, por me apresentar à Linguística, e mostrar que, ainda há portas que podem ser abertas. Você tem me ensinado muito com sua postura, profissionalismo e integridade enquanto pessoa.

Em especial, quero agradecer à Professora Renata M. Lara por me fazer sair pensativa e ‘sem chão’ das suas aulas. Esse ‘jeito Renata de ser’ fez uma diferença incrível em todos os discursos que me atravessam e me (re) constituem. Você, Renata, é uma saudável combinação de ternura e firmeza associadas à dedicação e ao rigor metodológico. Também, ao Professor Pedro Navarro, por me apresentar Foucault de maneira tão interessante. Creio que respostas a questionamentos e inquietações antigos, além de incontáveis novas perguntas (re) surgiram e surgirão a partir das leituras e discussões realizadas em sala de aula.

Agradeço à professora Roselene Coito, sempre tão amável e muitíssimo ‘gente boa’, que aceitou participar da banca e contribuiu com sugestões bastante relevantes.

Professor Edson Romualdo, se tivesse que definir você com duas palavras, estas seriam: excelência e entusiasmo; muito bom conviver com alguém que ama tanto o que faz. Alba Krishna e Vera Wielewicki, professoras queridas e mais do que especiais que tornaram algumas

manhãs de aula “tão agradáveis como ler a revista de dentro do avião, no primeiro dia de férias”. Não nomearei os demais professores do PLE, para não deixar de mencionar alguém. Todos e cada um de vocês, a seu modo, fizeram-se especiais. Saibam que enriqueceram e muito minha caminhada.

À professora Solange Mittmann por dar à dissertação nova dinâmica e organização, por conta de suas preciosas contribuições, e cujo parecer à banca de qualificação tornou-se, praticamente, o roteiro para organização final deste trabalho. E, é claro, muito obrigada por aceitar participar da banca de qualificação, ainda que não tenha sido possível vir à defesa do trabalho.

Ao meu querido amigo, atleticano convicto e ex-colega da faculdade de Odontologia da UFPR, Professor Doutor Natanael Henrique Ribeiro Mattos que prontamente aceitou participar da Banca de Defesa, honrando-me com sua vinda. Ter você entre os professores foi uma das alegres surpresas neste processo final do mestrado. Creio ser muito interessante ao Programa de Pós-Graduação essa interdisciplinaridade; seu olhar, enquanto profissional atuante nas/das ciências biomédicas, enriquece nossa pesquisa.

Ao professor e colega Laurindo Furquim, um verdadeiro *gentleman*, que me abriu as portas de sua empresa e revista, possibilitando, assim, a realização desta pesquisa.

Meu muito obrigada à Fernanda Boito, por separar todo o material que eu precisava para compor o *corpus* desta pesquisa. Agradeço, também, a todo o corpo editorial da Revista pesquisada. Em particular, agradeço aos tradutores e revisores que responderam às entrevistas que fizeram parte do projeto inicial deste trabalho.

Aos muitos amigos que fiz neste período. Também não mencionarei nomes, pois não gostaria de esquecer nenhum de vocês; diverti-me, compartilhei e até aprendi ‘a socializar conhecimento’. Amo esses jovens que me ajudaram e me presentearam com tempo e convivência. Claro, Lucas, meu sobrinho do coração, não poderia deixar de registrar que, nunca mais serei a mesma depois do tanto que me fez rir e ‘destilar sabedoria’.

À minha amiga Erika Patricia, grande incentivadora e a melhor revisora que conheço. E, Tiago Lenartovicz que, com seu humor inteligente me fez rir e ver as coisas por uma perspectiva menos complicada.

At last but not least, ao Deus de Quem sou e a Quem sirvo. Essa Parceria Invisível fez e faz toda a diferença.

LOBO-PIRES, Maria Amélia. **A TRADUÇÃO E O TRADUTOR DO TEXTO DAS CIÊNCIAS BIOMÉDICAS: marcas dos sujeitos no processo tradutório.** 2015. 135 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2015.

RESUMO

A questão da interação humana, por meio da comunicação, implica em tradução, sendo ela, em seu próprio princípio, manobra basilar na linguagem, antes mesmo de ser assunto para tradutores e intérpretes (OUSTINOFF, 2011). O recorte teórico desta dissertação parte da observação e análise de duas vertentes dos estudos da tradução: a primeira delas, a tradicional ou conservadora, e a segunda, pós-moderna ou contestadora. Filiamos-nos à perspectiva contestadora, na qual a tradução vai além de mero transporte de palavras de um idioma para outro, ou seja, por tradução entende-se, hoje, todo o processo de produção de discursos e da relação de sentidos entre sujeitos e respectivas culturas; movimento este que é, invariavelmente, sobredeterminado por circunstâncias sócio-históricas e político-ideológicas. Com foco nas marcas destes sujeitos, foram analisadas traduções realizadas por duas tradutoras com formação em Bacharelado em Tradução, que prestam serviços a uma revista especializada em artigos científicos da área biomédica, na cidade de Maringá - PR. Os artigos traduzidos são revisados por dois revisores técnicos, cirurgiões-dentistas que têm ótima proficiência da língua inglesa e experiência com revisão de textos científicos, antes da publicação dos artigos na revista especializada da área. A metodologia adotada consiste nas seguintes etapas: (i) revisão de literatura para embasamento do arcabouço teórico; (ii) seleção de quatro artigos da área de Odontologia para compor o *corpus* de análise; (iii) Análise e discussão dos dados obtidos. A pesquisa, de cunho qualitativo interpretativo, teve sua discussão e problematização com base teórica nas perspectivas da Análise do Discurso pêncheutiana e Análise do Discurso foucaultiana, bem como da Desconstrução derridiana. O objetivo geral foi analisar marcas dos sujeitos tradutores e revisores de textos científicos da área da saúde, durante o processo tradutório, a partir de uma abordagem discursivo-desconstrutivista da tradução. Entre os objetivos específicos: discutir e problematizar escolhas lexicais no processo tradutório de quatro artigos científicos da área de saúde, mais especificamente, da área de Odontologia, bem como investigar o modo como os sujeitos tradutores e revisores respondem ao assujeitamento ideológico, quer seja na forma de assimilação ou subversão de discursos. O sujeito-tradutor, ao fazer suas escolhas lexicais e linguísticas, deixa fora outras tantas escolhas durante o processo tradutório, escolhas tais que também seriam possíveis e plausíveis. O tradutor é o sujeito que se coloca no “entre-lugar”, entre línguas e culturas, e torna o texto escrito em uma língua de partida compreensível ao leitor da cultura alvo, no idioma de chegada. Neste processo, por meio de suas escolhas, o tradutor confere marcas de cunho pessoal, a coautoria ao texto que é produzido, ou seja, o texto da tradução (MITTMANN, 2003).

Palavras-chave: Tradução. Processo tradutório. Marcas dos sujeitos. Texto científico.

LOBO-PIRES, Maria Amélia. **TRANSLATION AND THE TRANSLATOR OF TEXT IN DIFFERENT FIELDS OF THE BIOMEDICAL SCIENCES: subjects' traces in the translational process.** 2015. 135 p. Master's Thesis (M.A.) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2015.

ABSTRACT

The matter of human interaction through communication process means that translation itself is a cornerstone language issue, even before being a translators and interpreters' task (OUSTINOFF, 2011). There are different possibilities to approach some theoretical framework during a scientific research. This specific one is organized by analysis and discussion of two perspectives from Translation Studies: the first one, traditional or conservative perspective and the second one, postmodern perspective. Based on the theoretical discussions of the postmodern view, translation goes beyond a mere transportation of words from one language to another, i.e. nowadays translation concept involves a broad discursive process and the relationship of meaning between the subjects and their cultures; this movement is invariably overdetermined by socio-historical and political-ideological circumstances. By making specific lexical and linguistic choices during the translation process, the translator-subject leaves out many other terms, which would also be possible and plausible during the process. The translator-subject is the one who is "in-between" languages and cultures, making the text produced in the source language meaningful to readers of the target language and culture. The translator-subject gives his/her own personal touch, co-authoring' the new text, i.e. the translated text that is produced during the whole translation process according to translator's choices (MITTMANN, 2003). The main objective of this research is to analyze the translator-subject's subjectivity traces in the field of biomedical science texts from a discursive-deconstructive translation point of view. Two specific objectives are relevant: to discuss and problematize their lexical choices during translation process of four scientific articles in the area of Health as well to investigate how translator and reviewer subjects respond to their ideological subjection, either by assimilation or by resistance approaches. Focusing on the translator-subject's subjectivity, four scientific articles were selected from an on-line Dental Journal. These articles were translated from Portuguese to English by two translator-subjects with Bachelor Degrees in Translation who provide their professional services to this Biomedical Journal of Maringá/PR. After translation, the texts are proofread by two technical reviewers (English proficient dentists with experience in peer-reviewing technical/scientific texts) and finally edited. The methodology consists of the following steps: (i) literature review of the theoretical foundation for grounding the research; (ii) selection of four articles in the field of Dentistry to compound *corpus* of analysis; (iii) Analysis and discussion of the obtained data. The research has an interpretive qualitative nature. Theoretical discussion is based on Foucault's perspective of Discourse Analysis, Discourse Analysis focusing on some Pêcheux principles and Deconstruction according to Derrida's view.

Keywords: Translation. Translational Process. Subjects' Traces. Scientific Text.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD	Análise do Discurso Pêcheutiana
CP	Condições de produção
FD	Formação discursiva
FI	Formação Ideológica
TR	Sujeito-tradutor
PT	Sujeito-autor
CD	Sujeito-revisor
RD	Recorte discursivos
NT	Notas do Tradutor

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	JUSTIFICATIVAS E OBJETIVOS.....	13
1.2	METODOLOGIA	13
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	14
2.1	PERSPECTIVAS DE TRADUÇÃO: BREVES CONSIDERAÇÕES	14
2.2	O PROCESSO DISCURSIVO DA TRADUÇÃO DAS/NAS CIÊNCIAS BIOMÉDICAS	16
2.2.1	Análise de Discurso Pêcheutiana: Conceitos Fundamentais	16
2.2.2	Processo Tradutório: gestos de interpretação e inscrição de subjetividades.....	27
2.2.3	Heterogeneidade Constitutiva do/no Processo Tradutório	32
2.2.4	Esquecimento, Assujeitamento e Responsabilidade do (s) sujeito (s).....	34
2.2.5	Função Autor e Função Tradutor	36
2.3	ANÁLISE DE DISCURSO FOUCAULTIANA	40
2.3.1	Foucault e a tradução de textos da Odontologia	40
2.3.2	Processos de Subjetivação, poder e saber	48
2.4	GAPS DA COMPLETEUDE: O ENTRE-LUGAR DO PROCESSO TRADUTÓRIO NA/ DA ODONTOLOGIA	50
2.4.1	Desconstrucionismo Derridiano.....	50
2.4.2	Derrida e a Tradução.....	51
2.5	A ODONTOLOGIA COMO COMUNIDADE INTERPRETATIVA	61
2.6	ESCOPO E FIDELIDADE DA TRADUÇÃO NAS CIÊNCIAS BIOMÉDICAS	63
2.6.1	A fidelidade na/da tradução: a (in) visibilidade do sujeito-tradutor da/na Odontologia ...	63
3	ANÁLISE E DISCUSSÃO	71
3.1	INTRODUÇÃO	73
3.1.1	Subjetivação e Relações de poder/saber no processo tradutório	74
3.1.2	Assujeitamento ideológico e efeitos de sentido do/no discurso dos sujeitos	80
3.1.3	Efeito Autor e Função Tradutor	85
3.1.4	Esquecimentos Pêcheutianos e Processo tradutório	90
3.1.5	Derrida: entre o transbordar e o deslizamento	95
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	104
	<u>REFERÊNCIAS</u>	110
	<u>ANEXOS</u>	114

1 INTRODUÇÃO

A questão da interação humana, por meio da comunicação, implica em processo de tradução. A tradução é um campo bem mais amplo, “antes de se transformar em assunto para tradutores ou intérpretes, ela constitui, em seu próprio princípio, uma operação fundamental da linguagem” (OUSTINOFF, 2011, p.7).

Por exemplo, a mãe leva seu filho pequeno ao médico. O médico explica a esta mãe o que acometeu a criança, quais as implicações clínicas que tal situação acarreta, e qual o tratamento a seguir. Muito provavelmente, ele se dirigirá à mãe de forma diferente daquela que falaria se fosse discorrer sobre os mesmos sinais e sintomas com outro colega de profissão. No entanto, esta mãe, desejando a colaboração de seu filho pequeno para o tratamento prescrito, irá verbalizar o conteúdo que o médico lhe explicou, ou seja, ela irá falar de modo que o pequeno compreenda, explicará de forma traduzida à linguagem condizente à compreensão da criança.

Esta ilustração acima é o que Jakobson denomina tradução intralingual. Segundo o autor, há três formas de tradução: tradução intralingual ou *reformulação (rewording)* - interpretação de signos linguísticos por meio de outros signos da mesma língua; tradução interlingual ou *tradução propriamente dita* - consiste na interpretação dos signos verbais por meio de alguma outra língua; e tradução intersemiótica ou *transmutação* - consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas não verbais (JAKOBSON, 1995, p.64).

No entanto, os escritos de Jakobson não coadunam com os princípios da Desconstrução proposta por Jacques Derrida, um dos autores que embasam esta pesquisa pois,

a formulação de Jakobson deriva da ambivalência da transgressão ao declarar que a tradução propriamente dita significa tradução interlingual e que o termo tradução abarca outras operações comparáveis, não convencionais ou normalmente cobertas por esse termo. No entanto, Derrida coloca em xeque a definição jakobsoniana da tradução. Caso se trate de tradução “propriamente dita”, então, outros usos, outros valores da palavra “tradução”, estariam em situação de tradução intralingual e inadequada, assim como as metáforas, os tropos, a figura em geral. (SILVA, 2006, p.107)

Derrida (2002) fala do paradoxo que é a tradução, pois existe uma necessidade de se traduzir, juntamente com a impossibilidade do traduzir, ou seja, a tradução torna-se necessária e impossível quando pensada pela perspectiva conservadora, gerando um ‘duplo vínculo’,

termo este emprestado da psicologia. O sujeito-tradutor compõe os signos da língua traduzente a partir dos signos da língua traduzida e, nesse movimento, a tradução é constituída ora se mostrando, ora se ocultando, gerando uma composição sem fim e contradizendo o conceito de fidelidade, tão preconizado pelos teóricos estruturalistas. Salienta-se o fato de cada tradução ser um evento singular. É, pois, neste entremeio de idas e vindas, rodeios e desvios, que “Derrida constrói um discurso retórico sobre a tradução, mostrando que cada um de seus ensaios comporta um quê de tradução sempre associado ao idioma, ao nome próprio, à assinatura” (SILVA, 2006, p.110).

Com base nessas discussões, “a tradução passa a ser considerada *reescrita*, um texto que inevitavelmente transforma o texto estrangeiro, não só devido às diferenças estritamente linguísticas, mas sobretudo devido a diferentes propósitos que o texto traduzido pode visar na cultura de chegada” (FROTA, 2013, p.60).

Considerando-se o limitado número de publicações sobre a tradução de textos científicos, mais especificamente sobre a tradução de textos na área de saúde, esta pesquisa pretende contribuir para a compreensão de particularidades do discurso científico, bem como perceber marcas dos sujeitos tradutor e revisor (no texto traduzido), a partir de uma abordagem discursivo-desconstrutivista da tradução.

A pergunta desta pesquisa foi formulada a partir do pressuposto que o texto traduzido apresenta marcas dos sujeitos tradutor e revisor durante o processo discursivo da tradução. Nosso questionamento é: Quais são as marcas dos sujeitos tradutor e revisor do texto científico, tendo em vista suas condições de produção?

Com foco nas marcas dos sujeitos envolvidos no processo tradutório, o *corpus* deste trabalho constitui-se de recortes discursivos, selecionados a partir de quatro artigos científicos da área de saúde, mais especificamente da área de Odontologia. Estes textos, foram traduzidos por duas tradutoras, que prestam serviços a uma revista especializada em artigos científicos da área biomédica, na cidade de Maringá/PR, da qual os artigos foram selecionados. Participaram da pesquisa, também, dois revisores técnicos indicados pelos autores dos artigos na língua de partida. Estes revisores, cirurgiões-dentistas, após tradução dos artigos para o inglês, fazem a revisão técnica dos textos traduzidos pelos sujeitos tradutores. A pesquisa é de cunho qualitativo interpretativo e o *corpus* foi analisado por meio de um viés discursivo-desconstrutivista da tradução, como citado anteriormente.

1.1 JUSTIFICATIVAS E OBJETIVOS

Particularidades teóricas, metodológicas e ideológicas envolvem a tradução do texto científico, tanto para publicação em periódicos especializados quanto para os demais propósitos da comunidade biomédica. A crescente demanda por serviços de tradução, especificamente na área de saúde, requer tradutores que dominem especificidades e peculiaridades, as quais diferem em muitos aspectos, por exemplo, daquelas que são necessárias à tradução de textos literários, a exemplo das traduções dos artigos que discutimos neste trabalho. No entanto, há escassas publicações específicas, abordando o escopo deste tipo de tradução, onde a utilização de recursos e metodologias possa instrumentalizar o trabalho de tradutores desta área. Esta proposta de pesquisa justifica-se, pois, pela contribuição que pretende oferecer à bibliografia e à atuação do tradutor nesta área de conhecimento.

Com base no exposto, esta pesquisa tem como objetivo geral analisar marcas dos sujeitos tradutores e revisores de textos científicos da área das ciências biomédicas, a partir de uma abordagem discursivo-desconstrutivista da tradução. Os objetivos específicos são os seguintes:

1. Discutir e problematizar escolhas lexicais desses sujeitos tradutores e dos revisores nos artigos selecionados da área de Odontologia, relacionando-as à questão das marcas desses sujeitos no processo tradutório.

2. Investigar de que maneira os sujeitos tradutores e revisores respondem ao assujeitamento ideológico no processo discursivo da tradução.

1.2 METODOLOGIA

A metodologia consiste nas seguintes etapas: (i) revisão de literatura para embasamento do arcabouço teórico; (ii) seleção de quatro artigos da área de Odontologia para compor o *corpus* de análise; (iii) Análise e discussão dos dados obtidos. A discussão e problematização têm como base teórica as perspectivas da Desconstrução e da Análise do Discurso.

O embasamento teórico é constituído com base em autores da perspectiva pós-moderna da tradução, entre os quais: Arrojo (1993), Mittmann (1999; 2003), Derrida (2001; 2002), Ottoni (2005), para citar alguns. O viés discursivo proposto nesta dissertação será fundamentado tanto em Michel Foucault quanto em Michel Pêcheux.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 PERSPECTIVAS DE TRADUÇÃO: BREVES CONSIDERAÇÕES

O embasamento teórico desta pesquisa teve como ponto de partida duas perspectivas dos estudos da tradução: a primeira delas, a tradicional ou conservadora, e a segunda, a pós-moderna ou contestadora, sendo que esta última não restringe seu foco apenas ao texto; amplia-se à cultura, à história e à ideologia do tradutor como fatores importantes para o entendimento da tradução e do processo tradutório como um todo.

Do ponto de vista da chamada Perspectiva Tradicional, considera-se a tradução como transferência, transposição, decodificação, ou ainda, reformulação. Neste caso, o tradutor desempenha também o papel de receptor, isto é, o papel de um sujeito passivo que deve repassar determinada mensagem de uma língua para outra língua. Nesta perspectiva, entende-se também que o tradutor é o indivíduo que se coloca entre o autor e o leitor, resgatando a chamada essência do texto que está contida no suposto original. Qualquer vestígio de sua presença torna-se, pois, empecilho à tradução ‘ideal’, ou seja, a mais ‘fiel’, mais próxima à obra original e às intenções do autor. A ‘idealização’ do chamado texto original baseia-se na transparência de sentido, o qual se imagina estável, bem como assegura o resgate das intenções do autor no idioma escrito inicialmente. O tradutor torna-se um simples transportador de sentidos, fadado à invisibilidade, devendo ser fiel ao autor do texto e ao leitor da tradução (MITTMANN, 2003).

A ideia de que se lê o que o autor do texto de partida escreveu e não o seu tradutor, a ilusão de se ler o texto original “é a própria negação de todo o processo gerador da tradução e, conseqüentemente, a negação da própria presença do tradutor no processo e no texto” (MITTMANN, 1999, p. 222). Por este motivo é que esta perspectiva pressupõe o apagamento do tradutor e de quaisquer traços de sua intervenção por parte de quem traduz o texto. “A ironia é que esses traços, estas palavras são tudo o que temos, o que podemos acessar deste lado da barreira linguística” (HERMANS, 1996, p.11).

Leitores que, aliás, quando têm em mãos o texto da tradução, as formulações do tradutor, portanto, leem como se estivessem em contato direto com o autor do texto dito original. Um desejo de invisibilidade ainda hoje se sustenta sobre e é sustentado por um imaginário da tradução como “transporte do significado do original de um idioma para outro”. Isso acarreta em desqualificação e desvalorização do trabalho realizado pelo sujeito tradutor, o que leva a uma consequência econômica, ou seja, a dificuldade para que se pague pelos direitos autorais que pertencem ao tradutor. Ainda sobre a concepção tradicional sobre o tradutor, que seria

alguém que usurpa algo, conferindo-lhe recatado papel entre o autor e o leitor do texto, devendo tornar-se invisível, sem deixar rastros, após o cumprimento de sua tarefa (MITTMANN, 2012).

A chamada Perspectiva Pós-Moderna ou Contestadora da Tradução, no entanto, entende que se produz a dessacralização do chamado original, atribuindo-se ao processo tradutório uma “produção de significados vinculados à história e às circunstâncias” (ARROJO, 1993, p. 64).

Nesta concepção, a tradução deixa de ser vista como mero mecanismo de transferência de significado de uma língua para outra, torna-se um processo de construção e relações de sentido, uma (re) enunciação, um texto outro, o texto da tradução. A tradução, concebida como atividade interpretativa, encontra-se estritamente ligada a fatores histórico-sociais, culturais e ideológicos em que os significados são produzidos por um sujeito-tradutor, que se situa no entre-lugar, entre-línguas, dentro de contextos específicos de produção (DERRIDA, 2002).

Filiamo-nos à perspectiva pós-moderna ou contestadora e iremos analisar, discutir e problematizar as traduções dos artigos científicos da área da saúde, sabedores de que o tradutor deve considerar o contexto cultural das duas línguas, pois se trata de um outro texto, transformado e condicionado à língua e à cultura de chegada.

Para dar conta da parte discursiva, a fundamentação teórica desta pesquisa será embasada tanto em Michel Pêcheux, quanto em Michel Foucault.

Entendemos que, o texto traduzido é híbrido e sempre possui relevância cultural e histórica. Portanto, é indissociável a relação língua e cultura. A tradução é transformação, um construto social, cultural e ideológico, um texto novo, apesar de vinculado ou “baseado” a/em um texto de partida (MITTMANN, 2003).

Em primeiro lugar, trataremos pressupostos teóricos da Análise de Discurso Pêcheutiana

Concordamos com Grigoletto (2005) que, ao falar de Michel Pêcheux enfatiza a genialidade de seu pensamento enquanto filósofo da linguagem, entendendo-a como uma prática que se relaciona com outras práticas, como é o caso das práticas política e científica.

Acreditamos que, para dar conta de determinadas especificidades de textos nas/das ciências biomédicas, bem como dos sujeitos envolvidos no processo tradutório de artigos da Odontologia, foco de nossa pesquisa, o aporte teórico embasado na teoria Pêcheutiana associada à perspectiva contestadora ou pós-moderna de tradução fornecerá subsídios para discussão de aspectos pertinentes e relevantes deste trabalho.

O segundo eixo teórico está embasado nos pressupostos teóricos da Análise do Discurso Foucaultiana.

O terceiro eixo teórico traz a abordagem desconstrutivista, embasada principalmente nos escritos de Jacques Derrida e outros teóricos da perspectiva contestadora ou pós-moderna da Tradução, como Arrojo e Ottoni.

Para dialogar com estes autores, trazemos Vermeer para tratarmos de aspectos da tradução técnica e, Stanley Fish, o qual defende a importância das comunidades interpretativas na co-construção de sentidos da linguagem e das línguas. Em nosso ponto de vista, estes autores enriquecem nossa análise pela introdução e discussão de aspectos teóricos importantes relacionados à tradução de textos técnico-científicos de áreas específicas como a Odontologia.

Como explicado no início deste trabalho, pretendemos analisar as marcas dos sujeitos tradutores e revisores nas traduções de textos científicos na área das ciências biomédicas, a partir de uma abordagem discursivo-desconstrutivista da tradução.

2.2 O PROCESSO DISCURSIVO DA TRADUÇÃO DAS/NAS CIÊNCIAS BIOMÉDICAS

2.2.1 Análise de Discurso Pêcheutiana: Conceitos Fundamentais

Traremos Pêcheux, Orlandi, Mittmann e alguns outros autores que trabalham com a perspectiva da chamada Análise de Discurso¹, ou Análise de Discurso Francesa. Importante entender o que seja a análise de discursos, alguns conceitos pertinentes, bem como possíveis implicações destes conceitos para o processo tradutório, com foco na tradução e no tradutor das ciências biomédicas. Para isso, lançaremos mão da opção teórico-metodológica, fundada na França, por Michel Pêcheux, na década de 1960.

A Análise de Discurso, doravante AD, tal como proposta por Pêcheux, traz para o interior da linguística, mais especificamente da semântica, reflexões do Marxismo e da Psicanálise, dentre outras. Além disso, o ideológico e o inconsciente, a partir deste filósofo francês, não podem mais ser pensados como elementos "residuais" da linguagem, mas como elementos constitutivos de todo e qualquer discurso e, conseqüentemente, de todo sujeito (GRIGOLETTO, 2003).

Discurso, aqui, é compreendido como efeito de sentidos que se dá em uma relação entre sujeitos, os quais não controlam totalmente esses sentidos, porque, na condição de sujeitos de/à

¹ São empregadas as terminologias Análise do Discurso e Análise de Discurso. Ao fazermos referência à AD, teoria e método de investigação, na perspectiva de Michel Pêcheux, optamos utilizar Análise de Discurso, seguindo a terminologia empregada por Orlandi (2003).

linguagem, estão submetidos a determinações sócio-históricas e ideológicas (MITTMANN, 2003).

O discurso enquanto modo de existência histórico-social da linguagem, possui o texto como sua unidade de análise, o qual deve ser “considerado em seu aspecto qualitativo, ou seja, como unidade significativa da linguagem em uso” (ORLANDI, 1996, p. 107)

Quando se fala ‘discurso’, no chamado senso comum, e até mesmo em alguns contextos acadêmicos, vêm à mente, por exemplo, o discurso (a fala) da ‘presidenta’, o discurso (a fala) do padrinho do noivo, ou de algum homenageado ao receber a dita homenagem. No âmbito científico, também é comum a redução do discurso à linguagem verbal falada ou escrita, significando, restritamente, texto como unidade empírica de análise, com início, meio e fim. Há, portanto, necessidade de eliminar dois equívocos de interpretação do termo ‘discurso’. O primeiro deles, a confusão entre ‘discurso e fala’, no qual o discurso corresponderia aos atos verbais da liberdade subjetiva que ‘escapa ao sistema’; e, para explicar o segundo equívoco, seria “considerá-lo ‘um elemento particular do sistema língua, que a ‘linguística clássica’ teria negligenciado” (PECHÊUX E FUCHS, 1993, p. 178, *Apud* MITTMANN, 2003, p.40). Em lugar destes equívocos, a AD apresenta a noção de materialidade, ou seja, a língua torna-se o lugar material dos processos discursivos. A língua é um pré-requisito, ou seja, a base ou o local onde se efetua o processo de produção de discurso; ela é a condição de possibilidade do discurso (MITTMANN, 2003). Essa materialidade do discurso é, concomitantemente histórica e linguística.

A História – isto é, o fator ideológico – não é algo que está lá fora, em segundo plano, exercendo determinação sobre o discurso, mas é constitutiva do discurso e intervém na sua textualidade. As sistematicidades linguísticas são a base material sobre a qual se produz o discurso. O discurso é o lugar onde se dá a relação entre a língua e a história. O objeto teórico da AD é o discurso, o lugar por onde o analista de discurso chega até ele é através do texto. O texto é a unidade de análise que permite ter acesso ao discurso, ou seja, o analista percorre o texto para compreender o funcionamento do discurso (MITTMANN, 2003, p. 45).

Um dos traços mais fascinantes e desafiadores da AD² é seu caráter “itinerante”, produzido por diversos deslocamentos epistemológicos e reformulações teóricas. O fato de submeter-se à permanente redefinição, uma vez que reconfigurações são demandadas, a cada

²A AD constitui-se como disciplina de entremeio entre a Linguística, o Materialismo Histórico e a Psicanálise Lacaniana.

nova análise no campo do dispositivo analítico terminam por reconfigurar também o dispositivo teórico (ORLANDI, 1999).

Mobilizaremos, primeiramente, alguns domínios teóricos da AD, principiando pela noção de sujeito, seguida pelas condições de produção e demais desdobramentos necessários para a discussão que propomos. A partir destes conceitos, seguiremos pelo processo discursivo, tal como proposto por Mittmann (2003), construindo um dispositivo de análise que nos permita compreender o processo tradutório das/nas ciências biomédicas, pelo viés da Análise de Discurso, bem como certos desdobramentos, a partir de tais gestos de interpretação.

Como já foi dito, o discurso é um efeito de sentidos entre os pontos A e B, ou seja, o discurso é produzido entre A e B; de maneira alguma podemos entender que ele seja ‘transmitido’, nem nasce no indivíduo ou na sua vontade, mas sempre remete a outros discursos anteriores ou posteriores. Por esta razão é que o discurso não pode, em hipótese alguma, ser analisado isoladamente, como que ‘solto no ar’ a quem quiser interpretar, mas deve ser, obrigatoriamente, entendido em suas relações de sentido com a exterioridade que lhe é constitutiva, ou seja, remete sempre a outros discursos possíveis, quer anteriores ou posteriores (MITTMANN, 2003).

O sujeito é desde sempre interpelado. Na relação entre ideologia e discurso, a ideologia é vista como elemento constitutivo do discurso e do sujeito, daí se falar em exterioridade constitutiva, ou seja, há um laço de união entre ‘exterioridade’, sujeito e dizer.

“O nosso dizer é uma imposição do interdiscurso. Essa voz que vem de fora é constitutiva do nosso discurso, é uma “exterioridade interna ao sujeito e ao discurso, não localizável e não representável no discurso que constitui, aquela do Outro³ do discurso – onde estão em jogo o interdiscurso e o inconsciente” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p.32)

Podemos dizer que, a partir de uma perspectiva histórica e social, a AD desenvolve uma teoria concebida pela atuação das esferas ideológicas no funcionamento da linguagem.

Na ótica da AD, o sujeito é atravessado tanto pela ideologia quanto pelo inconsciente, o que produz não mais um sujeito uno ou do cogito como em algumas teorias da enunciação, mas um sujeito cindido, clivado, descentrado, não se constituindo na fonte e origem dos processos discursivos que enuncia,

³ De acordo com Mittmann (2003), ao se falar do processo discursivo da tradução, ou seja, processo tradutório, diferentemente da utilização lacaniana para o *Outro* (representação do lugar designado por uma autoridade subjetiva na vida do Sujeito), no processo tradutório, há o interdiscurso (o Outro), funcionando como pré-construído, o ‘*assim é que se diz*’ que dá sustentação ao ‘*como dizer*’ no processo tradutório. A autora também traz a presença de ‘outras vozes (o outro), em uma diversidade de posições-sujeito (posições trazidas neste caso, pelo autor do artigo em português, pelos autores de outros artigos da área, para busca de termos técnicos especializados, dos dicionários consultados, os quais se inscrevem no intradiscurso, para formarem aliança ou serem negadas (MITTMANN, 2003, p.105). (Realce em itálico nosso)

uma vez que estes são determinados pela formação discursiva na qual o sujeito falante está inscrito. Contudo, esse sujeito tem a ilusão de ser a fonte, origem do seu discurso (GUERRA, 2008, p.03).

As Condições de Produção (CP) dadas, por sua vez, representam as ‘circunstâncias’ de um discurso. Essas condições de produção são responsáveis pelo estabelecimento das relações de força no interior do discurso e mantêm com a linguagem uma relação necessária, constituindo com ela o sentido do texto. Mittmann (2003) afirma que essas circunstâncias podem marcar o lugar que o (s) sujeito (s) ocupa (m) e a relação de forças entre os sujeitos. As CP atuam como princípio regulador que seleciona e combina os elementos da língua.

Entendemos que essas condições de produção do discurso correspondem ao “conjunto da descrição das propriedades relativas ao destinador, ao destinatário, e ao referente, sob condição de dar imediatamente certo número de precisões” (PÊCHEUX, 2001, p.214)

Neste trabalho, sobre CP falamos de *produção de um efeito*. “Entendemos por isso um elemento que intervém na reprodução das relações de produção no nível político ou ideológico, com propensão a se tornar, logo depois, a causa de outro fenômeno, de outra transformação, configuração, quer no nível econômico como no nível das superestruturas” (PÊCHEUX, 2011, p. 215).

O texto científico, nesta pesquisa, refere-se ao texto especializado das/nas ciências biomédicas, e diz respeito a efeito e condições pelos quais o conhecimento pode ser produzido. O discurso da Odontologia, enquanto constituição de disciplina científica tem implicações que dizem respeito às condições nas quais o saber odontológico é produzido. Nesta revista de circulação *on-line*, por condições de produção remetemo-nos à produção econômica; o mundo globalizado que requer constante atualização, produção científica e divulgação deste saber sob a forma de bens e serviços, como também a maneira como os artigos científicos são aceitos, traduzidos, revisados e colocados *on-line*, em inglês, aos sujeitos leitores da comunidade científica desta área, a nível nacional e internacional.

Também, por CP de discurso, no saber nas/das ciências biomédicas, podemos entender os lugares discursivos que são sustentados, as posições atribuídas a produtores de discursos no interior de uma estrutura social de ser descrita e que deve comportar os lugares dos sujeitos e seus discursos, bem como possíveis efeitos de sentido⁴ produzidos, em conjuntura sócio-histórica e político-ideológica dada.

⁴ Diferentes sentidos possíveis que um mesmo enunciado pode assumir de acordo com a formação discursiva na qual é (re) produzido. Esses sentidos são todos igualmente evidentes por um efeito ideológico que provoca no

Ao falarmos do *lugar*, no processo discursivo dos textos das ciências biomédicas, falamos do discurso dos sujeitos autor, tradutor, revisor e o modo como esses discursos se diferenciam, segundo o lugar discursivo dos sujeitos. O discurso do sujeito revisor, por exemplo, e os efeitos de sentido que esses discursos produzem segundo este sujeito, esteja ele na posição de revisor, de sujeito que detém o conhecimento da língua inglesa, isto é, o idioma para o qual os artigos são traduzidos; ou ainda no lugar discursivo de tradutor, mas na posição de dentista.

Traremos novamente a questão do discurso de Divulgação Científica e, por conseguinte, o discurso dos sujeitos autor, tradutor e revisor do texto das ciências biomédicas mais adiante, quando tratarmos da forma-sujeito e do ‘sujeito universal⁵’ ou ‘sujeito da ciência’.

O tradutor é o sujeito responsável/organizador desse discurso da tradução; o revisor é o sujeito responsável/organizador da voz da tradução técnica dentro do texto. E, por ocuparem o lugar social de tradutor e revisor científico, respectivamente, é que sofrem determinações na ordem da exterioridade.

Assim, ao passar do lugar empírico para o espaço discursivo, estes sujeitos se inscrevem em lugares discursivos, os quais estão determinados pelas relações de verdade e poder institucional que representam socialmente - o domínio da gramática e o domínio dos termos técnicos.

No entanto, apesar de tantas determinações, o tradutor atua traduzindo o texto científico das ciências biomédicas; e o sujeito revisor revisa, muitas vezes, além dos termos relacionados à Odontologia, (re) atualizando-as em outra ordem - a ordem hierárquica estabelecida pela revista - através de gestos de interpretação, a ordem da gramática e da tradução. Estamos, portanto diante de discursos heterogêneos, já que abrigam, em sua materialidade, diferentes sujeitos e conseqüentemente, diferentes vozes, diferentes ordens de saber (GRIGOLETTO,2005).

A partir dessa colocação acima, conseguimos depreender a partir do que precede a distinção entre lugar e posição.

Dada uma formação social-econômica resultante da combinação de vários modos de produção, com um modo de produção dominante (no caso o modo

gesto de interpretação a ilusão de que um enunciado quer dizer o que realmente diz (sentido literal). Disponível em: <http://www.discurso.ufrgs.br/glossario.html>. ACESSO EM 12/08/2014

⁵ “A categoria de "sujeito da ciência" ou de "sujeito do conhecimento" é uma categoria genérica constitutiva das ideologias teóricas nas quais e pelas quais, na prática científica, é produzida a evidência da verdade e da objetividade científicas como tais, através da determinação do tipo de provas admitidas, das formas de exposição e de argumentação consideradas como rigorosas, etc.” (HENRY ,1992, p.137).

de produção capitalista), diremos que o modo de produção capitalista reparte-distribui os agentes humanos em números de *lugares*, entre os quais em particular aquele da reconstituição e da manutenção da força de trabalho. Em relação a esse lugar, diferentes *posições* podem ser tomadas, em função de conjunturas institucionais (PÊCHEUX, 2011, p. 217)

Os sujeitos, enquanto lugares sociais, representados na própria materialidade linguística do discurso, estabelecem relação não com indivíduos, nem com sujeitos, mas com a imagem que atribuem a esses sujeitos, (isto é, a forma como imaginam, ou ainda, sua representação) para tratar não de um referente, mas da imagem que atribuem a este referente (MITTMANN, 1999).

Na constituição do sujeito do discurso intervêm dois aspectos: “primeiro, o sujeito é social, interpelado pela ideologia, mas se acredita livre, individual e, segundo, o sujeito é dotado de inconsciente, contudo acredita estar o tempo todo consciente. Afetado por esses aspectos e assim constituído, o sujeito (re) produz o seu discurso” (GUERRA, 2008, p.48).

De acordo com Pêcheux, as ideologias não devem ser confundidas como meras ideias, pois isso possibilitaria pensar que as ideologias teriam origem nos sujeitos, quando na verdade, elas constituem os indivíduos em sujeitos (PÊCHEUX, 1988, p. 129). O filósofo francês quer pontuar o caráter ideológico do que é tomado como ‘natural’ pelos sujeitos, buscando ainda desvendar a maneira como essas ilusões da existência de um sentido único e que o sujeito possui controle do seu dizer. Aqui, pretendemos apenas salientar que é na relação discurso e ideologia que a ideologia é vista como elemento que constitui o sujeito e o discurso, por isso se fala em exterioridade constitutiva, há um laço que une sujeito, exterioridade e dizer; e o sujeito é desde sempre interpelado pela ideologia (MELLO, 2010).

Nas relações de força, a de sentidos e a antecipação, sob o modo do funcionamento das formações imaginárias, podemos ter muitas e diferentes possibilidades regidas pela maneira como a formação social está na história (ORLANDI, 2002, p.41). Assim, pensando-se em tradução de textos das ciências biomédicas, onde existe um ou mais autores, o tradutor e o revisor, nessa configuração de formação social, podemos explorar algumas possibilidades; por exemplo, a imagem que o tradutor tem do que seja um autor e/ou um revisor; a imagem que o revisor tem do que seja um autor e/ ou um tradutor. Também a imagem que, autor, tradutor e revisor fazem do que seja o leitor. Pelo mecanismo da antecipação, temos o que cada um tem do outro, e a partir daí, ‘ajustam’ seu dizer a seus objetivos, trabalhando esse jogo de imagens. No caso do tradutor e revisor, sujeitos desta pesquisa, entendemos que eles mobilizam esse jogo

de imagens e adequam seu dizer com as palavras que eles julgam que, leitores dos artigos científicos da Odontologia ‘querem’ ler.

“Tudo isso contribuirá para as condições em que os discursos são produzidos e, portanto, para o seu processo de significação” (ORLANDI, 2003, p. 42).

Ressalte-se que a AD não subestima a força que a imagem possui na constituição do dizer; ao contrário, sabe-se que o imaginário faz necessariamente parte do funcionamento da linguagem. A imagem que se tem de um autor de artigo científico, que escreve para uma revista científica especializada como esta, não surge espontaneamente, sem um confronto do simbólico com o político e ideológico, que se constitui de processo que ligam discursos e instituições (ORLANDI 2003). O discurso capitalista das multinacionais que produzem, por exemplo, materiais e técnicas para que se instrumentem canais dentários e constituem o discurso dos profissionais, professores e alunos nas diversas especialidades da Odontologia. Tantas vezes referem-se a materiais, designando-os por seus fabricantes, por exemplo os instrumentos para canal da FGK ou as brocas da KG Sorensen, ao invés da função a que se destinam.

Os revisores desta revista são cirurgiões-dentistas, portanto, atravessados por discursos da Odontologia; além disso, são proficientes no idioma para o qual os artigos são traduzidos. Para uma abordagem discursiva do processo tradutório, como é a proposta desta dissertação, à análise é importante salientar que nossa busca é por explicitar o modo como os sentidos estão sendo produzidos, para que se possa compreender melhor o que está sendo dito, e as relações que se estabelecem entre os sujeitos e os discursos produzidos durante o processo tradutório dos textos como um todo. Nossa proposta como analistas de discurso, no processo tradutório de textos das ciências biomédicas, é ir além do que se diz, daquilo que fica à superfície das evidências (ORLANDI, 2003).

Os termos e jargões da Odontologia representam uma dimensão do assujeitamento ideológico dos sujeitos envolvidos no processo de produção de conhecimento científico desta área das ciências biomédicas. Os discursos das multinacionais, por exemplo, os atravessam e os constituem, mas pelo próprio processo de produção de discursos, são ideologicamente incorporados e os sujeitos acreditam ser donos de seu dizer.

Podemos depreender daí que, os dizeres não são apenas mensagens a serem decodificadas; são efeitos de sentido que são produzidos em condições determinadas, e que de alguma forma, estão marcadas no modo como se diz, e deixam marcas, as quais o analista de discurso deve ‘alcançar’, ‘captar’.

Aqui, por esta abordagem teórica, não se procura inferir um sentido consolidado, antes, busca o entendimento da significação como um processo semântico dinâmico. Os sentidos

estabelecem-se em relação às determinações históricas que definem o que pode e deve ser dito, a partir de dada posição social ocupado por determinado (s) falante (s). Ressalte-se também que ‘histórico’ para a AD não é percebido como cronologia de eventos, antes como historicidade, ou seja, a produção ininterrupta simbólica que, na linguagem orquestra sentidos para as relações de poder presentes em uma formação social. Então, podemos entender que à AD interessa compreender como as relações de poder são significadas, ou seja, simbolizadas (MELLO, 2010).

Ainda, segundo Mittmann, o que ocorre é um processo de produção de discurso que é resultado de uma combinação das CP com um sistema linguístico (MITTMANN, 2003, p. 49). De acordo com Orlandi (2003), a memória também faz parte da produção do discurso. Por CP do discurso a AD entende em sentido estrito as circunstâncias da enunciação, ou seja, o contexto imediato; e por sentido amplo inclui-se o contexto sócio-histórico e ideológico.

Por contexto imediato, no processo tradutório dos artigos desta revista odontológica, compreendem-se os sujeitos autor, tradutor e revisor; a maneira como os textos são avaliados para que recebam o aceite para publicação; a tradução para a língua inglesa pelo sujeito tradutor, e posterior revisão pelo sujeito revisor; a circulação *on-line* do conteúdo dos artigos à comunidade internacional, e a divulgação em português, através de material impresso, vendido sob a forma de assinatura anual; a escolha do sujeito tradutor para traduzir o texto para o inglês, que pode ser feita pelo profissional da tradução, indicado pelo autor, ou então, pelo tradutor que faz parte do quadro editorial da revista, em questão, visto que o sujeito revisor é sempre indicado pela revista. São feitos contatos entre os sujeitos tradutor e revisor com o autor dos artigos em português para se sanarem eventuais dúvidas, especialmente, em relação aos termos técnicos.

E, por contexto amplo de produção, entende-se aquilo que traz, para efeito de sentidos, elementos que derivam da forma como nossa sociedade global se organiza, tais como: a necessidade de produção científica por parte da comunidade acadêmica dos profissionais da Odontologia; a acirrada concorrência e o entendimento cada vez maior por parte dos pacientes do que seja um bom trabalho, além do marketing global que visa criar sempre novas ‘necessidades’ para motivar e induzir o consumo; as universidades que recebem materiais novos produzidos pelas indústrias multinacionais para serem ‘testados’ e utilizados por alunos desde a graduação, o que induz direta ou indiretamente o consumo destes futuros profissionais, sem falar da força motriz, que gera a criação de novos cursos de especialização, onde técnicas e recurso mais e mais sofisticados são criados, testados e utilizados pelos profissionais pós-graduandos que possuem seus consultórios e disputam a clientela dia após dia na conquista de

espaço de atuação profissional; a divulgação do conteúdo científico produzido no Brasil, que projeta a Odontologia nacional como uma das melhores em sofisticação e recursos do mundo, em contraste com o pequeno acesso que a população de baixa renda possui ao atendimento odontológico de primeiro mundo, prestado aqui no país às minorias que têm acesso à sofisticação oferecida.

Ainda neste contexto amplo, poderíamos colocar a divulgação das novas técnicas através da mídia eletrônica, levando os profissionais da área à busca por constante atualização para que possam se manter no mercado de trabalho, cada vez mais competitivo, e pelo grande número de faculdades de Odontologia que foram abertas no país, nos últimos 25 a 30 anos.

A grande procura por textos em inglês sobre Odontologia, em suas diversas especialidades, acontece por conta da demanda a publicação científica por parte da comunidade odontológica, tanto no Brasil quanto de pesquisadores estrangeiros ao redor do mundo. Os pesquisadores brasileiros, que utilizam destas consultas *on-line*, fazem-no pela necessidade de publicação de trabalhos em revistas científicas internacionais, cujas publicações são em sua maioria em inglês. A necessidade de manter o *Qualis*⁶ adequado em seus programas de pós-graduação faz destas publicações na Revista, de onde nosso *corpus* foi coletado, uma possibilidade a mais, tanto de consulta, para referência bibliográfica, para publicações ou para atualização do profissional que trabalha em seu consultório.

Outro domínio teórico relevante a esta pesquisa é a de Formação Discursiva, doravante FD. A partir da concepção teórica de Foucault sobre Formação Discursiva, Pêcheux redimensiona o termo, chamando de FD “aquilo que, numa Formação Ideológica⁷ dada, isto é, a partir de uma dada conjuntura, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito” (PÊCHEUX, 1988, p. 160).

⁶ *Qualis* é o conjunto de procedimentos utilizados pela Capes para estratificação da qualidade da produção intelectual dos programas de pós-graduação. Tal processo foi concebido para atender as necessidades específicas do sistema de avaliação e é baseado nas informações fornecidas por meio do aplicativo Coleta de Dados. Como resultado, disponibiliza uma lista com a classificação dos veículos utilizados pelos programas de pós-graduação para a divulgação da sua produção. A estratificação da qualidade dessa produção é realizada de forma indireta. Dessa forma, o Qualis afere a qualidade dos artigos e de outros tipos de produção, a partir da análise da qualidade dos veículos de divulgação, ou seja, periódicos científicos. FONTE: <http://www.capes.gov.br/avaliacao/instrumentos-de-apoio/classificacao-da-producao-intelectual> . ACESSO EM 13/06/2015

⁷ Courtine, Pêcheux e Fuchs, retomam a noção de FD de Foucault, dando nova direção, que definem da seguinte forma: “falaremos de Formação Ideológica (FI) para caracterizar um elemento [...] suscetível de intervir como uma força de confronto com outras forças na conjuntura ideológica característica de uma Formação Social em um dado momento; assim, FI constitui um conjunto complexo de atitudes e representações que, não são nem individuais nem universais, mas que se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classes em conflito umas com as outras (PÊCHEUX e FUCHS, 1993, p. 166; Apud MITTMANN, 2003, p.51)

Os discursos são modelados ou instaurados por formações ideológicas, podendo ser a FD entendida como a forma pela qual uma ou mais formações ideológicas se manifestam em um dado processo de enunciação. Para Pêcheux, a FD é “o lugar de constituição do sentido” (PÊCHEUX, 1988, p. 162).

Ainda, para Orlandi (2003, p. 43), as FDs “podem ser vistas como regionalizações do interdiscurso, configurações específicas dos discursos e suas relações”.

Portanto, podemos determinar que, o sentido não existe em si mesmo, mas é ‘demarcado’ ou designado pelas ou a partir das posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico, onde são ‘concebidos’ ou ‘confeccionados’, e mudam de sentido dependendo das posições daqueles que as utilizam. As palavras ‘extraem’ seus sentidos dessas posições, dependendo das Formações Ideológicas (FI) nas quais essas posições se inscrevem (ORLANDI, 2003).

Mittmann (2003, p. 52) lembra-nos de que “não se pode considerar a FD de maneira isolada. Se a FI comporta FDs interligadas, há então uma relação entre uma FD com as demais que formam o interdiscurso dessa FD, ou o ‘todo complexo dominante’ dessa FD”.

Para a análise que pretendemos empreender, a partir de domínios teóricos pêcheutianos, e para dar conta do objetivo específico em relação ao modo como os sujeitos tradutores e revisores respondem ao assujeitamento ideológico⁸, entendemos que devemos nos ater um pouco mais sobre FDs e interdiscurso.

Ao buscar construir um arcabouço teórico, para mostrar o processo tradutório como um processo de formação de discursos, observamos que a FD não se relaciona somente com outras FDs da mesma FI.

A FD relaciona-se também com as FDs que pertencem a outras FIs, que podem ser até mesmo antagônicas à FI em questão. Podem, portanto, ser estabelecidas relações de aliança como de conflito entre as FDs. Essas relações exercem uma determinação sobre a FD em questão, fazendo com que as relações que fazem limites de uma FD sejam instáveis, como uma fronteira que se desloca (COURTINE, 1981, p. 35 e 49, *Apud* MITTMANN, 2003, p. 52).

O conceito de FD facilita a compreensão sobre a mobilidade de sentidos, bem como os processos de assimilação e resistência do sujeito. As supostas “mesmas” palavras e expressões podem adquirir sentidos outros, de acordo com a matriz a que se filiam. Dito de outro modo, os sentidos modelam-se às FDs, ou seja, ao ocupar o espaço de uma FD o sentido de determinada

⁸ A maneira como os sujeitos respondem ao assujeitamento ideológico será abordado ao falarmos nos esquecimentos de Pêcheux e o processo tradutório, mais adiante, nesta mesma seção.

palavra ou expressão pode ser um; e ao passar para outra FD, pode haver a produção de um sentido diferente (MELLO, 2010).

De qualquer modo, seja nesta ou naquela FD, a ilusão de transparência do sentido é sempre mantida pela dissimulação⁹ que toda FD realiza no complexo processo ideológico que a produz. As FIs formam um conjunto que tem entre si uma FI dominante — o “todo complexo com dominante” (Pêcheux, [1975]1988, p.162), ao qual o filósofo propõe chamar de “interdiscurso”. O interdiscurso é algo que fala “sempre antes, em outro lugar e independentemente” (p.162). É por meio do interdiscurso que o sujeito concebe a sua “realidade enquanto sistema de evidências e de significações percebidas — aceitas, experimentadas” (MELLO, 2010, p. 63/4)

No processo de construção de conceitos de AD, pertinentes à compreensão do processo tradutório dos textos das ciências biomédicas, julgamos importante retomar, que o sujeito da AD não é um indivíduo, mas uma posição ideológica, a partir da qual os sentidos são constituídos. Assim, entendemos que não se fala em AD de um sujeito único, porém em várias ‘posições sujeito’, que estão vinculadas às FIs por meio das FDs (MELLO, 2010)

No dizer de Indursky:

O sujeito, ao produzir seu discurso, o faz a partir de determinadas posições de sujeito, igualmente ideológicas. Tais posições, contudo, não transformam esse sujeito em uma figura que decide livremente seu discurso, pois se trata de um sujeito socialmente constituído. No entanto, por não ter consciência de seu assujeitamento, mantém fortemente arraigada a ilusão de ser plenamente responsável por seu discurso e suas posições. (INDURSKY, 1997, p.27-28)

O sujeito representa a forma-sujeito a partir de uma posição-sujeito, ou seja, ele é efeito da forma-sujeito, e o funcionamento de diferentes FDs representará diferentes posições que se tornam possíveis, exatamente porque o discurso é heterogêneo (ORLANDI, 1999). Mais adiante, retomaremos a questão de efeito e função autor/ tradutor, e implicações para o processo tradutório.

Nas palavras de Henry “toda noção de "sujeito da ciência"¹⁰ deve ser considerada como sendo um efeito ideológico particular (suscetível de tomar diversas formas

⁹ Segundo Pêcheux, “toda formação discursiva dissimula, pela transparência do sentido que nela se constitui, sua dependência com respeito ao “todo complexo com dominante” das formações discursivas” (PÊCHEUX, 1988, p.162). Isso equivale a dizer que o processo de interpelação ideológica é apagado aos olhos do sujeito, ou seja, ele esquece que é assujeitado à ideologia.

¹⁰ Esse desdobramento da forma-sujeito da ciência, proposto por Henry, se aproxima do modo como Grigoletto (2005) fala sobre lugar discursivo. Ou seja, a forma-sujeito da ciência, ao se desdobrar, pode resultar na inscrição em diferentes lugares discursivos no discurso de Divulgação Científica: o autor do texto científico, tradutor, revisor

históricas), resultando de um desdobramento da forma-sujeito (HENRY, 1992, p. 43-44). Assim, como o sujeito, o sentido também se constitui enquanto efeito ideológico na relação entre palavras, textos, discursos. Logo, sujeito e sentido se constituem mutuamente no discurso científico e, conseqüentemente, no de Divulgação Científica, como é o caso do discurso da Revista Especializada em artigos científicos para a Odontologia.

Para encerrar esta seção sobre domínios teóricos em AD, queremos novamente afirmar que o sujeito da AD é uma posição material, linguística e histórica que se produz no entremeio, jogo de tensões sócio-históricas e político-ideológicas (MELLO, 2010).

Na próxima subseção, traremos alguns conceitos abordados até aqui neste eixo teórico, a partir da noção do que seja o processo tradutório e seus desdobramentos à tradução e ao tradutor das ciências biomédicas.

2.2.2 Processo Tradutório: gestos de interpretação e inscrição de subjetividades

A partir do quadro teórico da AD Pêcheutiana e da perspectiva contestadora da tradução, passaremos a discorrer sobre a subjetividade e heterogeneidade de vozes no processo tradutório.

Focaremos nossa reflexão nos aspectos da inscrição da subjetividade do tradutor, a presença de outras vozes neste processo de tradução dos artigos científicos da Odontologia que compõem o *corpus* deste trabalho. E, também, abordaremos aspectos relacionados à função autor e à função tradutor.

Autores da perspectiva tradicional entendem que a inscrição da subjetividade do tradutor na tradução é algo que prejudica o resultado do trabalho, cabendo à pessoa que realiza este trabalho, apenas e tão somente transportar os sentidos contidos no chamado texto ‘original’. Outros autores, no entanto, como Arrojo (1993) reivindicam o reconhecimento da presença e da atuação transformadora e criativa da tradução, além de defender o papel indubitavelmente autoral que é realizado no ato de traduzir. Além dela, Aubert (1994) atesta a respeito da ação proativa do tradutor como agente e produtor de textos e discursos.

Hermans (1996) ratifica o papel de agente exercido pelo tradutor, dizendo que a voz que temos acesso, ao ler uma obra, é a voz do tradutor, ao passo que a voz do “outro” da tradução, o autor do ‘original’, é apenas uma imagem construída e distorcida.

e o próprio leitor de textos científicos das ciências biomédicas, mais especificamente da área da Odontologia, nesta dissertação.

Mittmann afirma que, ao lermos uma tradução, ‘iludimo-nos’ tendo a sensação de lermos o próprio texto ‘original’, ou textos que contêm a mensagem, as intenções e o pensamento do autor da língua de partida. Essa ilusão representa a própria negação de todo o processo gerador da tradução e, por conseguinte, da presença do tradutor. No entanto, “a tradução é a única coisa que temos acesso deste lado da barreira linguística” (MITTMANN, 1999, p. 222).

Pensar ‘o processo tradutório’ significa entender que, o que acontece não é mera transmissão ou reprodução de mensagem em outro código linguístico, mas há, sim, produção de discurso, ou seja, a produção de um efeito de sentidos entre os interlocutores. Há a produção de sentidos pelo autor, tradutor, revisor leitores e/ou outros participantes do processo (MITTMANN, 1999).

Ao falarmos sobre o tradutor e a tradução a partir da perspectiva da AD, que é o que se pretende nesta seção, subentende-se a constituição do tradutor enquanto sujeito. Na tradução das ciências biomédicas, implica dizer que há interpelação ideológica, que constitui os indivíduos envolvidos em sujeitos, ou seja, há os sujeitos autor, tradutor, revisor e leitor dos artigos produzidos pelos sujeitos autores em português e traduzidos para o inglês por sujeitos tradutores; revisado por sujeitos revisores, e disponibilizados on-line, em inglês, a sujeitos leitores. Constituem-se como sujeitos através de sua relação com o sujeito do saber de uma FD. A partir desta relação, tradutor e revisor, foco de nossa análise, assumem posições-sujeito, inscrevendo-se em sua formulação, o texto da tradução.

Importante dizer que esta é a relação que determina a produção de sentidos que se dá tanto na leitura do original, como na produção do texto da tradução. “Constrói-se assim a singularidade de cada tradução, ou seja, um mesmo ‘original’ pode ser traduzido por vários tradutores, e em cada tradução o resultado será diferente, pois o discurso será outro, o tradutor será outro, a posição-sujeito também será outra” (MITTMANN, 2003, p. 80).

Nos textos analisados nesta pesquisa, a presença dos sujeitos tradutor e revisor no processo discursivo da tradução implica, pois, dizer que há diferentes posições sujeitos, em diferentes filiações às diferentes FDs. O resultado também será diferente a cada tradução, demonstrando mudanças de posição sujeito, pelos sujeitos envolvidos, em diferentes momentos e contextos sócio-históricos. Um “mesmo sujeito pode chegar a formulações diferentes, conforme sua relação com a FD e com o interdiscurso, como pré-construído¹¹, que indicam o

¹¹ PRÉ-CONSTRUÍDO: A memória discursiva pode ser entendida como “aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler/ traduzir/ revisar, vem estabelecer os ‘implícitos’ (mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que tal leitura/ tradução/ revisão

‘é assim que se diz’ e impõem o ‘é assim que se deve/não deve dizer’” (MITTMANN, 2003, p. 82). Ainda no dizer de Mittmann:

Se a relação do tradutor com o saber de uma FD não é sempre a mesma, a própria FD não é sempre igual a si mesma, já que é constantemente invadida pelos saberes e pelas vozes do seu interdiscurso. E essas vozes chegam até o discurso do tradutor para serem interligadas, negadas, silenciadas, etc. Por isso, o dizer do tradutor é constitutivamente heterogêneo. E não apenas porque o texto/discurso da tradução se dá a partir de um texto discurso ‘original’, mas porque, além da voz do autor e das vozes que constituíram o discurso do autor, estão também presentes outras vozes trazidas consciente ou inconscientemente pelo tradutor (MITTMANN, 2003, p. 82).

Assim, no discurso da tradução dos textos das ciências biomédicas, onde estão presentes as vozes dos sujeitos autor, tradutor, revisor, também há as vozes tantas e outras que dizem ao tradutor “é assim que se diz” ou ao revisor “fica melhor este termo do que aquele”, ou que “de tal forma pode parecer outro sentido que não é o mais adequado”. Essas vozes estão presentes “quando o interdiscurso funciona como o pré-construído, trazendo o efeito do ‘já-dito’, como também é tratar de uma articulação em que outras vozes, como posições-sujeito da mesma FD, vêm à tona para servirem de sustentação ou então para serem negadas” (MITTMANN, 2003, p. 82).

Os discursos dos sujeitos envolvidos no processo tradutório destes artigos da Revista de Odontologia também não se ‘fecham’ no tradutor ou no revisor, nem na relação única com o discurso do sujeito autor. Os sujeitos recorrem a outras fontes, como dicionários, glossários de termos especializados, outros artigos escritos e traduzidos a respeito do assunto. Assim, no discurso dos sujeitos tradutor e revisor há um atravessamento de discursos, da mesma forma como o discurso do autor do chamado ‘texto original’ é atravessado por discursos de outros autores e outros pesquisadores. Em alguns momentos, em um mesmo texto, os sujeitos podem encontrar-se interpelados pela mesma FD, da gramática da língua inglesa, por exemplo, e pode haver uma relação de conflito entre as posições sujeito da própria FD. Existe a possibilidade de haver redes de enunciado que são capazes de reformular determinado enunciado sem que mantenham necessariamente uma relação de identidade entre si (MITTMANN, 2003).

necessitam (MITTMANN, 2003) Esses pré-construídos podem ser saberes já consagrados, conhecidos e por isso, não questionados. Pêcheux diz que correspondem ao ‘sempre já-af’ da interpelação ideológica que fornece-impõe a ‘realidade’ sob a forma de universalidade. [...] Ele remete às evidências pelas quais o sujeito se vê atribuir objetos de seu discurso: ‘o que cada um sabe’ e simultaneamente ‘o que cada um pode ver’ em dada situação’ (COURTINE, 1981/2009, p. 74).

O discurso não é hermético, fechado em/ sobre si mesmo, mas é preciso levar em conta os sujeitos envolvidos no processo como um todo. E por sujeitos não nos referimos a indivíduos falantes, mas a lugares sociais que estão representados nos ‘processos discursivos’, onde funcionam as ‘formações imaginárias’, que apontam à imagem que esses lugares outorgam a si, ao (s) outro (s). Os sujeitos enquanto lugares sociais, representados na materialidade linguística do discurso, estabelecem relações não com indivíduos ou com sujeitos, mas com a imagem que atribuem à maneira como são imaginados os sujeitos envolvidos. No nosso caso, como imaginam o sujeito autor, o sujeito revisor, os sujeitos leitores. Então, por uma perspectiva discursiva, podemos entender que não é o texto de partida que servirá de base para que se produza o texto da tradução, mas antes a imagem que os sujeitos tradutor e revisor fazem também do lugar do autor, do lugar do leitor, do seu próprio lugar, da imagem que fazem de outros discursos (MITTMANN, 1999).

Da mesma forma que em AD “qualquer modificação na materialidade do texto corresponde a diferentes gestos de interpretação, compromisso com diferentes posições de sujeito (...) distintas relações com a exterioridade” (ORLANDI, 1996, p. 14), podemos dizer que para cada tradução haverá diferenças marcadas, e diferentes gestos de interpretação, diferentes relações de sentido. Em que pese o fato do processo tradutório também implicar a modificação de materialidade do texto, os diferentes gestos de interpretação, direcionados a um diferente tipo de leitor, inserido em contexto linguístico e cultural diferentes, ainda assim continuamos com a ilusão de que o texto da tradução apenas reproduz a mensagem do texto de partida (MITTMANN, 1999).

No processo tradutório, o sentido constitui-se, não sendo apenas determinado pelas condições sócio-históricas, entre as quais está a dominação do interdiscurso sobre a FD dominante. Por isso mesmo, podemos dizer que não há uma literalidade, uma fixidez de sentidos que somente toleram conotações diferentes. O sentido é múltiplo, porém o que traz a ilusão da existência deste centro é o fato de que em dadas condições de produção haverá prevalência de um deles, ou seja, “um sentido dominante que se institucionaliza como produto da história” (ORLANDI, 1996, p. 144).

Ao discorrer sobre interpretação, Mittmann (2003) afirma que a ideologia que, através da FD oculta aos olhos do sujeito o caráter material no sentido de sua historicidade e faz com que este sujeito acredite ser fonte de seu dizer, de seus sentidos, ao mesmo tempo em que crê existir um sentido literal, que nada mais é do que um efeito. Os sentidos não são atribuídos pelos sujeitos, “nem pertencem unilateralmente à língua; eles são produto de uma determinação

linguística e histórica que passa por um processo social no qual os sujeitos determinam e são determinados” (FERREIRA, 1996, p. 45 *apud* MITTMANN, 2003, p. 92).

Portanto, podemos depreender até aqui que, existe uma determinação histórica que, por meio da interpelação ideológica transforma o indivíduo em sujeito de seu discurso, bem como irá constituir sentido, e criar efeitos de sujeito (como fonte de seu dizer), de responsabilidade, de transparência e assim por diante (MITTMANN, 2003).

Importante ainda dizer que a AD admite a possibilidade do equívoco, admite que equívoco faz parte da língua; e por equívoco, aqui, entende-se que existe possibilidade do sentido sempre ser outro. Não se trata de falha ou algo que deva ser corrigido ou sanado, mas sim que, a interpretação nunca é definitiva, estanque, havendo possibilidades outras, sentidos que podem ser outros, uma vez que a interpretação é efeito de sentidos em condições de produção dadas.

O sujeito tradutor de artigos da área da Odontologia, que nos interessa mais de perto, produz sentidos ao ler o texto de partida, o texto ‘original’, bem como ao produzir o texto da tradução. Voltamos a afirmar que produz o texto, mas não é a fonte dos sentidos, pois estes emergem do interdiscurso e se ‘realizam’ pelo tradutor, sendo controlados pela FD com a qual o tradutor se identifica e na qual se constitui enquanto sujeito. O sentido sempre poder ser outro é constitutivo da interpretação; cada um faz sua leitura e atribui sentidos a partir de seus “próprios filtros”. De igual modo, o sujeito revisor, ao ler o texto traduzido pelo tradutor, também produz gestos de interpretação, tendo como efeito ideológico do discurso, a ilusão de uma universalidade e estabilidade de sentidos. Tanto a leitura quanto a escrita implicam a produção de sentidos, constituem-se gestos de interpretação, sempre em CP determinadas, o que vale dizer que cada tradução diferenciada, sem possibilidade de equivalência ou repetição de uma mesma tradução.

Entendemos que, tanto a leitura como a produção do texto da tradução, e a revisão do texto traduzido são desencadeadas por gestos de interpretação, então, podemos afirmar que cada tradução é um gesto de interpretação novo, diferente daquele que gerou o texto de partida e diferente de outros gestos de tradução. “Diferentes processos tradutórios produzirão diferentes discursos que se materializam em diferentes textos. Cada texto, que é resultado de processo tradutório, é a materialidade de um novo discurso e, portanto, há sempre novos gestos de interpretação” (MITTMANN, 2003, p. 97).

Cada um dos sujeitos tradutor e revisor apresentam ‘sua’¹² interpretação de um mesmo texto. O texto traduzido pelo sujeito tradutor, será lido e interpretado pelo sujeito revisor que, eventualmente poderá consultar o texto em português. Todo esse movimento mobiliza gestos de leitura e interpretação por parte dos sujeitos, e o texto chamado ‘original’ sofre ‘modificações’ e (re) modelamentos. Cada etapa do processo desencadeará rede de formulações, entre as quais deslizam sentidos, os quais estabelecem entre si relações de sentido que, pela natureza não fechada da língua e a possibilidade sempre presente de se (des) construir sentidos, abrem-se à alteração de efeitos de sentido e gestos de interpretação, contrapondo-se à perspectiva tradicional que advoga um resgate completo dos sentidos a partir do texto ‘original’ (MITTMANN, 2003).

Até este ponto, além de trazer alguns domínios teóricos da AD, relevantes ao interesse desta pesquisa, procuramos articulá-los ao processo tradutório de textos da Odontologia.

A seguir, vamos entender a pluralidade de vozes presente no processo tradutório, a partir de noções de heterogeneidade constitutiva e implicações para o processo tradutório.

2.2.3 Heterogeneidade Constitutiva do/no Processo Tradutório

A perspectiva discursiva da tradução afirma que tradutor e revisor são lugares do discurso, posições enunciativas que se dividem em várias posições-sujeito no discurso, ou seja, no texto da tradução. Isso nos leva a buscar a questão da heterogeneidade do discurso, proposta por Authier-Revuz, que contesta “a ilusão do sujeito enunciador capaz de escolhas, intenções e decisões” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 28).

Trazer esta noção de heterogeneidade constitutiva para o processo tradutório significa apontar para tradutor e revisor como produtores de sentido, quer na leitura do texto ‘original’, na escrita da tradução, ou na revisão do texto traduzido. Essa produção de sentido é determinada pelo interdiscurso. A heterogeneidade do discurso no processo tradutório, contudo, deve-se, não apenas à presença dos sujeitos autor, tradutor e revisor, mas porque “qualquer discurso é constitutivamente heterogêneo, pois sempre outras vozes o atravessam como discurso transversal¹³ e lhe dão sustentação como pré-construído” (MITTMANN, 1999, p.228).

¹² Por conta de cada gesto de interpretação, em que pese pelo efeito de camuflagem do processo de interpelação, que permite aos sujeitos julgarem ser a fonte de seu dizer, é que os sujeitos acreditam que têm ‘sua’ própria e ‘consciente’ interpretação do texto; daí termos grafado com aspas que os sujeitos apresentam ‘sua’ própria interpretação, que nada mais é que uma forma de assujeitamento.

¹³ DISCURSO TRANSVERSO: O discurso transversal relaciona-se com a (re) tomada de saberes já ditos em outros discursos, mas associados a diferentes domínios de saber. A partir dessa relação aparentemente conflituosa, nota-

A pluralidade de vozes na tradução dos artigos, que compõem este *corpus* de análise, existe justamente pela presença de outros discursos, de tantas vozes outras no texto de partida, no discurso dos sujeitos tradutor e revisor, bem como produto que é o texto da tradução. No entanto, não se tratam das mesmas vozes. No texto das ciências biomédicas também podemos notar a presença dessas outras vozes, quando os sujeitos tradutores e/ou revisores recorrem a outros discursos para tentar, por exemplo, definir com mais clareza e precisão uma palavra ou um conceito, lançando mão de textos técnicos correlatos aos termos, conceitos e/ou expressões que estejam buscando os sujeitos durante o processo tradutório.

Em algumas ocasiões, esses outros discursos podem estar localizados no próprio texto, ou seja, a heterogeneidade mostrada que mostra as diferentes formas de negociação do sujeito falante com a heterogeneidade constitutiva do discurso. Entre essas maneiras de negociação encontram-se as citações, as notas do tradutor, determinadas partes do texto realçadas com aspas, ou ao escrever que aquela citação é segundo um outro autor. Esta forma mostrada de heterogeneidade pretende opor um discurso ao outro ou fora dele, apontando para uma suposta homogeneidade aponta para o exterior delimitando o interior, as bordas ilusórias do discurso (MITTMANN, 1999).

A heterogeneidade mostrada no processo tradutório, demonstra que o tradutor pode ser considerado como alguém que possui a capacidade de apresentar uma pluralidade de identidades, mantendo, ao mesmo tempo, sua identidade original. Essa capacidade, segundo a autora é por conta da possibilidade do tradutor de tomar formas de autores dos textos originais que traduz. No caso dos artigos, por nós analisados, tanto os sujeitos tradutor quanto revisor têm essa capacidade de “assumir traços e feições do (s) autor (es) que estão sendo traduzidos, imprimindo na escrita do Outro¹⁴, traços de sua própria ‘caligrafia’” (MITTMANN, 1999, p. 229).

Até aqui, podemos entender que, pela perspectiva da AD, o sujeito é constitutivamente cindido, clivado, disperso em posições-sujeito. Sempre existe dispersão, uma vez que, ela é constitutiva do discurso e é em meio à dispersão que se cria a ilusão de unidade e unicidade.

se a movimentação dos sentidos no interior das FDs e a consequente convivência de saberes que *a priori* seriam incompatíveis em uma mesma FD (MITTMANN, 2003).

¹⁴ Sobre esta citação, Mittmann explica, fazendo uma ressalva quanto ao uso de maiúscula em Outro. Retomando Authier-Revuz que, usa de forma distinta outro e Outro (com maiúscula e com minúscula). O outro se refere à presença de um outro sujeito enunciador exterior trazido para dentro do discurso, identificável através das formas mostradas de heterogeneidade. O Outro se refere ao interdiscurso funcionando como pré-construído, numa forma de heterogeneidade constitutiva não identificável no discurso (MITTMANN, 1999, p. 229) (Grifo nosso)

2.2.4 Esquecimento, Assujeitamento e Responsabilidade do (s) sujeito (s)

Do que foi discutido até aqui, podemos inferir que, não existe sujeito sem ideologia e não há ideologia sem sujeito; dito de outro modo, é pela relação entre língua e ideologia que se pode compreender como o sentido é produzido por/ e para os sujeitos. A AD advoga que a materialidade da ideologia é exatamente o discurso e a materialidade do discurso é a língua. Portanto, “a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos” (PÊCHEUX, 1988, p.133). Deprendemos daí que há uma visão de sujeito sócio-historicamente constituído, o homem como animal ideológico (MELLO, 2010).

Também já foi dito que as reflexões de Pêcheux nasceram no entremeio linguística, psicanálise e materialismo histórico. “O ‘já-sabido’ do interdiscurso, de acordo com a abordagem da AD, não é necessariamente consciente; é algo do qual o sujeito simplesmente não se dá conta, ou seja, o sujeito sabe, mas não sabe que sabe (MELLO, 2010, p. 67). Esse (des) conhecimento tem a ver com o funcionamento e participação do inconsciente como estrutura que irrompe no discurso e, se percebido, causa surpresa.

A tese da interpelação do sujeito à ideologia foi interpretada por Pêcheux e Fuchs como ‘assujeitamento ideológico’, que consiste no fato de que “cada um seja *conduzido*, sem se dar conta, e tendo a impressão de estar exercendo sua livre vontade, a *ocupar seu lugar*”¹⁵ (PÊCHEUX e FUCHS, 1993 *apud* MITTMANN, 2003, p. 73). Esse assujeitamento ocorre pela identificação do sujeito enunciativo com o sujeito do saber da FD que o domina. Mittmann esclarece que,

Para que a interpelação se realize (e ela sempre-já se realizou) é preciso que ela seja oculta aos olhos do sujeito; [...] e, é preciso haver desconhecimento para haver reconhecimento, e Pêcheux fala da “relação entre o recalque inconsciente e o assujeitamento ideológico” (PÊCHEUX, 1995, p. 133).

Da relação entre interpelação e inconsciente surgem determinadas ilusões, o que Mittmann chama de ‘teatro da consciência’, no qual o sujeito é interpelado, mas se acredita livre, e dotado de inconsciente, mas se julga consciente (MITTMANN, 1999). Dessa maneira, os sujeitos tradutor e revisor acreditam fazer suas escolhas de forma livre e plenamente conscientes, durante o processo tradutório dos artigos de Odontologia que trazemos neste trabalho.

Para compreender o funcionamento da ideologia e da linguagem, Pêcheux propõe dois esquecimentos, e resumidamente poderíamos dizer que, o esquecimento número 1 está

¹⁵ Ocupar seu lugar: *lugar*, aqui, é tomado como *posição-sujeito* (MITTMANN, 2003, p. 73).

relacionado à ilusão do sujeito ser a origem do sentido e, o esquecimento número 2 refere-se à ilusão de que o sujeito tem o domínio do que diz. A noção de esquecimentos de Pêcheux, onde o esquecimento número 1 (esquecimento ideológico) se dá pelo inconsciente, ou seja, é o modo pelo qual o sujeito é afetado pela ideologia. Pelo esquecimento, temos a impressão de que o sujeito é a origem do que diz, quando retoma sentidos pré-existentes. Esquecimento número 2 (esquecimento enunciativo), onde o ‘dizer’ e o sentido sempre podem ser outros (MELLO, 2010).

Para explicar a inter-relação assujeitamento, esquecimento e responsabilidade, Mittmann traz como dito acima a interpelação como assujeitamento ideológico, e o sujeito acredita ser a fonte de seu dizer por conta do recalque inconsciente e o assujeitamento ideológico, onde o sujeito ‘encena’ a si mesmo, acreditando-se livre quando é assujeitado e consciente quando dotado de inconsciência do processo. A autora explica através do funcionamento dos esquecimentos, chamados número 1 e número 2. O esquecimento *número 1* é da ordem do inconsciente, e diz respeito à constituição do sujeito e de seu dizer; o esquecimento *número 2* é da zona dos processos de enunciação, e é caracterizado por um funcionamento pré-consciente/ consciente (MITTMANN, 2003).

Existe uma relação de dominância do primeiro sobre o segundo, ou seja, o não afirmado precede e domina o afirmado. Assim, a interpelação ideológica é recalcada pelo inconsciente que, por sua vez, domina o pré-consciente/ consciente na produção do discurso. Esses esquecimentos geram dois efeitos: o efeito de sujeito e o efeito de responsabilidade. E, o que seriam esses efeitos? O efeito de sujeito é a ilusão que o sujeito possui de ser a origem de si mesmo e do seu dizer, não se dando conta do processo de interpelação ideológica que o constitui sujeito bem como a seu discurso. Justamente a ilusão de autonomia que faz com que o sujeito creia possuir uma plena consciência e ampla e irrestrita liberdade para ser senhor de seu discurso e protagonista, totalmente responsável por seus atos, escolhas e decisões no processo tradutório, como no caso desta pesquisa (MITTMANN, 2003).

Podemos depreender até aqui que, a responsabilidade que o sujeito crê possuir nada mais é que um efeito ideológico. E, como explica Orlandi, ‘uma exigência de nossa formação social, que “vê no autor o responsável pelo texto, aquele que garante sua coerência, unidade, progressão não contradição e fecho” (ORLANDI, 1996, p. 142).

Podemos depreender até aqui que, a responsabilidade que o sujeito crê possuir nada mais é que um efeito ideológico. E, como explica Orlandi (1996, p. 142), ‘uma exigência de nossa formação social, que “vê no autor o responsável pelo texto, aquele que garante sua coerência, unidade, progressão não contradição e fecho”.

2.2.5 Função Autor e Função Tradutor

A função autor é, para a AD, a função que agrupa, organiza as posições-sujeito que se dispersam pelo texto. Diferentemente de Foucault, para quem a função autor cria não a unidade e coerência, mas o efeito (a ilusão) de unidade e coerência.

Foucault (2000), com o intuito de mostrar a complexidade da questão da autoria, traz o termo ‘nome do autor’ para mostrar que há movimento diferente do nome próprio, pois margeia o texto, recorta, delimita e caracteriza. Segundo este filósofo, alguns discursos não têm autor, como um contrato, o nome do autor sugere implantação de um grupo de discursos e seu modo singular de ser. Já a função-autor é “característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de alguns discursos no interior de uma sociedade” (FOUCAULT, 2000, p.46)

De acordo com Foucault, a função autor remete à pluralidade de vozes presentes no texto e não deve ser confundida com o autor do texto, com “o indivíduo falante que pronunciou ou escreveu um texto, mas o autor como princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência” (FOUCAULT, 2000, p. 26).

O autor é “apenas uma das especificações possíveis da função sujeito”. (FOUCAULT, 2000, p.69-70). Para Foucault, o autor separa-se do enunciador e é visto sob dois ângulos, um interno e outro externo: como princípio interno ao discurso, abarca a dispersão dando-lhe um efeito de unidade e origem; como princípio posto em relação com a exterioridade, sofre determinações de um sistema já institucionalizado.

Do ponto de vista da tradução, esses fatores rebatem o imaginário de tradução como transporte de sentidos presos a uma suposta origem (o autor do chamado texto original) para uma outra língua, e conduzem à discussão sobre o princípio organizador da dispersão que constitui o discurso original e o da tradução, dando-lhe efeito de coerência, de unidade, de ter origem em um sujeito. Apesar do ‘desejo de imitação’, ou seja, o anelo por reproduzir no idioma de chegada, exatamente o que está no idioma de partida, isso não pode ocorrer, pois a dispersão nunca é a mesma.

Mittmann (1999) afirma que, pela perspectiva da AD, a função autor é geradora de um efeito de responsabilidade, quando o autor retoma o sentido já dado pelo interdiscurso e constrói um texto sob a ilusão de que ele (o autor) é a fonte do que diz e de que seu dizer é coerente, ocultando que seu dizer se constrói sempre sobre outros dizeres.

Orlandi (1996) afirma que, a multiplicidade de posições de sujeito no discurso e o imperioso efeito de unidade acarretarão significativas considerações.

Aqui, a posição de sujeito não é apenas um lugar (entre outros no discurso) a ser ocupado por diferentes indivíduos, como em Foucault, e sim resultado da relação do sujeito enunciador com a forma-sujeito de uma Formação Discursiva que, por sua vez, está em relação com um complexo de Formações Discursivas. É dessas relações que emergirão no discurso as várias posições de sujeito. Ao mesmo tempo, torna-se necessária a ilusão de unidade, e é pelo autor, como princípio, “que se constrói a unidade do sujeito. É onde se realiza o seu projeto totalizante” (ORLANDI, 1996, p.56)

Orlandi diverge de Foucault ao afirmar que, a autoria está em qualquer texto, pois apesar de que um texto, eventualmente, não possua autor específico, no entanto, sempre se imputa uma autoria a ele. E, ao discorrer sobre a relação entre as noções de sujeito e autor, ela escreve que, ao constituir o texto, o sujeito constitui-se como autor (MITTMANN, 2008).

Observa-se que acontece um embate, pois, temos de um lado a dispersão do sujeito e, de outro, a unidade, a coerência, o respeito às normas gramaticais e textuais, a originalidade e a responsabilidade imputadas a esse sujeito pelo viés do autor. Aliás, são fatores que tentam tornar visível o sujeito (enquanto autor, com suas intenções, objetivos, direção argumentativa).

A autoria pode ser vista como uma forma de inscrição no ‘já-dito’, aquilo que é ‘já-estabelecido’, como também a forma de emersão do efeito sujeito (efeito de responsabilidade, efeito de evidência, efeito de autonomia) (MITTMANN, 2003).

“O sujeito só se faz autor se o que ele produz for interpretável” (ORLANDI, 1996, p.70). Ou seja, é o já dito (que estabelece o que é formulável e interpretável) que dá sustentação à autoria.

Toda fala resulta assim de um efeito de sustentação no já dito que, por sua vez, só funciona quando as vozes que se poderiam identificar em cada formulação particular se apagam e trazem o sentido para o regime do anonimato e da universalidade. Ilusão de que o sentido nasce ali, não tem história. Esse é um silenciamento necessário, inconsciente, constitutivo para que o sujeito estabeleça sua posição, o lugar de seu dizer possível. (ORLANDI, 1996, p. 71-72)

Para que funcione o ‘já-dito’, que rege a interpretação do autor, é compulsoriamente esquecido. No entanto, esse autor julga-se plenamente consciente. Dessa forma, a função autor e o sujeito autor são facilmente confundidos. Por isso, creio que cabe aqui frisar a diferença entre a figura (histórica) do autor, ou seja o sujeito que, sob determinação histórica e afetado

pelo inconsciente, ocupa o lugar de autor, e a função autor, interna ao discurso e em aliança com a exterioridade (pois que as bordas que separam o dentro do fora são ilusórias), responsável pelo efeito de autoria. (MITTMANN, 2003).

Gallo (2001) aponta uma relevante diferença entre função autor e efeito autor:

Enquanto a função autor está presente em qualquer discurso, já que “tem relação com a heterogeneidade enunciativa”, o efeito-autor só é verificável em alguns discursos, mais precisamente quando é produzida uma “nova posição sujeito que surge de ordens diferentes de discurso”, ou dito de outra forma: é “o efeito do confronto de formações discursivas, cuja resultante é uma nova formação discursiva” (GALLO, 2001, p.02)

Mittmann (2008), a partir de pressupostos pêcheutianos, ao escrever sob a trilha da AD e da psicanálise lacaniana, defende que a significação é, de fato, uma (re) significação, e que o fechamento é definido, provisório e coloca a autoria como sendo uma posição do sujeito que permite o fechamento de sentidos e a instauração de uma singularidade. De acordo com Carreira (2001), a autoria se dá quando o sujeito ‘se submete à linguagem, a algo que fala a sua revelia e que lhe faz emergir entre significantes’ (CARREIRA, 2001, p. 58). Isto posto, a partir dos esquecimentos de Pêcheux, podemos entender que:

As tentativas de controle para reorganização dos dizeres, pela precisão e pela denegação, próprias ao esquecimento número 2, apontam para o descontrole, para os restos deixados pelo esquecimento 1. Desta forma, o autor é definido como uma posição enunciativo-discursiva do sujeito caracterizada pela responsabilização pelo dizer, fruto do esquecimento número 1 e pela tentativa de controle do sentido, fruto do esquecimento número 02 (CARREIRA, 2001, p. 57)

Mittmann (2008) considera interessante a associação da autoria, com o ideológico e como o inconsciente (lacaniano), por que mostra a (re) significação do “já-lá”. A ideologia, pois, interpela a todos e a cada um de maneira peculiar e particular em decorrência do lugar significativo que o sujeito vem a ocupar entre outros significantes, sendo essa a particularidade que faz vir à tona a autoria (MITTMANN, 2008).

Como já dito anteriormente, a partir da função autor foucaultiana, na perspectiva da Análise do Discurso sobre a tradução, Mittmann traz a noção de função tradutor como “aquela função que organiza, a nível de intradiscurso, as vozes vindas do interdiscurso, seja na forma de discurso transversal ou de pré-construído. Isso cria um efeito de coerência em um sujeito constitutivamente heterogêneo e contraditório” (MITTMANN, 2003, p. 89). Também já foi dito

acima que, é esta função que conduz ao efeito de responsabilidade por uma suposta imitação da função autor do texto anterior em um novo texto.

De igual modo, trazendo para a figura do tradutor (de modo análogo à figura do autor) aquela determinada pela exterioridade, pelo esquecimento da determinação, sob a ilusão de que reproduz um discurso em outro. Pesam sobre os ombros do tradutor as responsabilidades pelo processo tradutório, mas não sobre o texto da tradução – cuja responsabilidade recai sobre os ombros do autor do ‘original’. A ‘visibilidade’ da figura do tradutor recebe os adjetivos de incompetente e traidor, quando este não efetua uma tradução “literal”, “fiel, equivalente, “quando se ignora que a falta e o excesso estão presentes não só no embate do tradutor entre as duas línguas, mas são constitutivos de cada língua” (MITTMANN, 2002, p.111).

O que dá sustentação a esses sentidos é a memória – pré-existente, na forma da presença-ausente, na forma do sempre-retorno. A memória discursiva é o que, pela relação com a memória histórica, “face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível”. Essa memória é um traço sócio-histórico que sustenta a própria possibilidade de interpretar e, portanto, de dizer, de traduzir (MITTMANN, 2002, p. 112)

No texto das ciências biomédicas, podemos depreender que, sobre os ombros do sujeito tradutor pesam as responsabilidades pelo processo tradutório, bem como sobre os ombros do sujeito revisor que, também é um tradutor, os quais dividem a responsabilidade pelo processo tradutório, mas o texto final da tradução recai sobre o sujeito autor.

O retorno da memória tem a ver com a autoria da tradução porque a construção do novo se dá sobre o que retorna, sob o efeito de que não é um retorno, mas um “original”. Por isso é que o contraponto entre tradução/revisão desfaz parte da ilusão ao mostrar que o sentido sempre pode ser outro, mesmo que reconhecido como evidente e único.

A identificação com os saberes da Odontologia pode tornar o sujeito revisor familiarizado a jargões da área, de igual modo, o sujeito autor, como os sujeitos leitores do texto traduzido que são assujeitados por estes discursos, o que faz com que acreditem que são responsáveis e estão no controle da utilização dos termos, podendo haver um embate de forças no processo tradutório. A identificação dos sujeitos a uma ou outra FD é que levará a um resultado ou outro.

O retorno dessa memória e a dispersão do sujeito precisam ser ‘lembrados-esquecidos’ no momento da tradução/ revisão para que a interpretação se dê, e que o ‘novo’ texto possa ser

produzido, para que se tenham, novamente, os efeitos de unidade, transparência e evidência do texto, do sentido e do sujeito.

Entendemos o processo tradutório como uma multiplicidade de vozes e sentidos. Há, pois, o interdiscurso (o Outro) que funciona como pré-construído.

No processo tradutório de textos das ciências biomédicas, entendemos que tanto a função tradutor, e de igual modo, a ‘função revisor’ orquestram a heterogeneidade das vozes, como a posição-sujeito do tradutor, a posição-sujeito do autor (ou a imagem que o tradutor tem dela), a posição sujeito do revisor, “além das outras vozes vindas do interdiscurso e que entram no texto da tradução ou nas N.T., seja como pré-construído (o Outro), seja como discurso transversal (o outro), como no caso de discursos de dicionários. Esta função tradutor é que seria responsável, então, pelo efeito de responsabilidade por parte do tradutor em reproduzir ou imitar o original” (MITTMANN, 1999, p. 119).

No processo tradutório dos textos da Odontologia, como analisados nesta dissertação, pareceu-nos premente discutir-se a respeito das formas de identificação do tradutor / revisor deixando de denegá-las, como se fazia no passado, tratando-o como copista, exigindo dele, tão somente apenas um tradutor programado, pré-determinando sentidos fixos e fixados, sem deslocamentos. É preciso buscar o sentido em outro lugar que não no texto, no autor e no leitor. Considerar o histórico como constitutivo do processo tradutório e, portanto, também do sentido e do tradutor significa atentar para o jogo entre memória e esquecimento, contenção e escape de sentidos, dispersão do sujeito e efeito de unidade, determinação e efeito de responsabilidade (MITTMANN, 2003)

Na próxima seção, ainda na fundamentação teórica para embasar a abordagem discursiva desta dissertação, trataremos pressupostos teóricos relacionados às Relações de Saber e Poder, bem como os Processos de Subjetivação dos sujeitos no processo tradutório dos textos das ciências biomédicas.

2.3 ANÁLISE DE DISCURSO FOUCAULTIANA

2.3.1 Foucault e a tradução de textos da Odontologia

Nesta segunda seção, analisaremos, a partir da Análise de Discurso proposta por Michel Foucault, as relações de poder/saber e processos de subjetivação, bem como as noções de resistência, ‘contraconduta’, sublevações e lutas na configuração do pensamento foucaultiano;

para deles lançarmos mão na análise dos discursos de sujeitos envolvidos no processo tradutório de textos na área da saúde.

Pretendemos trazer algumas das ideias deste filósofo francês que sinalizem para os dispositivos de controle de experiência subjetiva e de processos de subjetivação, pela escamoteação do poder investido em discursos administrativos, bem como no conhecimento especializado dos profissionais das ciências biomédicas, mais especificamente neste trabalho, de profissionais da tradução na área da Odontologia, a citar: autores, tradutores e revisores.

Foucault entende que é preciso observar, não mais os sujeitos, mas um engendrado complexo de acontecimentos que irrompem à multiplicidade de forças, as quais se refletem nos discursos que atravessam os sujeitos e os constituem.

Assim no próximo capítulo, traremos a análise de recortes discursivos, onde analisaremos os discursos que atravessam os sujeitos autor, tradutor e revisor durante o processo tradutório de artigos científicos escritos por dentistas, traduzidos por sujeitos com formação na área de tradução e revisados por sujeitos que, como os autores dos textos em questão, também são cirurgiões-dentistas, discutindo possíveis implicações dessas relações poder/saber nos textos traduzidos.

Enquanto para Pêcheux o discurso é ‘o efeito de sentido entre interlocutores’, para Foucault, o discurso constitui-se por uma dispersão de elementos não ligados por centralidade ou princípio de unidade. Segundo ele, as “regras de formação” possibilitariam identificar os elementos que caracterizam o discurso, sendo eles: os objetos projetados no discurso, os tipos de enunciação adotados e os conceitos que vigoram em um campo discursivo ao tratar de certos temas e teorias. Os discursos são, assim, um conjunto de outras vozes discursivas (já pronunciadas ou não) com as quais os sujeitos se relacionam. São controlados, constituídos e regidos por “um certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade” (FOUCAULT, 2009, p.08). Os discursos são organizados e constituídos a partir de procedimentos (linguísticos ou não) que instauram o que pode ser dito, corroborado, alterado ou silenciado.

De acordo com Foucault (2008), o discurso é um conjunto de enunciados que caracterizam uma mesma formação discursiva, pode-se, então, chegar à regularidade nessa dispersão por meio do conhecimento dos enunciados que o compõem. Só assim é possível ir da dispersão à regularidade e caracterizar uma formação discursiva dada. Não é relevante, pois, conhecer a origem dos enunciados, das formações discursivas com as quais se relacionam ou

das dispersões que os caracterizam; contudo, é preciso tratá-lo enquanto instância em que a linguagem e, por consequência, a história e a ideologia se cristalizam. Como confirma Foucault,

É preciso estar pronto para acolher cada momento do discurso em sua irrupção de acontecimentos, nessa pontualidade em que aparece e nessa dispersão temporal que lhe permite ser repetido, sabido, esquecido, transformado, apagado até nos menores traços, escondido bem longe de todos os olhares, na poeira dos livros. Não é preciso remeter o discurso à longínqua presença da origem; é preciso tratá-lo no jogo de sua instância. (FOUCAULT, 2008, p.28)

O discurso, de acordo com Foucault (2000), é espaço onde estão envolvidos poder e verdade, poder e saber, saber e discurso. Na verdade, cada discurso não possui apenas um sentido ou uma verdade, mas efeitos de verdade cujos enunciados sempre são historicamente situados.

O conceito de discurso, compreendendo um conjunto de enunciados¹⁶ que ocorrem como performance verbal em função enunciativa, é apresentado considerando a ideia de práticas discursivas. Assim, amparado por esse modo de analisar os enunciados, considerando-os instáveis, reconhece-os como objeto de luta, regulados por uma ordem do dizível, definida no interior de lutas políticas, os discursos possuem um suporte histórico e institucional que permite ou impede sua articulação. Um sujeito, quando ocupa um lugar institucional, faz uso dos enunciados de determinado campo discursivo, segundo os interesses de cada trama momentânea.

Ao tratar sobre regras de efetuação dos discursos, Foucault (2009) diz que, um dos procedimentos de controle dos discursos é a compartimentação destes. Há imposição de um dado número de regras e normatizações, de tal maneira que nem todos têm acesso a ele, pois há certas exigências intrincadas que, é preciso satisfazer, “antes de se ter o direito e a condição de falar” (FOUCAULT, 2009, p.03). São os rituais de fala, segundo o filósofo, ou seja, um “conjunto de signos que devem acompanhar o discurso, gestos, comportamentos, circunstâncias. Ele prossegue, trazendo o que ele chama de “sociedades de discurso” que, ao contrário das sociedades da antiguidade onde o conhecimento era conservado e protegido por um grupo, hoje, os discursos são produzidos para um público especial, onde se encontra o

¹⁶ Segundo Gregolin (2004) a noção de *enunciado* significa em seu modo singular de ser, léxico-sintaticamente, algo aberto às interpretações. O enunciado é imprescindível para que se possa perceber se há ou não frase, preposição, ato de linguagem. O enunciado é uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam conteúdos concretos, no tempo e no espaço.

discurso das ciências biomédicas, e mais especificamente, o discurso da Odontologia (FOUCAULT, 2009).

No processo tradutório do texto das ciências biomédicas intriga-nos saber se pode existir a predominância de uns discursos sobre outros, ou melhor dizendo, se, por conta do lugar discursivo de onde certos discursos são proferidos, os sujeitos podem querer exercer hegemonia de saberes e poderes, em detrimento a discursos que vêm de lugares discursivos outros.

Interessante pensar que, pelo fato dos sujeitos revisores possuírem domínio do idioma para o qual se traduzem os artigos, e também, serem cirurgiões-dentistas, os enunciados provindos destes sujeitos tendem a prevalecer sobre os discursos dos tradutores. A partir das relações de poder estabelecidas pelo pertencimento a determinadas comunidades interpretativas, que nada mais são que comunidades de discursos, como é trazido por Pêcheux, podemos cotejar a resistência de dado sujeito ao poder/ saber de outro?

Pensando nestas “sociedades de discurso”, e trazendo para esta pesquisa, podemos observar que a apropriação social destes discursos diz respeito também a um saber ‘especializado’, os quais dizem respeito a sistemas de ensino, acesso a determinados tipos de conhecimento que promovem ‘distanciamentos’, oposições e lutas sociais, como nos diz Foucault em ‘*A ordem do discurso*’ (2009). Concordamos com este autor quando nos diz que “Todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e poderes que eles trazem consigo” (FOUCAULT, 2009, p. 04).

Diante disso, podemos nos adiantar e pensar na possibilidade dos sujeitos autor e revisor, sujeitos constituídos pelo discurso das ciências biomédicas, utilizarem deste saber para lançar mão do poder e das produções de verdade, sobre o sujeito tradutor que, em que pese trabalhar com textos da área, não possui formação especializada para enfrentar ou burlar essas distâncias e oposições instauradas pela ordem do discurso deste grupo de sujeitos.

Avançando em nosso raciocínio para esta discussão, nos propomos a entender as relações de saber/ poder, bem como as relações de forças e produção de verdades.

Foucault escreve que, “toda geração produz suas próprias verdades e que, essas produções de verdades não podem ser dissociadas do poder e dos mecanismos de poder” (FOUCAULT, 1995, p. 229). Ele também procura definir o poder "como não sendo uma instituição, nem uma estrutura, nem um poder estatal, mas um lugar estratégico onde se encontram as relações de forças". Essa tese, formulada por ele como uma questão, é retomada em “*A Vontade de Saber*” de forma precisa, em que explora suas consequências: "a análise do poder não deve postular, como dados iniciais, a soberania do Estado, a forma da lei ou a unidade

global de uma dominação; estas são antes de mais nada suas formas terminais" (FOUCAULT, 1988, p. 88)

O poder é, assim,

a multiplicidade de correlações de força imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que através de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça, inverte; os apoios que tais correlações de força encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas ou, ao contrário, as defasagens e contradições que as isolam entre si; enfim, as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemonias sociais. [...] o poder não é nem uma estrutura, não é uma potência de que alguns seriam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada (FOUCAULT, 1988, p. 88-89).

No quarto volume de *Ditos e Escritos* (1995) diz-se que, para Foucault a palavra ‘poder’ sempre foi associada à noção de soberania estatal, mas o filósofo traz em seu livro como “um lugar estratégico onde se encontram todas as relações de forças poder/saber” (FOUCAULT, 2006, p. 231).

Para ilustrar melhor, podemos dizer que as relações de poder existem entre um homem e uma mulher, entre aquele que sabe e aquele que não sabe, entre os pais e as crianças, na família. Na sociedade, há milhares e milhares de relações de poder e, por conseguinte, relações de forças de pequenos enfrentamentos, micro lutas, de algum modo. Se é verdade que essas pequenas relações de poder são com frequência comandadas, induzidas do alto pelos grandes poderes de Estado ou pelas grandes dominações de classe, é preciso dizer que, em sentido inverso, uma dominação de classe ou uma estrutura de Estado só podem bem funcionar se há, na base, essas pequenas relações de poder (FOUCAULT, 1982).

Em sua reflexão sobre o poder, o autor procura pensá-lo articulado aos atos que nos submetem ao governo, a sermos governados. Diz-nos que é "um tipo particular de relações entre indivíduos. E essas relações são específicas: dito de outro modo, elas nada têm a ver com a troca, a produção e a comunicação, mesmo se elas lhe são associadas" (FOUCAULT, 1982, p. 384).

A busca por uma genealogia do poder parece aflorar no pensamento de Foucault a partir da década de 1970, especialmente pela publicação de *Vigiar e Punir* (1975) e da *História da Sexualidade I*. Em 1976, *A Vontade de Saber* veio complementar seu projeto de uma arqueologia do saber.

Enquanto a Arqueologia¹⁷ (Ser-Saber) buscava compreender as maneiras como se originavam, bem como as transformações dos saberes, a genealogia¹⁸ (Poder-Saber), por sua vez, pretendia entender o surgimento imanente destes saberes, pois são possibilidades externas destes; não se trata de pensá-los cartesianamente, meros efeitos ou saberes resultantes, mas sim, percebê-los como componentes de um dispositivo cuja natureza é estratégica. Parece-nos possível concluir que Foucault quer demonstrar que os indivíduos são resultado dessas relações de poder, e que não há sociedade (s) livre (s) de relações de poder. Portanto, entendemos que o que existem são relações de poder, não ‘o Poder’, ou seja, o poder é uma prática sócio historicamente constituída.

O poder revela-se elemento capaz de explicitar como os saberes se produzem, além de aclarar o modo como nos constituímos na articulação entre ambos (DANNER, 2009).

Em *Microfísica do Poder* (1982), Foucault defende que, há uma rede de micro poderes articulados que perpassam toda a estrutura social. Segundo ele trata-se de

captar o poder em suas extremidades, lá onde ele se torna capilar; captar o poder nas suas formas e instituições mais regionais e locais, principalmente no ponto em que, ultrapassando as regras de direito que o organizam e delimitam, ele se prolonga, penetra em instituições, corporifica-se em técnicas e se mune de instrumentos de intervenção material, eventualmente violentos (FOUCAULT, 1982, p. 182).

Podemos pensar se micro poderes atravessam discursos nesta materialidade específica, ou seja, na revista odontológica em questão, a partir da qual os artigos foram selecionados para esta dissertação.

Importante atentarmos para a organização e critérios para que se possam submeter textos científicos para publicação nesse periódico eletrônico. Ainda que, inicialmente os artigos sejam submetidos por seus autores em português, e avaliados por uma comissão científica da revista composta por profissionais de Odontologia, a etapa seguinte envolve a tradução dos mesmos para o inglês, para que a comunidade científica internacional da área possa ter acesso on-line do assunto em questão. Mas, até a publicação dos mesmos, o processo de tradução é

¹⁷ O uso da palavra arqueologia remete ao procedimento de escavar verticalmente as camadas descontínua dos discursos pronunciados sem, no entanto, procurar depreender as estruturas universais presentes em qualquer conhecimento ou qualquer ação moral. O que está em pauta na análise foucaultiana dos discursos é a articulação acerca do que pensamos, dizemos e fazemos caracterizando determinado período, uma vês em que o acontecimento discursivo são acontecimentos históricos.

FONTE: <http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/saraazevedo.pdf>

¹⁸ Entende-se que a parte do trabalho de Foucault, denominada genealogia diz respeito às relações de poder.

FONTE: <http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/saraazevedo.pdf>

realizado, primeiramente, por profissionais de tradução conhecedores das normas técnicas da revista e que tenham o devido conhecimento do idioma e da tradução de textos científicos. Depois de traduzidos para o inglês, estes textos passam pela revisão técnica, realizada por um ou até dois revisores, cirurgiões-dentistas brasileiros, que também possuam o conhecimento do idioma para o qual os textos serão traduzidos.

Segundo Foucault (1982), o poder não pode ser visto como um processo global, com dominação soberana e centralizada, funcionando antes como uma rede de dispositivos ou mecanismos que atravessam toda a sociedade, do qual ninguém passa incólume. Deste modo, o artigo de Odontologia, publicado on-line em inglês, pela revista, faz parte de dispositivos onde saberes e poderes são expostos e desafiados o tempo todo; e, a partir da percepção de como estão engendrados, podemos analisar as marcas dos sujeitos envolvidos no processo tradutório destes textos científicos.

A hierarquização do conhecimento e a valoração deste, pelos critérios de seleção e aceite dos artigos para publicação, por parte da revista, aponta para o emaranhado de poderes que permeia o discurso dos profissionais envolvidos na tradução e revisão dos textos para publicação. Todo este processo conecta-se à legitimação da racionalidade capitalista, que corrobora para o escalonamento de critérios de valorização dos saberes e estabelecimento das relações de poder no meio científico em questão.

Podemos perceber que, os indivíduos são resultado de inúmeros processos de objetivação que ocorrem nas redes de poderes, que apreendem, detêm, dividem e classificam.

Em *Vigiar e Punir*, 1977, Foucault assevera-nos:

O estudo desta microfísica supõe que o poder nela exercido não seja concebido como uma propriedade, mas como uma estratégia, que seus efeitos de dominação não sejam atribuídos a uma ‘apropriação’, mas a disposições, a manobras, a táticas, a técnicas, a funcionamentos; que se desvende nele antes uma rede de relações sempre tensas, sempre em atividade, que um privilégio que se pudesse deter; que se seja dado como modelo antes a batalha perpétua que o contrato que faz uma cessão ou uma conquista que se apodera de um domínio. Temos, em suma, de admitir que esse poder se exerce mais do que se possui, que não é ‘privilégio’ adquirido ou conservado da classe dominante, mas o efeito de conjunto de suas posições estratégicas— efeito manifestado e às vezes reconduzido pela posição dos que são dominados (FOUCAULT, 1977, p. 29).

As investigações de Foucault parecem evidenciar que existe um tipo de ‘fisiologia’ do poder, ou seja, o poder funciona por sistemas, porém não estão localizados em lugar específico, porém que irradiam, fluindo e circulando por toda a estrutura social, deslizando por ela. São relações de poder que alicerçam um sistema de poder, e se exerce como uma multiplicidade de

relações de força, a partir de instituições que mantêm uma ligação social, política entre si com base no Estado. “O poder está em toda parte; não porque englobe tudo, e sim porque provém de todos os lugares” (FOUCAULT, 1982, p.91).

Fique claro, que o filósofo não considera a ideia de poder, fundamentada em modelos econômicos, onde o poder poderia ser um bem ou uma mercadoria. Ao tratar da genealogia do poder, em sua *Microfísica do Poder* (1982) discorre sobre o poder enquanto luta, enfrentamento, uma disputa e uma relação de forças estratégicas que têm intenção de multiplicar benefícios, acumular vantagens, prevalecer e, se necessário silenciar para se fazer ouvir. A base dessas relações seria, por vezes, uma sutil e quase camuflada beligerância, marcada por persistente antagonismo. O poder em Foucault reprime, mas também produz efeitos de saber e verdade. Procura mostrar que não se qualifica o poder como essencialmente repressivo, que apenas impõe limites e cerceia, mas acrescenta a dimensão positiva do poder, que procura compreender o poder livre de expressões como dominação e repressão. Em *Vigiar e Punir*, (1977), afirma:

“É preciso parar de sempre descrever os efeitos do poder em termos negativos: ‘ele exclui’, ele ‘reprime’ ele ‘recalca’, ele ‘censura’, ele ‘abstrai’, ele ‘esconde’. De fato, o poder produz; ele produz real; produz domínios de objetos e rituais de verdade. O indivíduo e o conhecimento que dele se pode ter se originam nessa produção” (FOUCAULT, 1977, p.161).

Segundo o autor, o poder produz saber, e poder e saber encontram-se mutuamente enredados; outrossim, não existe relação de poder sem campo de saber correlato, nem um saber que não conjecture concomitantemente relações de poder. A análise não deve ser feita a partir de um sujeito de conhecimento; “mas é preciso considerar ao contrário que o sujeito que conhece; os objetos a conhecer e as modalidades de conhecimento são outros tantos efeitos dessas implicações fundamentais do poder-saber e de suas transformações históricas” (FOUCAULT, 1977, p.161), como podemos observar nas relações entre autor, tradutor e revisor, aqui em discussão

Isto posto, entendemos que, não é a atividade do conhecimento que é capaz de produzir um saber apartado do poder, mas o saber-poder, os processos e lutas que os atravessam e os constituem que determinam os campos e maneiras possíveis do conhecimento (FOUCAULT, 1977).

2.3.2 Processos de Subjetivação, poder e saber

Foucault, em “O sujeito e o poder” (1982a), reflete sobre os diferentes modos de subjetivação do ser humano em nossa cultura ocidental. Segundo o filósofo, a produção dos saberes e o poder estão, de certa maneira, enredados na construção dos processos de subjetivação. O filósofo refere-se a mecanismos de objetivação e de subjetivação que subsidiam processos de constituição do sujeito. Os primeiros mecanismos visam fazer do homem um objeto, ou seja, referem-se aos processos disciplinares que pretendem tornar o homem/mulher um ser economicamente útil e politicamente dócil. Os segundos, referem-se aos processos, na sociedade, que fazem do homem/mulher um sujeito preso a uma identidade que lhe é atribuída como sua (FOUCAULT, 1982 apud RABINOV; DREYFUS, 1995).

Percebe-se, no entanto que, a utilização dos conceitos de objetivação e subjetivação, não é feita por Foucault, atribuindo-se lhes sentido único. Em sua obra como um todo, ora estes conceitos parecem caracterizar fenômenos diferentes, ora aspectos de um mesmo fenômeno, e ainda às vezes, distintos fenômenos que ele pretendia estudar. Parece-nos coerente, no entanto, pensar em objetivação e subjetivação como mecanismos que precedem à constituição do sujeito, cabendo o termo ‘sujeito’ para se designar o indivíduo preso a uma identidade que reconhece sua. O sujeito é, portanto, “o lugar para onde Foucault olhará na construção da sua obra. Ele é o seu objeto, seja enquanto objeto de poder, seja enquanto objeto de construção identitária” (GREGOLIN, 2004, p. 58).

Os escritos de Foucault buscam depreender discursos em que o próprio sujeito é colocado como objeto de saber possível, e quais “os processos de subjetivação e de objetivação que fazem com que o sujeito possa se tornar, na qualidade de sujeito, objeto de conhecimento.” (FOUCAULT, 2004, p. 236).

Os chamados processos de subjetivação, nesse caso, remetem ao modo como o próprio homem percebe-se como sujeito legítimo de determinado tipo de conhecimento, ou melhor, como o sujeito percebe a si mesmo na relação sujeito-objeto. Os processos de objetivação, por sua vez, remetem ao modo como o sujeito pôde se tornar um objeto para o conhecimento. A objetivação e a subjetivação são, portanto, processos complementares que se correlacionam por meio do que Foucault decidiu chamar de jogos de verdade. O autor compreende jogos de verdade, “não a descoberta das coisas verdadeiras, mas as regras segundo as quais, a respeito de certas coisas, aquilo que um sujeito pode dizer decorre da questão do verdadeiro e do falso.” (FOUCAULT, 2004, p.235).

Os jogos de verdade são, pois, os modos, pelo quais, discursos podem ou não se tornar verdadeiros, de acordo com as circunstâncias em que são ditos; a maneira pela qual um determinado tipo de objeto se relaciona com o sujeito. No caso do aparecimento das ciências humanas deparamo-nos com práticas discursivas em que o sujeito se torna o objeto privilegiado de investigação e de discursos que podem ser verdadeiros ou falsos. Temos, deste modo, o sujeito compreendido como objeto de conhecimento e, ao mesmo tempo, sujeito detentor deste conhecimento. Todavia, parece que Foucault, ao examinar a relação entre os jogos de verdade e a objetivação do sujeito nas ciências humanas, foi conduzido às relações de poder, já que na sociedade, os discursos das ciências humanas funcionam não apenas como práticas discursivas, mas, sobretudo, como práticas coercitivas (CASTANHEIRA, 2012).

Reconhecer essa relação entre poder e saber levou Foucault a refletir sobre as condições históricas, políticas e econômicas que possibilitaram seu surgimento. Buscou complementar a análise do saber a partir da articulação entre os discursos de verdade e as práticas sociais e institucionais, isto é, como os saberes tornam-se dispositivos políticos que auxiliam os mecanismos de poder. A preocupação de Foucault volta-se, então, para os efeitos coercitivos das práticas discursivas e das práticas institucionais, que funcionam em uma dinâmica circular em que a mecânica do poder reclama os efeitos de verdade.

Afirmar que, a questão do poder está diretamente relacionada à questão do sujeito não quer dizer que o poder contamina um sujeito pré-existente. Na verdade, a maneira como o saber-poder atua é dando a ele uma posição no discurso: “esse saber não se impôs a um sujeito de conhecimento, não se propôs a ele, nem se imprimiu nele, mas fez nascer um tipo absolutamente novo de sujeito de conhecimento” (FOUCAULT, 2009, p.8), a exemplo do revisor nos textos de Odontologia ou de outras áreas também específicas.

Ao falarmos sobre produção de subjetividade, deixamos de lado qualquer noção de subjetividade pré-social, pois, trata-se de um constante processo social de geração de sentidos, assim como ao refletirmos sobre o discurso, o sujeito e a produção de subjetividades, entendemos que são elementos marcados por incompletude, ou seja, inacabados e em constante (re) encadeamento. Assim, falar em produção da subjetividade, em Foucault, significa dizer que esta última não é entendida como origem, mas como um sistema, de acordo com a configuração sócio-histórica em que se situa (FERNANDES, 2011, p.1).

Foucault (2006) nos diz que os processos de subjetivação se dobram sobre procedimentos de sujeição, e que ao filósofo é relevante estudar a subjetividade como efeito desse processo complexo, que tem a ver com condições políticas da emergência dos poderes

instituídos; ou dito de outro modo, perceber a correlação inerente aos eixos, saber, poder e subjetivação, na construção dos sujeitos.

Sabedores de que a subjetivação não possui lugar exclusivo no interior desses vetores, além de entender que, o sistema de saberes e poderes não produz tão somente subjetividades disciplinadas e submetidas, podemos entender que, no processo tradutório dos textos da saúde, há possibilidade de aparecimento de marcas dos sujeitos, marcada pela resistência dos mesmos às relações de poder e às subjetividades instituídas e normatizadas.

No próximo eixo de análise, traremos pressupostos sobre a abordagem desconstrutivista desta dissertação. Os escritos de Jacques Derrida e outros autores da perspectiva pós-moderna da tradução serão trazidos para fundamentar esta parte do trabalho.

2.4 GAPS DA COMPLETEUDE: O ENTRE-LUGAR DO PROCESSO TRADUTÓRIO NA/ DA ODONTOLOGIA

Nesta seção, queremos tecer algumas considerações sobre as ideias de Jacques Derrida, trazendo aspectos desta perspectiva Desconstrucionista da tradução para melhor compreensão de elementos que serão trazidos em seções posteriores, levando-se em conta o recorte teórico deste trabalho. A partir de pressupostos teóricos da Desconstrução, discutiremos os possíveis “gaps” observados no entre-lugar da tradução de artigos científicos dessa área específica das Ciências Biomédicas.

2.4.1 Desconstrucionismo Derridiano

Derrida inclina-se sobre o que ele mesmo chama de ‘metafísica ocidental’, ou seja, à maneira de se pensar o mundo e, ao mesmo tempo, utilizar-se da linguagem tanto para expressar como para ‘encobrir’ as contradições desse sistema de ideias. A proposta da desconstrução é questionar o que está estabelecido, e como sugere Arrojo (2003), um tipo de raciocínio, onde se busca ‘de-sedimentar’, despojar-se de todas as significações de *logos*, especialmente a significação do que seja ‘a verdade’.

O filósofo francês retoma algumas posições questionadoras de Nietzsche a respeito de verdade única, enquanto versão singular e exclusiva da realidade dos fatos, pela incapacidade de se abalar uma certeza construída e constituída pelo logocentrismo e marcada por meio de construções binárias, como certo-errado, positivo-negativo, claro-escuro, direito-avesso, substância-essência fala-escrita, e assim por diante; e propõe que seja adotada uma estratégia

de leitura que usa das próprias palavras contraditórias do discurso logocêntrico para desconstruí-lo. É aplicar o veneno da serpente processado, ou seja, desconstruído, transformado em medicamento, para a cura. ‘Des-alocar’ para ‘realocar’; é desmanchar, desmontar para ver como funciona, e montar novamente por outra perspectiva.

Segundo o próprio Derrida (1985), em *Carta a um amigo japonês*, a intenção é desarticular as partes de um todo, sem, no entanto, tornar a desconstrução mais um método, o que remontaria a uma visão mecanicista, herança de um estruturalismo, ao qual se propunha decompor, (de) sedimentar estruturas, questionar e repensar o pré-estabelecido. Derrida também afirma que, a tradução deveria considerar o fato da desconstrução não ser uma análise ou crítica, tampouco uma ‘técnica’ a mais, na tentativa de se chegar à partícula mais simples; antes, é uma reflexão para que se compreenda melhor os processos envolvidos, sendo o próprio aparelho da crítica transcendental um dos alvos da desconstrução (DERRIDA, 1985).

Coloca-se em dúvida a verdade dita “absoluta”, a partir do questionamento a respeito de pressupostos históricos no qual se apoia o discurso da metafísica ocidental¹⁹, sendo possível afirmar que, seu pensamento pode ser traduzido por uma constante violência contra a interpretação clássica de algumas obras e, tentativa de derribar o uso ambíguo de certos conceitos, mormente contra o que ele mesmo apresenta como certa ‘ingenuidade’ filosófica de boa parte dos chamados autores ‘estruturalistas’ (SANTIAGO, 1976).

A proposta de Derrida recebeu o nome de “desconstrução”, uma vez que, o mecanismo de abordagem do texto consistiria, fundamentalmente, no “desmonte” mesmo do texto, visando mostrar o que nele existe, inclusive os significados que não se ofereciam explicitamente ao leitor.

2.4.2 Derrida e a Tradução

Em relação à tradução, o filósofo franco-argelino problematiza definições de tradução como a de Jakobson; faz também considerações a respeito da questão da dívida à qual tradutor fica sujeito, a partir de Walter Benjamin, em “A tarefa do tradutor” (2008). Além de analisar metáforas benjaminianas, pontua questões específicas sobre o direito de autoria e verdade, entre outras. Derrida reflete ainda sobre múltiplos aspectos relacionados à tradução; por exemplo, ao considerar que há uma produção de sentidos, derruba a ideia de um significado intrínseco,

¹⁹ Derrida refere-se constantemente à “metafísica ocidental”. Em dois milênios de tradição idealista, a metafísica (do grego *tà metà tà physiká*) tornou-se a parte mais importante da filosofia ou, como dizem, também, era a própria filosofia (GOULART, 2003, p. 10)

colocando em dúvida a possibilidade de existência de significado imanente ao dito ‘original’, fazendo-nos refletir sobre essência do significado e suas implicações para a tradução (SILVA, 2006). O filósofo alerta para a necessidade de se (des) confiar dos bem-comportados procedimentos do discurso, porque novos significados podem ser atribuídos, o que aponta para a possibilidade de abertura das comportas de significação, de modo que possam rolar, sem impedimento algum, “todos os significados que o logocentrismo, manifestação da metafísica ocidental, escamoteou e recalcou em nome de seu projeto autoritário e unificador” (GOULART, 2003, p.2).

Importante salientar que a linguagem ocupa uma posição fundamental nas reflexões de Derrida, e segundo este autor, é um equívoco pressupor que a verdade pode ser encontrada na essência das coisas. Outrossim, o filósofo argelino questiona o estabelecimento de relações binárias, originadas na lógica, pois, tais relações acabam alicerçando identidades precisas, e ‘pré-definidas’ verdades, onde as coisas podem ser verdadeiras ou falsas, finitas ou infinitas, boas ou más (GOULART, 2003).

Pensar que o mundo se apresenta na forma de conteúdos logicamente estabelecidos é pressupor que, a realidade apresentada, de acordo com os fundamentos da lógica, é igualmente verdadeira e coerente; além disso, tudo que se opusesse a estes princípios não seria verdadeiro, e, portanto, incorreto. Derrida alerta ser relevante compreender que nossa consciência tem uma ‘intuição de mundo’, além da lógica, mesmo porque, a lógica só pode atuar depois que intuímos aquilo que nossa consciência captou. Ele afirma ainda que são a consciência e a linguagem que nos habilitam ter ciência das coisas (DERRIDA, 2001).

Em seu livro *Posições* (2001), Derrida indica a necessidade de se pensar no quanto as palavras podem significar, e não apenas no que elas significam. Por isso, é preciso pensar a linguagem, considerando-se a riqueza de seus diferentes significados, suas diferenças, bem como os jogos de associação que eles possibilitam, realizando arranjos e combinações tão múltiplas que jamais se poderá pensar em uma única interpretação para um mesmo texto.

Em relação à questão da linguagem é preciso lembrar que, segundo este autor, tudo aquilo que se quer arvorar como verdade é, ao final, resultado de uma articulação linguística que sempre é marcada por indeterminação e ambiguidades.

A crítica que faz da linguagem amplia-se, por conseguinte, uma crítica sobre toda a filosofia ocidental, questiona elementos e sentidos que a lógica excluiu de nossa intuição consciente. Vê-se assim que “o filósofo trabalha com a perspectiva do resgate de perdas que tiveram lugar na dimensão explícita do discurso textual” (GOULART, 2003, p. 9).

A própria palavra *desconstrução* é bastante significativa e sua ‘carga semântica’ sugere o trabalho de Derrida, indicando o ato de desmanchar postulados, princípios, perspectivas, de modo a questionar a estrutura interna dos textos, como se, para compreender a matéria, buscando-se, inclusive, perceber a organização das moléculas que a constituem e os movimentos que acontecem em seu interior, os quais permitem que sua constituição seja uma e não outra. Pode-se compreender a *desconstrução* como tentativa de um ‘diálogo crítico’, desmascarando estruturas e vozes que pretendem impor-se como expressões de verdade absoluta, definitiva, incontestável, as quais acabam, por sufocar tantas outras vozes que são impedidas de ecoar.

O Desconstrucionismo derridiano denuncia o caráter arbitrário de manobras que buscam absolutizar essas verdades. Essa ‘operação’ pretende abandonar a referência a um *centro*, a um *sujeito*, a uma origem absoluta.

Como já mencionado, a perspectiva derridiana pode ser compreendida a partir de questionamentos feitos pelo filósofo, ao que ele chama de a metafísica ocidental. Entre os elementos desconstruídos encontram-se: o princípio da *indeterminação*, as noções de *jogo*, *suplemento*, *diferença*, *escritura* e *traço*. Veremos também alguns desdobramentos que podem ser pensados, partindo-se da perspectiva desconstrutora.

Segundo este autor, o significado não fica na dependência nem na intenção, tampouco da presença de um falante apenas; pois, segundo ele, o contexto de produção e interpretação são relevantes, tornando o significado contextual e relacional. O significado de um signo é o ‘significado deste signo-em-um-dado-contexto’, ou seja, ele é dependente do significado daquele signo em todos os demais contextos onde, eventualmente, ele poderá ser utilizado. Além disso, pode-se dizer que, significado de um signo é indeterminado, diferentemente do logocentrismo que, baseia-se nas intenções do falante e possui significado determinado (GOULART, 2003).

Esse princípio desconstrói a concepção de significado transcendental, uma origem absoluta do sentido, preconizado pelo logocentrismo. Assim, significado existe apenas em termos relacionais e diferenciais, trazendo outro dimensionamento ao princípio da significação, tornando-o “efeito de sentido”, ou seja, torna-se “discurso”, ou um “dizer em curso”.

O conceito de ‘jogo’, na Desconstrução derridiana, aponta para a possibilidade de substituições infinitas que podem ser efetuadas nas operações da linguagem, e ainda que língua, constitua-se de possibilidades finitas, há ilimitadas maneiras à sua reorganização.

Para elucidar melhor, julgamos relevante uma conceituação operacional de língua que é constituída por um número finito de elementos, ou seja, os fonemas. Tais elementos podem

articular-se em leis combinatórias que se realizam, igualmente, em um número finito. No entanto, mesmo com essa finitude de elementos e de leis combinatórias há possibilidade que haja um desempenho infinito. E, a esse campo de combinações infinitas, dentro de um conjunto finito é que Derrida denomina de *jogo* (GOULART, 2003).

Uma vez mais, percebe-se que este *jogo* decorre da (im) possibilidade na crença de um significado transcendental, pois, essas mesmas substituições infinitas, nesse espectro do jogo evitam a possibilidade de existência de um centro de origem fixa, em um ponto de presença. Ao se desbancar elementos como centro, origem, presença e, por conseguinte, derribam a origem absoluta de sentidos (DERRIDA, 2001).

Nota-se a inquietante movimentação, diante do impasse que sempre se faz presente, entre a necessidade e a impossibilidade da tradução, este jogo da/na *différance*²⁰, que implica em adiamento de sentido e para a possibilidade de um sentido que pode diferir, que pode ser outro.

No texto científico, as escolhas para tradução de determinados termos, mediante interpretação de um termo ou conceito, pelos sujeitos tradutor e revisor envolvidos no processo, pode incorrer em escolhas de sentidos no texto da tradução, onde outros sentidos poderiam elucidar melhor o conceito que se pretende traduzir, dependendo do contexto e condições de produção dos discursos. Na sessão de análise, traremos excertos que poderão ilustrar melhor as questões onde a interpretação feita de maneira diferente, por sujeitos envolvidos na tradução dos textos pode acarretar sentidos que se distanciam do conceito proposto pelo sujeito autor, justamente pelo deslizamento e pelo jogo da *différance*, que implicará em diferentes gestos de interpretação.

Outrossim, há duas outras categorias bastante caras ao Desconstrucionismo derridiano: as noções de *suplemento e diferença*.

A falta de um centro que permita um jogo de substituições é que permite o aparecimento deste *suplemento*; ou seja, essa ausência de centro ou de origem será substituída por um signo que irá suprir essa ausência, e essa “suplementação”, essa presença do suplemento é desempenhada por um ‘suplente’ que provê, de maneira transitória, a ausência de centro.

Olher afirma:

Como a escritura só é suplemento da fala porque marca o rastro do rastro, porque a fala pede aquilo que lhe falta, ou seja, a ausência é marcada pela demanda da presença, posso assumir que o mesmo ocorre com a tradução em

²⁰ Neografismo produzido a partir da introdução da letra a na escrita da palavra *différence*. A *différance* não é “nem um conceito, nem uma palavra”, [...]. Esta “discreta intervenção gráfica” (a em lugar do e) será significativa no decorrer de um questionamento da tradição fonocêntrica, [...] o ‘a’ de *différance* propõe-se como uma “marca muda”, se escreve ou se lê, mas não se ouve [...] (p. 22 - 4) (SANTIAGO, 1976, p.22-4) Ed. Francisco Alves.

relação ao original. Ao mesmo tempo em que o texto traduzido vem atender à demanda do original, assumindo o “lugar” de suplemento, esse ‘novo’²¹ texto se inscreve na cadeia da continuidade da obra, como num círculo vicioso e infinito, condicionando o original à tradução para sua própria (sobre) vivência (OLHER, 2010, p.120).

Pela desconstrução a ‘não presença’ de uma função de centro acarreta a possibilidade de um jogo de substituições. E, é justamente esse jogo de substituições que irá gerar este suplemento; ou seja, a ausência de centro ou de origem será substituída por um signo que irá suprir a necessidade de sentido, e a “suplementação”, ou seja, essa presença de suplemento é desempenhada por um elemento ‘suplente’, capaz de dotar, de maneira transitória, a ausência de centro. Essa função é vicariante²², aquela que suplementa uma função e a demanda provocadas pela ausência de um outro elemento, como nos casos, por exemplo, de insuficiência renal, quando um paciente com insuficiência renal unilateral ou nefrectomizado, o outro rim "sadio", supre essa insuficiência/deficiência como suplementar à função renal. Também pode-se pensar no transplante de rim, onde outro rim é colocado e passa a cumprir a função renal, que um ou dois rins da própria pessoa não dão conta de suprir. A tradução igualmente suplementa a insuficiência do ‘original’ de desempenhar completamente a função de comunicar as pesquisas realizadas e relatadas em português à comunidade científica internacional da Odontologia, a nível mundial, e que pôde ser visto nos textos analisados nesta pesquisa.

Otoni acredita que:

A tradução impõe uma resistência, impossível de ser totalmente analisável, no momento em que se manifestam as línguas envolvidas na tradução. É por isso que, para ele, o tradutor é alguém que está no “meio” das línguas e é inseparável de seu objeto (a língua). O sujeito, ao traduzir, está “entre” a diferença de dois sistemas linguísticos e no “meio” das várias línguas que compõem as línguas envolvidas na tradução (OTTONI, 2005, p. 99).

A tradução supre a falta pressentida pela própria demanda do original, agrega valores e amplia a obra, tonando-se dispositivo de interação, fazendo conexão entre ‘velho’ e ‘novo’, passado e presente, entre sujeitos e culturas (OLHER, 2010).

Derrida defende a impossibilidade de uma origem absoluta, de uma conclusão ao que chama de Mito de Babel, pelo sempre adiamento do sentido completo e concluso dos significados, pela multiplicidade de sentidos que um enunciado possa produzir, ou, ainda, pelas muitas línguas presentes no interior de uma língua. A substituição de ‘a’ no lugar do ‘e’, por

²¹ Aspas nossas.

²² FONTE: <http://www.dicio.com.br/vicariante/>. Quando um órgão torna-se capaz de suprir a insuficiência de outro
ACESSO em: 30/03/2015

meio da palavra *différance* sinaliza para esta imprecisão da tradição fonocêntrica, onde o ‘a’, neste neografismo aparece de maneira concreta, porém ‘muda’, ou seja, a pronúncia para ambos os vocábulos, *différence* e *différance* é a mesma, confirmando a impossibilidade de uma escritura foneticamente ‘pura’ (GOULART, 2003).

Rodrigues (2000) opta pelo termo ‘diferência’, para discorrer a respeito da *différance*, que segundo esta autora, trata-se de um conceito econômico para assinalar o duplo sentido do verbo ‘diferir’, o qual “supõe que não haja síntese possível e que nenhum elemento possa estar presente em si, referindo-se apenas a si próprio” (RODRIGUES, 2000, p. 198).

O duplo sentido deste verbo ‘diferir’ que, em francês, dá a ideia de algo que é procrastinado, adiado, postergado, como também significa ‘diferir’ no sentido de ‘ser diferente’, discrepar, distinguir-se. Portanto, o termo *différance* abarca tanto a diferença quanto o adiamento, podendo representar um intervalo como retardo. Fala de um infundo processo de adiamentos e restituições, não existindo o encontro de uma presença exterior à linguagem (DERRIDA, 2001).

“Esse jogo de diferenças e remissões é anterior à própria fala, inscreve a diferença na escritura antes da própria fala e abala a oposição tradicionalmente estabelecida entre fala e escritura e a priorização da primeira sobre a segunda” (RODRIGUES, 2000, p.198).

Pensar em ‘algo ou alguma coisa que está em lugar de outra’, desvela que o signo ‘torna presente algo que está ausente’, descortinando uma nítida função de substituição. Assim,

Quando não podemos tomar ou mostrar a coisa, passamos pelo desvio do signo [...]. A circulação dos signos difere o momento em que poderíamos encontrar a própria coisa [...]. O signo, diferindo a presença, só é pensável a partir da presença que ele difere e em vista da presença diferida que se quer (re) apropriar (SANTIAGO, 1976. p. 85).

Dessa forma, a chamada primazia do fonocentrismo que Derrida questiona em Saussure, traz à tona a discussão da fala sobre a escrita, pois para Saussure, a escrita (ou escritura, como prefere Derrida) nada mais é do que a ‘figuração da linguagem’, motivo por que a escrita figura como vilã e usurpadora, podendo ser perfeitamente excluída *dentro* da linguagem. Isso significa que, uma vez excluída a escrita, não acarretaria prejuízo à fala (GOULART, 2003).

A escritura para Derrida é movimento dinâmico que, se comparado ao código genético, assemelha-se à molécula do DNA, pois mostra por um lado da organização, ou seja, uma hélice que é a estrutura que servirá como base e referencial à inicialização do (s) processo (s) de transcrição, tradução e recriação da mensagem contida nesta base ‘inicializadora’ que, deverá resultar em outra molécula de DNA. Dependendo das relações e interações que se estabeleçam durante o processo, da necessidade da célula e da ‘programação’ deste código decorrente de

inúmeros fatores genéticos congênitos e/ou adquiridos (internos ou externos ao fator genético implicado) surgirá como produto deste processo uma molécula outra, com características, funções e finalidade próprias e específicas. Há uma estrutura inicial, determinada por regras e funções específicas, que promoverá um deslizamento dos nucleotídeos,²³ durante o processo, e por meio de pequenas modificações, dentro dos elementos presentes nas hélices, por diferentes gestos de leitura do código genético em questão, o produto final apresenta uma identidade outra, quando pequenas (re) leituras são feitas. Assim, na tradução dos textos existe um deslizamento, onde pequenas modificações podem gerar efeitos de sentido diversos, e mesmo guardando familiaridade com o texto do qual se partiu, terá sua própria materialidade, função e destinação.

Com base nesses pressupostos teóricos, torna-se importante lembrar que a tradução de textos da Odontologia possui um texto de partida, redigido por um ou mais autores, o qual servirá de base e referência para o texto que se pretende reescrever em outro idioma. Portanto, podemos concluir que nesse ‘outro’ texto há, sim, deslizamentos de sentido no processo, pela própria natureza da tradução enquanto transformação e que, haverá leituras diversas no texto de chegada, dependendo de gestos de interpretação por parte dos sujeitos envolvidos no processo como um todo. O tradutor e o revisor são sujeitos negociadores de sentido ao texto que vai suplementar o chamado ‘original, ou seja, o texto da tradução.

Alguns pontos e desdobramentos da operacionalização da Desconstrução derridiana devem ser ressaltados, uma vez mais, para mostrar que a Desconstrução não é um outro método, ou mais uma filosofia.

Derrida, em “*Carta a um amigo japonês*” escreve que:

Apesar das aparências a desconstrução não é nem uma *análise* nem uma *crítica*, e a tradução deveria levar isso em conta. Não é uma análise, em particular, porque a desmontagem de uma estrutura não é uma regressão em direção ao *elemento simples*, em direção a uma *origem indecomponível*. Esses valores, assim como os de análise, são eles mesmos filosofemas submetidos à desconstrução. Não é também uma crítica, em um sentido geral ou em um sentido kantiano. A instância do *krinein* ou *krisis* (decisão, escolha, julgamento, discernimento) é ela mesma, como aliás todo o aparelho da crítica transcendental, um dos ‘temas’ ou dos ‘objetos’ essenciais da desconstrução (DERRIDA, 1998, p. 22).

²³ NUCLEOTÍDEOS: O nucleotídeo é um conjunto formado pela associação de 3 moléculas – uma base nitrogenada, um grupamento fosfato e um glicídio do grupo das pentoses. Desta forma, podemos ter variações dentro destes ligantes, como, por exemplo: no DNA temos a presença da pentose desoxirribose, enquanto que no RNA temos a presença da pentose ribose. Dependendo das relações que se estabelecem nos processos de multiplicação celular, haverá possibilidade de ligações que serão interpretadas de diferentes maneiras durante os processos de multiplicação celular.

FONTE: <http://www.brasilecola.com/biologia/nucleotideo.htm>. ACESSO: 14/04/2015.

Na acepção filosófica de Derrida, como dito no início desta seção, desconstrução não significa demolição apenas, ou então, implosão de ideias, conceitos, teorias, princípios e objetivos, mas sim, demonstrar uma tal (re) leitura, onde não há centro e lugar privilegiado, de onde possa proceder um significado transcendental.

A desconstrução é um acontecimento; ela possui um lugar, e não requer deliberação, consciência ou organização do sujeito. Quando se diz: *Isso se desconstrói*, pretende-se explicar que o *isso* é passível de se compreender por outra maneira, a partir de outra perspectiva; não está implícito que *isso* perde a capacidade de se construir novamente. O que existe, de fato, é um intrincado movimento para se compreender, por outro olhar, uma dada situação, um acontecimento, um sentido em um contexto que se apresente. Derrida conclui nessa explicação, dizendo que, ele próprio, ao tentar esclarecer uma palavra, acaba por multiplicar as dificuldades já implícitas e intrínsecas ao processo de compreensão. Pode mostrar, mais uma vez, a impossível ‘tarefa do tradutor’ (Benjamin), a qual representa uma “desconstrução” (DERRIDA, 1998).

Deve-se ter em mente que, a proposta é evidenciar e, até mesmo, denunciar determinadas estruturas e operações da metafísica ocidental que pretendem hierarquizar princípios, valorizando mais uns do que outros, ou a hierarquização e desqualificação dos opostos, como é o caso da hierarquia que se pressupõe entre o chamado original e a tradução.

A desconstrução procura uma forma de buscar compreender e explicitar o que está recalçado, inculcado e até mesmo obscurecido. Essa estratégia propõe um duplo movimento, uma leitura interior do texto e em seguida procurar enxergá-lo de fora, de maneira que se possa compreender sua arquiescritura. (DERRIDA, 2001).

A arquiescritura seria um princípio de ‘diferença primeira’ que, precede a todos os demais sistemas simbólicos que têm lugar nos grupos sociais. Ao falar de arquiescritura²⁴, o filósofo franco-argelino observa que não é algo que vem de fora do sistema da escrita, e que acaba por se impor como princípio de tudo, mas está ‘sempre já ali’, na ‘origem’, a partir da origem, ou seja, não existe uma ‘verdade pura’. Por esta razão é que Derrida não aceita o debate para se determinar quando ou a procedência, ou de onde teve início a escrita, pois, segundo ele,

²⁴ Arquiescritura: Termo cunhado por Jacques Derrida, no interior da sua teoria sobre uma gramatologia aplicada, que é uma espécie de ciência geral da escrita, e que resiste a uma definição fixa. Derrida rejeita a ideia de se tratar de um conceito aplicável. A desconstrução propõe uma nova forma de pensar e formular a escrita, mas não quer colocar em seu lugar outra formulação definitiva. A arquiescritura deve estar sujeita a uma investigação contínua. Assim sendo, quando falamos de arquiescritura falamos da escrita que precede a fala e nela se concretiza. FONTE: http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&link_id=802:arquiescritura&task=viewlink ACESSO: 20/02/2015.

ela é um *continuum*, caracterizando-se como uma estrutura de todos os sistemas complexos em todos os seus níveis (DERRIDA, 2001).

Vale dizer que, no jogo da *différance* cada pressuposto elemento constitui-se somente se tiver como base o rastro (*trace*)²⁵ que o liga a outros elementos, quer no discurso falado ou escrito, qualquer elemento para funcionar deve remeter sempre a outro elemento que não seja ele próprio. Cada elemento constitui-se do rastro de outros elementos da cadeia ou do sistema, implicando que há apenas diferenças e rastros de rastros. Uma vez mais, podemos afirmar que não existe uma origem absoluta de sentidos, e que o rastro é a *différance* (adiamento e ‘outridade’; tanto o adiantamento quanto o retardo) que inaugura o aparecer e a significação (RODRIGUES, 2000).

Durante o processo tradutório, o traço não tem nenhuma relação de figuratividade com a coisa, pois é no deslizamento que ele se ‘marca’, mas, efetivamente, não existe marca de identificação, marca de pertencimento, apenas o deslizamento infinito do sentido. Derrida, em Gramatologia, nos diz que: “o rastro é a unidade de um duplo movimento de protensão e retenção. Este movimento transborda largamente as possibilidades da ‘consciência intencional’” (DERRIDA, 1973, p. 104).

Considerar a cadeia da escritura, da *différance*, do rastro, é dizer que a leitura é transformacional, e o ato de traduzir é uma espécie de leitura ou (re) leitura negociada de uma dada cultura com os olhos de outra. Na tradução dos textos analisados, aqui nesta pesquisa, o tradutor, pela ótica derridiana, opera a mediação entre culturas cujo resultado é o texto da tradução.

Para Derrida, o traço é absoluto. Se houvesse um outro presente, um outro aqui agora que estivesse ausente do traço, seria a coisa, o referente, e estaríamos de volta à metafísica. O traço é absoluto. Ele remete o tempo todo, mas não tem origem. É neste remetimento constante que o traço se caracteriza como relação ao outro. O traço põe em evidência: a estrutura da relação com o outro (no sentido do diferente), o movimento de temporalização e a linguagem como escrita. A gramatologia seria a ciência da imotivação do traço, ciência da escrita antes da fala e na fala. E a linguística, uma região da gramatologia; a língua, uma espécie da escrita. Haveria uma estrutura comum entre a linguagem e a escrita no sentido estrito (DERRIDA, 1973).

²⁵ De acordo com Schnaidermann e Ribeiro, que traduziram *Gramatologia*, consideram que “o substantivo francês *trace* não deve ser confundido com *trait* (traço nem com *trace* (traçado), pois diz respeito às marcas deixadas em sua passagem por dado objeto, ou por uma ação; por esse motivo, traduziram a palavra por *rastro* (RODRIGUES, 2000).

Nesta reflexão sobre traço, segundo Derrida, podemos depreender que: todo referencial, toda realidade tem a estrutura de um traço diferencial e só podemos nos remeter a esse real numa experiência interpretativa. Dessa maneira, o que chamamos de ‘realidade’ ou de ‘mundo’ será acessado através de uma atividade interpretativa, a partir de uma leitura que se faça, com as implicações que esta acarreta (DERRIDA, 2001).

Podemos deduzir que, os movimentos de desconstrução dos conceitos-chave da filosofia ocidental pretendem compreender o que ocorre no interior mesmo das estruturas do pensamento que se quer desconstruir. Segundo o filósofo:

Os movimentos de desconstrução não solicitam as estruturas do fora. Só são possíveis e eficazes, só ajustam seus golpes se habitam essas estruturas. Se as habitam de uma certa maneira, pois se habita sempre e principalmente quando nem se suspeita disso. Operando necessariamente do interior, emprestando da estrutura antiga todos os recursos estratégicos e econômicos da subversão, emprestando-os estruturalmente, isto é, sem poder isolar seus elementos e seus átomos, o empreendimento de desconstrução é sempre, de certo modo, arrebatado pelo seu próprio trabalho [...] (DERRIDA, 1973, p. 30).

Porém, seria possível pensar a escrita, sendo, ao mesmo tempo, exterior à fala— com identidade própria — e, ao mesmo tempo, interior? Para essa compreensão é que, segundo Derrida, seria preciso remetê-la ao "traço" (ou "rastros"), ou seja, a escritura é, concomitantemente, mais exterior à fala sem ser sua imagem ou ‘símbolo’, que a representa e mais interior à fala que, segundo ele, já é em si mesma uma escritura.

Antes mesmo de ser ligado à inscrição, à gravura, ao desenho ou à letra, a um significante, remetendo, em geral, a um significante que remete, em geral, a um significante por ele significado, o conceito da grafia implica, como possibilidade comum a todos os sistemas de significação, a instância do rastro instituído (DERRIDA, 1973, p. 56).

Então, por ‘traço, Derrida remete à noção de "arbitrário", e é preciso entender que o significante não depende "da livre escolha do que fala", assim como não tem nenhuma "amarra" com aquilo que significa. Este "traço" não se encontra articulado ao "ente-presente": antes é preciso pensar o rastro, antes mesmo do ente. O adiamento remete esse rastro a um eterno "vir-a-ser" o signo (DERRIDA, 1973).

Para concluir esta sessão, consoante a perspectiva desconstrucionista, entendemos que, tanto o tradutor como o revisor, pelo fato de ambos participarem do processo tradutório da revista odontológica, cujos textos foram selecionados para esta pesquisa, estes sujeitos atuam de maneira definitiva em dois sistemas, ou seja, produzem e transformam significados na língua

de partida e na língua de chegada. Portanto, é possível afirmar, a partir deste viés teórico, que há transformação de um texto em outro, de um idioma para outro (s), bem como a produção de significados, fato este que não permite a existência de apenas um sentido único e estável, transparente e passível de resgate em sua íntegra.

Os sujeitos tradutor e revisor colocam-se no entre-lugar, entre línguas, onde há sempre um *double bind*²⁶, onde o sentido sempre pode sofrer um transbordamento; desconstruindo-se, para, novamente, ser (re) construído em outro contexto, em outra língua, a partir da leitura e interpretação dos sujeitos envolvidos que, ao traduzir ou revisar, praticam o jogo de semelhanças e diferenças presente no “entre-lugar” das línguas. O deslizamento de sentido e a multiplicidade do significado fazem-nos entender que o (s) sentido (s) sempre pode (m) ser outro (s) (DERRIDA, 1998).

2.5 A ODONTOLOGIA COMO COMUNIDADE INTERPRETATIVA

Para dialogar com a questão dos ‘discursos autorizados’ e ‘validados’ por lugares discursivos de onde os sujeitos enunciam seu dizer, discutimos, nesta subseção, uma das propostas teóricas do sociólogo americano Stanley Fish (1980). O teórico levanta algumas questões fundamentais sobre como se dá a construção de jargões ou de linguagem de especificidade, ao introduzir e problematizar o conceito de Comunidades Interpretativas. Para nós, interessa aqui discutir a articulação do discurso da Odontologia via tradução.

Queremos esclarecer que esta discussão teórica pretende compreender a questão social do ofício de traduzir, bem como o que pode ser considerado um bom trabalho de tradução, inclusive pelo ponto de vista de inserção profissional no mercado de trabalho para tradutores das ciências biomédicas. Não buscamos aqui respostas; tão somente queremos refletir sobre o sujeito e o social.

Traremos, sim, Foucault para dialogar com Fish, partindo-se do pressuposto que os dentistas são constituídos por todo um saber que lhes autoriza delimitar e diferenciar o que seja uma tradução aceitável aos profissionais desta Comunidade Interpretativa, comunidade que

²⁶ *Double bind* ou duplo vínculo: A descoberta do duplo vínculo ou *double bind* surgiu em 1956, através de estudos realizados pelo antropólogo Gregory Bateson no departamento de sociologia e antropologia da Universidade de Stanford em Palo Alto (Califórnia). Este estudo originou-se em 1952 quando Bateson juntamente com sua equipe, decidiram estudar os intercâmbios familiares onde se encontrava inserido o esquizofrênico, mais especificamente sobre suas formas de comunicação, gerando assim, estudos mais profundos sobre a patologia da comunicação (neste caso, o duplo vínculo) que era comum nessas famílias. O conceito de *Double-Bind*, cuja tradução para o português se pode fazer por Duplo-Vínculo ou Dupla-Ligação. Bateson e o seu grupo souberam estabelecer uma associação inovadora entre o pensamento sistêmico, a cibernética e as Ciências Humanas (Benoit, 1983).
 FONTE: http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/2695/1/1991_2_235.pdf ACESSO em: 13/08/2014.

partilha um saber e a quem os textos traduzidos neste periódico especializado são utilizados para informação e atualização específicas à sua atuação profissional.

Especificamente, em relação à classe odontológica, enquanto Comunidade interpretativa, concordamos que:

As normas não estão inseridas na língua (onde possam ser lidas por qualquer pessoa que possua olhos suficientemente atentos, ou seja, não oblíquos), mas são inerentes a uma estrutura institucional dentro da qual as pessoas ouvem os enunciados como já organizados com referência a certos propósitos e metas previamente assumidos (FISH, 1980, p.194).

Como ambos, sujeito-autor e sujeito-revisor estão dentro dessa comunidade interpretativa, seus movimentos e processos interpretativos não são livres, mas limitados por práticas aceitas e pressupostos estabelecidos pela instituição, pela comunidade odontológica, e não por regras e significados fixos de um sistema linguístico (FISH, 1980).

Fish (1980) afirma que a apreensão de significados de um texto qualquer não depende da pré-existência de significados determinados, ligados ao texto, mas da inserção dos interlocutores dentro de um mesmo sistema interpretativo e de uma comunidade interpretativa. Isso inclui circunstâncias, crenças, e situações que supõem uma estrutura de pressuposições e práticas relevantes, com relação a objetivos e propósitos pré-existentes.

No texto científico, espera-se que o conteúdo de determinado assunto seja pertinente à comunidade interpretativa em questão, sendo dela a função decisória sobre os critérios, para que determinado texto traduzido seja considerado de boa qualidade, e útil ao fim a que se destina.

A compreensão de um texto é sempre possível, desde que não se parta de fora, isto é, a razão de eu falar e presumir que alguém poderá me compreender é o pressuposto que eu falo partindo de dentro de um conjunto de interesses e a causa desses interesses e preocupações é que outra pessoa será capaz de ouvir e compreender minhas palavras e aquilo que pretendo compartilhar. Portanto, a comunicação ou o entendimento não se devem ao fato de eu e ele compartilharmos uma linguagem, no sentido de conhecermos os significados das palavras individuais e as regras para combiná-las, mas porque determinadas maneiras de pensar, formas de vida são compartilhadas e implicam em um universo de objetos, intenções, metas, procedimentos, valores, os quais estão no lugar devido, onde os participantes se identificam e se organizam.

Assim, nossas palavras serão compreendidas como necessariamente endereçadas às pessoas que pertencem a esse mundo. Há necessidade de alguns ‘selos de identificação’, dentro

de determinado universo de linguagem, onde se veiculam sentidos e normas relativas, as quais caracterizam e autorizam maneiras de se interpretar, bem como argumentar sobre este ou aquele assunto. E, dentro destas maneiras de agir e interpretar, a presença de determinadas pressuposições, normas ou classificações identificam a comunidade como um todo. Os sujeitos agem dentro dessa esfera, não podendo agir de maneira que não tenha sido incorporada ao *modus operandi* do grupo como um todo.

2.6 ESCOPO E FIDELIDADE DA TRADUÇÃO NAS CIÊNCIAS BIOMÉDICAS

2.6.1 A fidelidade na/da tradução: a (in) visibilidade do sujeito-tradutor da/na Odontologia

O texto de partida, uma vez lido e interpretado pelo tradutor, mostrará traços, habilidades e experiência linguística deste sujeito, sua visão do que seja a tradução e a mescla de fatores pessoais, conscientes ou não, socioculturais, históricos e mentais. Depois da tradução feita pelo tradutor ligado à revista odontológica em questão, o artigo passa por outro processo de tradução, desta vez, feita pelo sujeito-revisor, que faz a adequação do texto traduzido a respeito de termos técnicos, visando a compreensão e aceitação por parte da comunidade interpretativa de língua inglesa.

Como analisar se um texto e sua tradução mostram-se adequados? Baseado em quê podemos afirmar se uma tradução é boa ou ruim? E, dentro de quais circunstâncias um texto científico da área de Odontologia pode ser considerado efetivo e apropriado ao cirurgião-dentista de língua inglesa ou a um profissional da área que necessita da leitura de dado material científico em inglês?

Como se sabe, o texto científico possui particularidades e especificidades que o caracterizam e que demonstram sua serventia à comunidade interpretativa a que se destina. Como se pode saber se o texto traduzido é fiel? Mas, fiel a quem ou a quê?

No entanto, considerando-se que, ao traduzir, o tradutor sempre fará suas escolhas, e suas opções serão feitas a partir de sua concepção do que seja tradução, dentro de contexto e momento sócio-histórico específicos, quais são os elementos que devem estar presentes quando da tradução deste tipo de textos? Dentro do texto científico, onde se apregoa uma neutralidade, é possível ao tradutor permanecer neutro e invisível durante o processo tradutório?

Nesta seção, dialogaremos com Arrojo (1986), Vermeer (1985), Hermans (1996) e Fish (1980), procurando responder às questões acima formuladas.

Primeiro, iremos determinar o que seja fidelidade, de acordo com a perspectiva pós-moderna ou contestadora da tradução.

Arrojo (1986) afirma que:

Nenhum texto é receptáculo de conteúdos estáveis, em hermético controle para que possa ser reproduzido em sua íntegra, quando traduzido para outro idioma. Por conseguinte, o texto da tradução, que é o foco desta pesquisa, implica em um gesto de leitura ou interpretação. Todo leitor não poderá evitar que seu contato com os textos (e com a própria realidade) seja mediado por suas circunstâncias, suas concepções, seu contexto histórico e social (ARROJO, 1986, p.38).

De fato, não existe possibilidade de resgate integral das intenções e do universo de um autor/ pesquisador científico, porque o processo invariavelmente passará pela leitura e (re) interpretações, e resultará daquilo que o tradutor pode apreender do texto de partida antes e durante o processo de tradução. É ilusão pensar-se que, ao lermos um texto da tradução, estamos lendo as palavras do autor do original e não de seu tradutor e que, o sentido completo, fixado, centrado neste texto de partida será resgatado em sua íntegra no texto traduzido.

Pela perspectiva tradicional de tradução, para que um texto seja considerado bem traduzido e fiel ao chamado ‘original’ não se deve perceber que se está lendo uma tradução e não o ‘original’, como já explicamos no início da fundamentação teórica, quando falamos das abordagens tradicional e contestadora de Tradução. Esta ideia “é a própria negação de todo o processo gerador da tradução e, conseqüentemente, a negação da própria presença do tradutor no processo e no texto” (MITTMANN, 1999, p.222).

Nessa perspectiva tradicional, o apagamento do tradutor, bem como a eliminação de qualquer traço de sua interferência têm que ser conseguidos, para que uma tradução seja considerada ‘fiel’. Hermans contesta isso, dizendo: “A ironia é que estes traços, estas palavras são tudo o que temos, elas são tudo a que temos acesso deste lado da barreira linguística” (HERMANS1996, p. 11). (Tradução nossa).

Segundo Arrojo (1986), deve haver uma transferência do foco interpretativo, como se o *zoom* da fotografia mudasse para registrar outra perspectiva, a qual deixará de ser o texto de partida, enquanto abrigo, santuário e detentor do sentido ‘original’ das intenções do autor, para se tornar um ato de interpretação de um sujeito situado em dado contexto sócio-histórico e ideológico. Tanto o texto em português, quanto o texto traduzido pelo tradutor da revista odontológica em questão, além de posterior revisão técnica, pelo revisor são fruto de interpretação, produto de sua época e concepção de linguagem dos sujeitos envolvidos no processo e, segundo Fish (1980), da Comunidade Interpretativa em questão.

Arrojo (1986) recorre a Derrida para concluir seu raciocínio sobre a impossibilidade de resgate integral de sentidos a partir do texto de partida, desconstruindo a noção de fidelidade como transporte ou transferência perfeitos e integrais de conteúdo. A tradução passa a ser compreendida como processo de produção de sentidos, de um idioma de partida a um idioma de chegada, havendo um processo de transformação de um texto em outro, de um idioma a outro. O texto da tradução torna-se uma recriação, um suplemento do texto de partida.

A resignificação do conceito de fidelidade, de acordo com Arrojo e outros autores da perspectiva contestadora da Tradução, passa pelo entendimento de que há a produção de um texto outro, que atenderá às demandas de sua comunidade interpretativa, em dado tempo e contexto sociocultural.

Por exemplo, a tradução de termos técnicos, especificidades e formas de utilização de uma resina composta, polimerizada por luz LED²⁷, em português, não são as mesmas. Daí, ao se traduzir um texto especificando a composição e indicações, além dos cuidados durante a execução de procedimentos restauradores, com vistas à comunidade interpretativa de língua inglesa, mais especificamente norte-americana, certamente haverá necessidade de adequações e eventuais esclarecimentos, tanto por parte do tradutor quanto do revisor.

Nos Estados Unidos, em função do contexto dos seguros de saúde daquele país torna-se quase proibitiva a indicação de restaurações de grandes áreas, grandes restaurações com resinas compostas pela técnica direta, ou seja, aquelas feitas no consultório, pelo próprio profissional, sem o trabalho de um protético. Isso ocorre para que os profissionais daquele país evitem processos legais, que podem acontecer por mínimas intercorrências, ainda que reversíveis e passíveis de correção, durante e após a realização de tal tipo de restauração. Além disso, há a visão pragmática e capitalista do sistema norte-americano. Os profissionais, lá, indicam preferencialmente trabalhos indiretos confeccionados em materiais cerâmicos ou outros que demandam etapas laboratoriais, executadas por protéticos.

Aqui no Brasil, pelas próprias políticas de saúde, e filosofia preventivista de grande parte das escolas de Odontologia do país, que incentivam procedimentos mais conservadores, além da habilidade técnica dos cirurgiões-dentistas brasileiros, os trabalhos em restauração direta, ou seja, com resinas compostas realizadas pelo profissional são amplamente indicados e acabam por se tornar quase obras de arte, demandando, no entanto, mais tempo clínico em cada procedimento.

²⁷ LED: Light emitting diode. (Luz que emite DI IODO; Tradução nossa)

Por conta desse contexto-sócio histórico e até cultural da Odontologia Estética no Brasil, as resinas compostas, fabricadas e vendidas no país, possuem muito mais material de carga, ou seja, componentes que as tornam mais resistentes, permitindo um efetivo trabalho, pela técnica de restauração direta.

Além disso, as pesquisas com adesivos dentinários e de esmalte têm grande foco em pesquisas científicas e suas particularidades, enquanto nos Estados Unidos, por exemplo, as resinas compostas servem muito mais como forramento de cavidades ou como selantes em Odontopediatria, apresentando em sua composição, pouco material de carga ou reforço.

Essas marcas de localização no tempo e no espaço, bem como seu contexto histórico, cultural e econômico acarretarão diferenças de prioridades, de compreensão e de validação por parte das comunidades interpretativas da Odontologia nos dois países.

A produção de sentidos também está sujeita à autoridade da Comunidade Interpretativa de cada país, e os objetivos que se pretendem atingir quando da tradução de determinados artigos para um outro contexto. As pesquisas realizadas aqui no Brasil quando traduzidas para o inglês, e destinadas à Comunidade Interpretativa odontológica dos EUA, como exemplificado acima, podem ter por objetivo o conhecimento e atualização dos profissionais a respeito das pesquisas científicas em países do terceiro mundo, ao passo que o texto escrito em português, destinado a cirurgiões-dentistas brasileiros, destina-se à atualização clínica dos sujeitos-leitores da revista neste idioma. Essas particularidades devem ser, em nosso entender, conhecidas e consideradas durante o processo tradutório.

Uma tradução é considerada fiel, uma vez definido o contexto para sua interpretação, estabelecidas as devidas convenções contextuais que regerão a tradução científica da área odontológica, determinam-se o escopo ou alvo e a conjuntura ou condições de produção do processo tradutório em questão.

Assim, a tradução de um texto científico nas/das ciências biomédicas, e no caso particular desta dissertação da Odontologia, deverá ser fiel às convenções estabelecidas - explícita ou implicitamente - para sua leitura, enquanto ato de interpretação, da época em que foi escrita, determinando-se, inclusive, a própria decisão de se traduzir, ou não, o texto. Portanto, a tradução de qualquer texto, inclusive o tipo de texto aqui analisado, será fiel à leitura e ato de interpretação do que se considera seu texto 'original', aquilo que o constitui, ou seja, à interpretação do sujeito-tradutor do chamado texto de partida, que será sempre produto de sua leitura e visão de mundo (ARROJO, 1986).

Entendemos que a tradução é fiel à concepção que tradutores têm do que seja texto, e à representação que possuem da tradução e do ato de traduzir. Concordamos, novamente, com

Arrojo quando afirma que toda tradução é fiel às concepções textuais e teóricas da comunidade interpretativa a que pertence o tradutor, ou seja, à concepção que este possui da tradução, aos objetivos a que se propõe, sabendo-se que, serão aceitas as traduções que se julguem ‘fiéis’ à sua/ nossa concepção de tradução, na certeza da impossibilidade da aceitação absoluta e unânime de um texto, independente de época ou lugar. Podemos dizer que, a tradução biomédica possui seu ‘prazo de validade’, uma vez que, o caráter informativo ou ilustrativo de sua época, pode tornar-se obsoleto ou ultrapassado, dependendo da evolução que acontece no conteúdo científico das pesquisas da ciência odontológica com o passar do tempo (ARROJO, 1986).

Aubert, em *As (in) fidelidades da tradução* destaca que:

Parece evidente que não se pode exigir uma fidelidade àquilo que é por definição inacessível: no caso em pauta, a mensagem pretendida do emissor original. Mesmo a mensagem virtual não é diretamente acessível [...]. Assim, a matriz primária da fidelidade há de ser, por imposição dos fatos, a mensagem efetiva que o tradutor apreendeu enquanto um entre vários receptores do texto original, experiência individual e única, não-reproduzível por inteiro nem mesmo pelo próprio receptor-tradutor, em outro momento ou sob outras condições de recepção (AUBERT, 1994, p. 75).

A neutralidade, bem como a invisibilidade do tradutor são mitos. O texto da tradução traz sempre marcas do sujeito tradutor. E, nos recortes discursivos, aqui analisados nas seções que seguem, há a presença e marca do sujeito e revisor.

Após a redefinição da noção de fidelidade na tradução, passaremos a refletir a respeito da finalidade da tradução do texto nas/ das ciências biomédicas.

Vermeer (1985), em seu texto sobre o escopo da tradução mostra a necessidade de se conhecer o objetivo do texto, determinar a quem e para quê determinado texto deverá ser traduzido.

A veiculação de informações científicas, mais especificamente sobre a Odontologia brasileira, a leitores de língua inglesa delinea a performance que os artigos traduzidos pela revista seguirão.

Com certeza, as condições de produção e de recepção serão diferentes nos diferentes contextos, ou seja, ao leitor de língua portuguesa haverá comunicação de fatos científicos e experiências clínicas a cirurgiões-dentistas que praticam ou ensinam nas mais diversas especialidades que a profissão apresenta, aqui no país. A leitura e apreensão do sentido do texto é feita pelos diferentes filtros dos leitores, também assujeitados, dentro de dados contextos sócio-históricos e político-ideológicos. Assim, o leitor de língua inglesa, por exemplo, receberá

as informações e as interpretará de acordo com este contexto, nesta comunicação transcultural. A disposição e as reações dos leitores e interlocutores do contexto de chegada revelarão a intenção comunicativa, que trespassará fronteiras culturais e linguísticas de pessoas e culturas diferentes.

Neste mundo configurado de tal modo, onde relações interculturais são negociações de sentidos possíveis, resultados de embates ideológicos entre culturas heterogêneas e móveis são hierarquicamente avaliadas por diferentes sociedades, por diferentes comunidades interpretativas (FISH, 1980).

No mundo virtual da internet, por exemplo, temos acesso simultâneo a várias comunidades interpretativas, a inúmeras leituras, a infindáveis lentes que interagem com maneiras diversas e particulares de ver o mundo, e que o fazem a partir de procedimentos interpretativos diferenciados. O acesso quase 'instantâneo' estabelecido virtualmente fornece um espectro infindo de possibilidades, possibilitando conexão a diferentes leituras de mundo, inclusive aquelas que se dão dentro de uma mesma nação (JORDÃO, 2007).

A presença do sujeito-tradutor é essencial para que, os efeitos de sentido atinjam o escopo da tradução na cultura de chegada, preencham os objetivos da tradução. Há um processo de transformação da mensagem de um idioma a outro, levando-se em conta os fatores contextuais e culturais do texto de chegada (VERMEER, 1985), permeando-se fronteiras culturais e linguísticas existentes.

Vermeer postula:

Podemos estabelecer, portanto, como regra fundamental da tradução e interpretação que o receptor, dentro da sua situação, deverá apreender a mensagem. Esta teoria opõe-se frontalmente à tradicional tradução à letra. (...)a maneira de um texto se expressar pode muito bem ser o objetivo último da tradução (VERMEER, 1985, p. 41).

A funcionalidade da tradução determina a estratégia a ser adotada a fim de se atingir o objetivo ao qual se propõe, sendo o texto de chegada o fator central para que se determine o foco do texto a traduzir.

Nesta linha de raciocínio, concordamos com o autor de *Skopo's Theory* quando afirma que cada pessoa interpreta de maneira diferente um mesmo texto traduzido (VERMEER, 1985).

Tanto autor como tradutor são sujeitos heterogeneamente constituídos, e essa constituição dá-se por representações múltiplas e conflitantes, provenientes, ao mesmo tempo, de suas experiências como profissional e de representações internalizadas.

Hermans (1996) afirma que, toda tradução já é interpretação, e que o ato de interpretar é inerente a qualquer ato de compreensão.

O processo tradutório aponta para o ‘Outro da tradução’, ou como o título em inglês do texto escrito por Hermans (1996) *Translation's Other*, abrindo-se às ambivalências e paradoxos, o hibridismo e pluralidade de tradução, sua alteridade enquanto estranheza, em contraste à percepção de tradução como réplica pura e simples de um original. Mas, também abrange a ‘significância da tradução’, como uma força cultural, a qual contradiz a percepção de algo mecânico, meramente derivativo, secundário, um texto menor ou algo de qualidade inferior.

Segundo Rodrigues (2000), não é somente a língua que muda com a tradução, mudam também o enunciado, a intenção, o momento, a função, o contexto. A intervenção do tradutor não pode ser apagada sem que seja apagada a própria tradução. Portanto, a tradução é necessariamente híbrida, marcada, opaca, diferente.

Os significados são constituídos baseados nas normas da comunidade interpretativa, não às normas incrustadas na língua, mas, da estrutura institucional. Fish (1980) postula que as pessoas ouvem os enunciados como se já estivessem organizados. No caso desta Revista científica, autores dos textos, revisores, dentistas que irão ler os artigos *on-line* em inglês, ou os profissionais que adquirem assinatura do periódico em versão impressa, ou seja, aqueles que têm determinados propósitos e objetivos comuns, assumidos por pertencerem à determinada comunidade interpretativa.

Trazendo para a tradução biomédica, mais especificamente a tradução de textos da Odontologia, podemos afirmar que a interpretação não é livre, sendo, neste caso específico, diretamente relacionada à comunidade odontológica, assim como em outras áreas das ciências biomédicas, as atividades interpretativas ficam a cargo de suas respectivas comunidades. As atividades interpretativas não se dão sem estabelecimento de certas normas ligadas, tanto à situação quanto à instituição (RODRIGUES, 2000). Podemos dizer que os significados são institucionais, sendo produto de contingências e contextos. No entanto, não se está livre para se atribuir quaisquer significados que os indivíduos, enquanto indivíduos, desejam, porque o significado é socialmente atribuído e o poder pertence à comunidade. Seguindo esse raciocínio, podemos dizer que os sujeitos têm seu modo de pensar ‘modelado’ pelas comunidades nas quais estão inseridos. Um dentista é atravessado por FD da Odontologia, que o constitui, levando-o a ‘pensar’ como dentista, ou acreditando ser dono de seu pensar/ dizer e ‘sua’ visão de mundo.

O profissional se constrói por discursos que o atravessam e o constituem, subjetivando-o, ainda que este sujeito tenha a sensação de ser dono de si, de seu pensar e agir (FOUCAULT, 2006).

Assim, os leitores da revista odontológica colocam em prática estratégias que não têm origem neles, mas sim, na comunidade profissional à qual pertencem, ou se filiam como dentistas.

A reflexão de Fish (1980) também requer a ressignificação da noção de fidelidade, desestabilizando a noção da transparência de sentidos e do ‘texto original’ como reduto de sentidos absolutos.

Desse modo, a leitura de um texto deve ser guiada pelo conhecimento preliminar, onde o revisor irá julgar o que é lido, e do círculo de competência de autor e revisor será produzido o texto da tradução; no caso da Revista em questão, traduzido do português para o inglês. Não existe uma autoridade, um ‘árbitro’ capaz de julgar e valorar o trabalho de maneira inequívoca, mas a construção do sentido será sempre contextual (RODRIGUES, 2000).

Até este ponto da dissertação, após breves considerações iniciais, justificativa, objetivos gerais e determinação da metodologia a ser utilizada, procuramos fundamentar teoricamente o trabalho, trazendo abordagens da tradução pelas perspectivas tradicional ou conservadora e pela pós-moderna ou contestadora.

Na sequência, trouxemos pressupostos teóricos da Análise de Discurso Pêcheutiana, com Michel Pêcheux e autores deste recorte discursivo, entre eles Orlandi e Grigoletto. No mesmo eixo teórico, dialogamos com autores que abordam a tradução como um processo discursivo, tais como Mittmann e Mello.

No eixo seguinte, falamos de pressupostos teóricos da Análise do Discurso Foucaultiana, trazendo aspectos que julgamos relevantes às análises de nosso *corpus*, ou seja, o processo tradutório de quatro artigos de Odontologia, publicados em uma Revista eletrônica especializada da cidade de Maringá/ Paraná.

No terceiro eixo teórico, a abordagem Desconstrutivista da Tradução, embasada sobretudo em Jacques Derrida. Ainda, algumas posições foram embasadas com autores brasileiros da perspectiva pós-moderna da tradução, como Arrojo e Ottoni.

Para fechar a fundamentação teórica, dialogamos com Fish para entendermos a quem se dirigem estes artigos traduzidos e quais seriam as prerrogativas para que um texto traduzido para profissionais das Ciências Biomédicas, mais particularmente aqui, profissionais da Odontologia considerem-no bem traduzido.

No próximo capítulo, trataremos a discussão e análise do *Corpus* desta pesquisa.

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO

Passaremos a analisar recortes dos artigos traduzidos pela Revista que serviram de *corpus* de análise a esta dissertação.

Os artigos, neste periódico, são submetidos em português, por seus autores, à equipe responsável para avaliação dos mesmos. Uma vez aceitos, são traduzidos para o inglês. Esta primeira tradução é realizada por um tradutor ligado ao corpo editorial da revista, mas sem formação na área de Odontologia. Antes de sua publicação, o artigo passa, ainda, pela revisão técnica, realizada por um ou mais revisores, dependendo dos critérios solicitados pelo (s) autor (es) dos textos em português. Esse (s) revisor (es), sempre profissional da área da Odontologia, além de ser cirurgião-dentista, deve (m) possuir também ótima proficiência em língua inglesa e o conhecimento da terminologia técnica nos idiomas de ‘partida’ e de ‘chegada’, no caso, português/inglês.

Aqui, serão selecionados recortes discursivos dos artigos selecionados, tomando-se por base os textos em português, escrito pelo sujeito-autor (doravante PT), sua tradução para o inglês, feita pelo tradutor (doravante TR), e o texto revisado pelo revisor técnico (doravante CD), cirurgião-dentista. Portanto, cada recorte discursivo será composto do trecho em português, da tradução e da revisão.

A partir de recortes discursivos selecionados (doravante RD), buscaremos cotejar, e problematizar alguns aspectos pertinentes ao tema desta seção.

Os quatro artigos selecionados em Revista Especializada da área de Odontologia trazem temas pertinentes a esta classe profissional, e referem-se especialmente a temas que têm a Ortodontia como principal especialidade.

O primeiro artigo, cujo título é: “*Efeito da contaminação por saliva na resistência de união: um compósito resinoso hidrofílico*”, traz a análise do que acontece à cimentação de brackets em presença ou não de saliva. Procura verificar se há diminuição da qualidade final do procedimento restaurador ou procedimento ortodôntico de colagem de aparelhos fixos, por conta da presença de saliva, no momento do condicionamento do dente para receber os agentes adesivos que precedem à restauração propriamente dita, ou o agente cimentante, no caso da Ortodontia.

O artigo mostra a evolução dos agentes de condicionamento do esmalte dentário e consequente melhoria na qualidade das restaurações e colagens feitas pelos profissionais, desde 1955, quando um pesquisador chamado Buonocore deu início ao condicionamento ácido do dente, inaugurando a era da Odontologia Adesiva, o que, de fato, é um marco na evolução de

procedimentos menos invasivos e mais aceitos dentro de padrões estéticos. Por meio de uma retrospectiva, o texto mostra desde os primeiros agentes de união esmalte/ material restaurador, trazendo o percurso até os compostos hidrofílicos, tema do artigo, os quais são agentes de união, que teoricamente não sofrem ou não deveriam sofrer alteração em presença de umidade, ainda que os autores deste artigo questionem a eficácia destes compostos para colagem de aparelhos ortodônticos.

A partir da seleção de dentes extraídos, provenientes do Banco de dentes da PUC- PR, foram divididos em grupos e aplicado o material odontológico em diferentes condições, tais como presença ou não de umidade, resistência às forças que simulariam às forças de mastigação, entre outras. Os resultados apontaram para o desempenho superior do material testado, quando aplicado dentro das condições indicadas pelo fabricante do produto.

O segundo artigo, cujo título em português é “*Esclarecimentos, orientações e questionamentos sobre a clareação dentária “associada” ao tratamento ortodôntico*”, foi escrito por professores da Universidade de Bauru, os quais possuem sobrenomes bastante conhecidos, pois são profissionais renomados. Ainda que o artigo pudesse trazer questionamentos em relação à aceitação do conteúdo do mesmo, por parte da comunidade interpretativa da Odontologia no Brasil, o fato da autoria pertencer a sujeitos desta instituição de ensino, alguns com o mesmo sobrenome de outros profissionais mais antigos e igualmente famosos, parece trazer peso e credibilidade ao texto.

O artigo considera, inicialmente, que a movimentação ortodôntica, antigamente recomendada na maioria das vezes, apenas a pacientes jovens, com dentes em condições favoráveis e sem grande contraindicação, tem sido atualmente recomendada a pacientes adultos, podendo estar associada à interação a outros procedimentos clínicos, cirúrgicos e/ou restauradores. Outra questão que poderia representar certa polêmica é sobre o momento da associação de procedimento estético restaurador de clareamento dental, além de sua indicação mais tradicional, apenas final do tratamento ortodôntico. Os autores trazem a questão social e da importância e necessidade ao paciente por razões de aparência, trabalho, enfim, questões do paciente que podem modificar esta indicação e o momento adequado à indicação do clareamento dental.

Os autores, como embasamento teórico suportado por dados estatísticos e microbiológicos, mostram a possibilidade de se indicar o clareamento dental antes, durante ou depois do tratamento ortodôntico. Como conclusão da pesquisa, mantém-se a indicação, preferencialmente após o tratamento concluído, mas outros fatores podem permitir ou justificar sua indicação em outros momentos do tratamento ortodôntico.

O terceiro artigo, também de dois autores do artigo anterior, traz aspectos de fisiologia e patologia dentais. O título do artigo é “Movimentação ortodôntica de dentes endodonticamente tratados”, tema também que poderia, eventualmente, gerar controvérsias entre os profissionais, mas tem credibilidade, não apenas pelos argumentos científicos, mas também, pelo peso do nome do profissional que encabeça a autoria do artigo em questão.

A necessidade de movimentação ortodôntica em dentes tratados endodonticamente, ou seja, com tratamento de canal, deve gerar cuidados por parte do profissional, exigindo que suas decisões clínicas para indicação ou não de procedimentos de ortodontia sejam tomadas após análise cuidadosa das condições biológicas, associando conhecimentos pertinentes à inflamação, reparação tecidual e possibilidade de reabsorções associadas à presença de doenças pulpares e periapicais. Os autores pretendem promover insights aos leitores do artigo, colocando a necessidade de conhecimento interdisciplinar para que se tome a decisão mais conveniente a cada caso. Os autores dizem que embasam o artigo nos conhecimentos a respeito da inter-relação endodontia, ortodontia e periodontia, e sua experiência ao longo do tempo.

Há excelente revisão de conhecimentos de patologia bucal que, de maneira didática e precisa, traz correlação à prática clínica.

Na conclusão, os autores retomam o questionamento sobre a possibilidade ou não de execução dos tratamentos interrelacionados, e concluem dizendo que há necessidade de mais trabalhos que mostrem dados estatísticos sobre procedimentos clínicos executados e o resultado dos mesmos.

O quarto artigo, “*A importância do grupo controle nas pesquisas científicas*” é uma reflexão sobre a importância da pesquisa para a evolução do conhecimento humano, e procura usar ferramentas para explicar a causa de diversos fenômenos. O objetivo deste artigo é mostrar o que é o grupo de controle, focando pesquisas na área de Ortodontia, e os diferentes critérios para se constituir este grupo, de acordo com o que se pretende pesquisar, comprovar e comparar. Este último artigo não traz dados, apenas exemplos, e a autoria é de pesquisador da área de Ortodontia.

3.1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa, na sequência, está organizada de forma cotejar marcas dos sujeitos tradutor e revisor nos recortes discursivos (doravante RD) dos artigos selecionados para compor o corpus desta pesquisa. Pretendemos problematizar escolhas lexicais destes sujeitos, trazendo para esta discussão o aporte teórico que fundamenta este trabalho.

De acordo como o embasamento teórico do capítulo anterior, iremos discutir as relações de poder/ saber que permeiam os discursos dos sujeitos envolvidos na tradução dos artigos científicos da área de Odontologia.

Em seguida, com base na AD Pêcheutiana e pressupostos de autores da concepção contestadora de tradução, partiremos para a análise de RDs que nos levem a compreender o processo discursivo da tradução, ou seja, o processo tradutório de textos científicos das/ nas ciências biomédicas.

Ainda pela teórica da Ad Pêcheutiana e perspectiva contestadora de tradução, discutiremos a partir de escolhas lexicais destes sujeitos, o modo como os sujeitos tradutores e revisores respondem ao assujeitamento ideológico a que são submetidos no processo tradutório.

Finalmente, a partir de uma abordagem desconstrutivista da tradução, procederemos a análise dos RDs, para compreender as inquietações dos sujeitos tradutor e revisor no processo tradutório, colocando-se no *entre-lugar*, entre línguas, no *double-bind*, na busca escolha de termos, expressões a traduzir, ao mesmo tempo que outras tantas não escolhas deixam de participar do processo final, o texto da tradução. Também apontando para o tradutor situado entre transbordamentos e deslizamentos de sentidos.

3.1.1 Subjetivação e Relações de poder/saber no processo tradutório

Nesta subseção, analisaremos, a partir dos escritos de Michel Foucault, as relações de poder/saber que estão presentes nos discursos dos sujeitos envolvidos na tradução dos textos científicos da Odontologia, bem como procuraremos entender os processos de subjetivação dos sujeitos, a partir da análise de RDs selecionados, cotejando marcas de resistência destes sujeitos, pelo viés do pensamento foucaultiano.

No **RD1**, trazemos a escolha de termos pelos sujeitos autor e revisor na tradução do título do artigo (anexo A). Este RD1 faz parte de um artigo traduzido por um dos sujeitos tradutores desta pesquisa e revisado pelo cirurgião-dentista que presta serviço de revisão técnica à Revista em questão.

O recorte discursivo, a seguir, faz parte do título do artigo em questão, ou seja, ocupa um local de destaque, dado ao enunciado para chamar atenção do sujeito leitor.

RD1:

PT: **Esclarecimentos**, orientações e questionamentos sobre a **clareação dentária “associada”** ao tratamento ortodôntico. (Grifo nosso)

TR1: *Elucidation, orientation and questioning about dental bleaching associated with orthodontic treatment.* (Grifo nosso)

CD: *Clarifications, guidelines and questions about the dental bleaching “associated” with orthodontic treatment.* (Grifo nosso)

O referido artigo traz esclarecimentos ao sujeito leitor sobre a possibilidade de execução do procedimento clínico de clareamento dental, associado ou não ao tratamento ortodôntico. O público-alvo deste texto constitui-se de profissionais da Odontologia, não são pacientes, tampouco outros leitores considerados ‘leigos’ a respeito do tema.

A partir das escolhas lexicais dos sujeitos, neste RD, iremos contrapor termos escolhidos pelos sujeitos na tradução e revisão do artigo, de tal forma que compreendamos o processo de subjetivação, bem como as relações de poder/saber presentes, nestes textos científicos das/nas ciências biomédicas.

Primeiramente, a tradução do termo ‘esclarecimentos’²⁸, que fala sobre ‘o ato de esclarecer’; alguns dos sinônimos que poderiam ser utilizados: aclaração, aclaramento, elucidação, explanação, explicação, explicitação.

A partir do termo ‘esclarecimentos’, no artigo em português; o sujeito-tradutor (TR) escolhe o termo *Elucidation*²⁹ que possui diversos sentidos e possibilidades de significação: *(Noun) an act of explaining that serves to clear up and cast light on explanation*³⁰. Ainda pode ser: *Elucidation - an interpretation that removes obstacles to understanding; Clarification.*

Dentro dos sentidos encontrados no dicionário *on-line*, nada desabona ou desqualifica a escolha lexical deste sujeito TR.

O sujeito revisor CD, que ‘substitui’ o termo *elucidation* pelo termo *clarification*. O dicionário traz o significado para este termo: *[Noun] 1.clarification - an interpretation that removes obstacles to understanding; Elucidation*³¹. *Improvement*³².

O significado do termo *improvement*²⁶, que o dicionário *on-line* traga: *The act or process of improving. b. The state of being improved. 2. A change or addition that improves.*

Este revisor técnico (CD) tem conhecimento do idioma de chegada, porém faz sua escolha lexical do lugar discursivo de cirurgião-dentista. A escolha do termo por parte deste sujeito CD, autoriza-nos pensar que, ele outorga-se direito à ‘palavra final’ neste RD, inferindo

²⁸ Dicionário de sinônimos, *on-line*, (<http://www.sinonimos.com.br/esclarecimento/>),

²⁹ Dicionário *on-line*, (<http://www.thefreedictionary.com/ELUCIDATION>):

³⁰ [Substantivo]: Elucidação: um ato de explicação que serve para esclarecer e tornar clara determinada explicação ou colocação; uma interpretação que remove barreiras ao entendimento; clarificação. (Tradução nossa).

³¹ [Substantivo] 1.clarification –uma interpretação que remove obstáculos ao entendimento; elucidação; Improvement (Tradução nossa) FONTE: <http://www.thefreedictionary.com/clarification>.

³² O ato ou processo de se melhorar; a condição de ter sido melhorado; uma mudança ou adição que traz melhoria. (Tradução nossa).

na escolha feita por TR que, como mostrado acima, não apresenta conflito de significados que possa sugerir ou justificar a necessidade da troca de termos.

Outro significado para o termo *clarification*, escolhido por CD é de esclarecimentos que podem promover melhorias no entendimento de determinado termo.

Diante desse raciocínio, ao observarmos que o sujeito-tradutor (TR) escolheu *elucidation*, e concordamos que, ‘elucidação’ para o ato de explicar algo, esclarecimentos a respeito deste assunto é uma escolha adequada. Ao escolher o termo *elucidation*, este sujeito deixa de escolher outros tantos termos, igualmente cabíveis e adequados. E, justamente a escolha de um termo, em detrimento a outros tantos, já marca a subjetividade no discurso deste sujeito no processo da tradução deste artigo. Convém lembrar, no entanto que o tradutor, neste RD, não consegue fazer com que sua escolha lexical permaneça, ou seja, pelas relações de poder presentes neste discurso da Odontologia, em um contexto social, na produção científica de material destinado à classe odontológica, o saber institucionalizado parece prevalecer, contrapondo-se às possibilidades ainda que adequadas propostas por sujeitos outros que não se constituem da mesma forma por esses discursos institucionalizados.

Sabemos que as palavras sempre carregam ecos de outros significados que são acionados, apesar de nossos melhores esforços para lhes cerrar o significado. Nossas afirmações são baseadas em proposições e premissas das quais nós não temos consciência, mas que estão, por assim dizer, na corrente sanguínea de nossa língua. Tudo que se diz possui um "antes" e um "depois" — uma "margem" na qual os sujeitos podem inscrever-se. O significado é, por natureza, instável, isto é, ele procura o fechamento (a ‘identidade’), mas é constantemente perturbado (pela diferença). Ele constantemente escapa, como que escorrendo pelas mãos (DERRIDA, 2009).

Podemos problematizar, ainda, a respeito da escolha do termo *clarification*, por CD, enquanto o termo usado pelo sujeito tradutor, *elucidation*, neste RD1, configura-se como termo bastante adequado.

O que nos parece ficar evidenciado, aqui, pelo fato da escolha do termo pelo sujeito revisor prevalecer sobre a escolha, igualmente adequada do sujeito tradutor é que, ao ocupar o lugar de revisor técnico, este sujeito revisor enuncia seu discurso como cirurgião-dentista e, nesta relação poder/saber, neste RD, subjetiva-se pelo empoderamento que a formação profissional e a proficiência da língua estrangeira lhe conferem.

Ao lermos todo o artigo, vemos que o sujeito-autor apresenta o assunto como algo inovador que, alertando sobre a necessidade de bastante cautela ao se indicar tais procedimentos associados, embasa sua proposta com evidências clínicas e microscópicas, revelando ao sujeito-

leitor, cirurgião-dentista a quem se destinam as publicações desta revista que, em que pese esta associação de procedimentos, clareamento e tratamento ortodôntico ser cientificamente fundamentada, estes sujeitos leitores devem ser bastante prudentes ao recomendar tal tratamento.

Dessa maneira, ao escrever o termo associada, ele explica aos cirurgiões-dentistas que este procedimento pode, de maneira eventual e pontual, ser prescrito concomitantemente, mas utiliza as aspas para esclarecer que não é protocolo, clareamento e movimentação ortodôntica que deve ser associado, e sim, sinalizar à possibilidade de mudança na época da indicação do clareamento dental, que é comumente indicada após a conclusão do tratamento ortodôntico. Esta é, em nosso ponto de vista, a contribuição pretendida pelo autor com a publicação deste artigo.

Dentro do que foi trazido no embasamento teórico a respeito dos escritos de Michel Foucault, podemos depreender que, ainda que de maneira inconsciente, o sujeito tradutor demonstra certa resistência à relação saber/poder que está presente nesta RD, quando não faz uso das aspas como utilizadas pelo sujeito autor do texto em português.

A questão da resistência está presente em todas as fases do pensamento de Foucault, ora mais claramente, ora mais veladamente. Interessa-nos aqui apontar algumas noções do filósofo francês que contribuem diretamente para a compreensão da relação entre sujeito, poder e resistência. Segundo este filósofo, o poder não é nem substância, nem algo que se possa possuir; precisa ser compreendido como a multiplicidade de correlações de força imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização. Foucault pontua que o poder está em toda parte, porque provém de todos os lugares; não é nem instituição, nem estrutura, mas o nome que se dá a uma situação estratégica complexa em dada sociedade (FOUCAULT, 1982).

Defende também que onde há poder, há resistência, sendo necessário reconhecer o caráter estritamente relacional das relações de poder. Estas não podem existir senão em função de uma multiplicidade de pontos de resistência, que estão presentes em toda a rede de poder e representam, nas relações de poder certa condição de se tornar ‘adversário’, a permissão para a irrupção de certa adversidade ao poder institucionalizado, por exemplo (FOUCAULT, 1977).

As resistências existem, assim, no plural, enquanto casos únicos; elas são “possíveis, necessárias, improváveis, espontâneas, selvagens, solitárias, planejadas, prontas ao compromisso, interessadas ou fadadas ao sacrifício” e só podem existir “no campo estratégico das relações de poder”, inscrevendo-se nestas relações como “o interlocutor irreduzível”. Os pontos, os nós, os focos de resistência distribuem-se no tempo e no espaço de modo irregular, de forma pulverizada, atravessam as estratificações sociais e as unidades individuais, podendo

provocar o levante de grupos ou indivíduos. Segundo Foucault, os pontos de resistência são, na maioria das vezes, móveis e transitórios, e introduzem na sociedade algumas clivagens que possibilitam o remodelamento do estabelecimento das próprias relações de poder (FOUCAULT, 2006).

A resistência ao uso das aspas pode denotar a regionalização do poder institucionalizado, forjando um espaço para o saber do tradutor, que constituído pelo discurso da gramática, da língua estrangeira, exerce este poder, ao escolher não usar as aspas, por conta das situações de utilização das mesmas, na língua inglesa, com conotação diferente deste texto científico.

Especificamente, nesta parte do RD, a relação do saber, como forma de poder, mostra o porquê da manutenção das aspas, pelo sujeito revisor, porque, enquanto o sujeito autor não traduziu o termo utilizando ‘aspas’, o revisor entende a necessidade de marcar que a associação não é um procedimento possível, mas que foi escolhido pelo autor como introdução de possibilidade diferente entre o leque de opções para o tratamento associado.

A utilização/ não utilização das aspas pelos sujeitos, neste RD, será retomada mais adiante quando falarmos do assujeitamento ideológico pela perspectiva da AD.

Ainda nesta linha de raciocínio, analisando a questão da resistência dos sujeitos, e as relações saber/ poder no processo de tradução de textos científicos especializados, ainda podemos ver a questão da tradução do termo clareamento dental, que, na verdade, aqui, o sujeito autor optou por ‘clareação dentária’. O sujeito tradutor opta por ‘*dental bleaching*’ e o sujeito revisor ‘*the dental bleaching*’.

Primeiramente, ressaltamos que, o termo utilizado em Odontologia para indicar este tipo de procedimento estético é clareamento dental³³. No entanto, o sujeito autor, sendo renomado professor de prestigiada universidade brasileira, coloca-se como enunciador e ‘inovador’ de termos já consagrados e incorporados pela comunidade odontológica. A aceitação de tais ‘ajustes’ torna-se aceito e entendido como possível aperfeiçoamento, por conta do lugar discursivo com relações de poder estabelecidas pelo discurso do professor de tal instituição de ensino de prestígio.

Uma vez mais, vemos as relações de poder, como nos alerta Foucault (2009) ao discorrer sobre as ‘sociedades de discurso’. Podemos, de fato, entender que a apropriação social destes

³³ <http://blog.dentalcremer.com.br/2014/11/21/clareamento-dental-associacao-de-tecnicas-para-obtencao-de-efetividade-e-naturalidade/>.

Referências: Baratieri LN, et al. Clareamento dental. São Paulo: Quintessence, 1996.

Baratieri LN. Clareamento de dentes. In: Baratieri LN, Monteiro Júnior S, Andrada MAC, Vieira LCC, Ritter AV, Cardoso AC. Odontologia Restauradora: fundamentos e possibilidades. São Paulo: Santos, 2001.

discursos traz o empoderamento pela presença de um saber ‘especializado’ e institucionalizado, os quais dizem respeito a sistemas de ensino, acesso a determinados tipos de conhecimento que promovem ‘distanciamentos’, oposições e lutas sociais.

A escolha de *dental bleaching* sem o artigo definido *the* pelo sujeito tradutor está de acordo com a maneira como a comunidade científica internacional conhece o termo. Em contrapartida, a utilização do artigo *the* pelo sujeito revisor indica a resistência deste sujeito ao saber do sujeito tradutor, novamente enunciando como revisor, constituído pelo discurso da Odontologia, e o poder conferido a um cirurgião-dentista por seu pertencimento à comunidade interpretativa em questão e atravessado pelo saber desta sociedade de discurso.

Na sequência, RD2 relaciona a tradução do termo “imagem” ao aspecto físico das pessoas, salientando o papel desta imagem, mais uma vez, a relação poder/saber que constitui os sujeitos constituídos pelo discurso da Odontologia.

RD2:

PT - Outro tipo de motivo bem específico para se fazer uma clareação dentária antes do tratamento ortodôntico pode ter uma natureza profissional, especialmente se considerarmos que nestes tempos contemporâneos a **imagem** predomina muitas vezes sobre o conteúdo teórico ou filosófico em determinados (Realce nosso)

TD - *Another reason for having dental bleaching performed before orthodontic treatment may be of professional nature, especially if we consider that **image** often predominates over candidates' theoretical or philosophical content. In the case of photographic models and other professionals who depend on their image and exposure, white clean teeth are required. The same happens when the patient attends job interviews or other selection processes related to job or artistic opportunities.* (Realce nosso)

CD - *Another reason for having dental bleaching performed before orthodontic treatment may be of professional nature, especially if we consider that **the appearance** often predominates over candidates' theoretical or philosophical content. In the case of photographic models and other professionals who depend on their image and exposure, white clean teeth are required. The same happens when the patient attends job interviews or other selection processes related to job or artistic opportunities.* (Realce nosso)

Ao se pesquisar o significado de *appearance* e *image*, no dicionário Cambridge (1996), encontramos algumas definições para ambos os termos.

O termo *appearance* tem alguns significados, entre eles: *The appearance of a person or a thing is the way that they look to other people*³⁴ *Image*, por sua vez, o mesmo dicionário traz como: *a Picture in mind of what something or someone is like; something or someone's is the way they are thought by other people. An image is also a mental picture or idea which descriptive language makes in a reader or listener's mind.*³⁵

³⁴ A aparência de uma pessoa ou uma coisa é a maneira como elas aparentam a outras pessoas. (Tradução nossa).

³⁵ (1) Uma imagem na mente sobre a maneira como algo ou alguém é; (2) é a maneira como algo ou alguém é pensado por outra pessoa; (3) uma imagem também é a imagem mental ou ideia que a descrição pela linguagem forma na mente de um leitor ou ouvinte. (Tradução nossa)

Ao pesquisar a utilização dos termos *image* e *appearance* em sites de clínicas de Odontologia Cosmética nos Estados Unidos e Reino Unido, bem como consulta a artigos especializados a respeito da aparência e o tratamento odontológico estético restaurador, encontramos o termo *image* para a imagem, a aparência.

Neste RD, uma vez mais, fica perceptível a relação do saber/poder instituído pelo pertencimento à comunidade odontológica, validando discursos deste sujeito revisor, a despeito da escolha adequada do termo, pelo sujeito tradutor do texto.

“O sujeito é, pois, o lugar para onde Foucault olhará na construção da sua obra. Ele é o seu objeto, seja enquanto objeto de saber, seja enquanto objeto do poder, ou ainda, enquanto objeto de construção identitária” (GREGOLIN, 2004, p. 58).

Aqui, entendemos que os sujeitos se subjetivam a partir dos discursos que os constituem e aos lugares discursivos que são remetidos, pelo pertencimento/ ou não a determinados grupos. Os embates, a partir das relações de saber/ poder, em espaços institucionalizados como o ambiente a Revista científica em questão, onde, hierarquicamente os sujeitos tradutor e revisor estão alinhados em decorrência de suas atribuições profissionais, no poder decisório parece haver uma prevalência de escolhas do sujeito revisor, mais pelo discursivo de cirurgião-dentista do que pela posição de revisor de textos especializados, traduzidos para o inglês. Ou então, ambos o lugar e a posição discursivos apontam para uma sinergização do empoderamento conferido a este sujeito.

A seguir, traremos RDs que, apontem para o assujeitamento odontológico e os efeitos de sentido produzidos nos discursos dos sujeitos envolvidos no processo tradutório dos artigos selecionados para análise.

3.1.2 Assujeitamento ideológico e efeitos de sentido do/no discurso dos sujeitos

Nesta subseção, os estudos da tradução têm compreendido a relação entre o tradutor e as contingências que determinam sua atividade. Dentre os principais conceitos salientados por estudiosos é o fato de ser uma atividade sobredeterminada por circunstâncias sócio-históricas e político-ideológicas.

Formulados por um viés social, estes conceitos demandam entendimento de aspectos particulares e históricos dos sujeitos envolvidos no processo discursivo da tradução, dentre eles o processo de assujeitamento, ou seja, a maneira como os sujeitos tradutor e revisor, no caso desta dissertação, respondem à ideologia.

Primeiramente, trataremos como os jargões e termos da/na Odontologia representam uma forma de assujeitamento ideológico dos sujeitos.

No **RD3**, abaixo, analisaremos a escolha dos termos relacionados ao condicionamento ácido do esmalte. A função deste procedimento, o ataque ácido, é aumentar a adesão do material restaurador ou cimentante, no caso, ao dente. Aqui, a análise terá seu foco na escolha do termo ‘a função do condicionamento ácido do esmalte’ traduzido para o inglês pelo sujeito tradutor e posteriormente feita a revisão pelo sujeito revisor.

PT- Basicamente, ³⁶**a função do condicionamento ácido do esmalte** é a criação de uma área adesiva pelo aumento da porosidade e energia de superfície, resultando em melhor penetração do adesivo.

TR- *Basically, **the function of acid conditioning the enamel** is the creation of an adhesive area by the increase of porosity and surface energy, resulting in better permeation of the adhesive.*

CD- *Basically, the function of **enamel etching** is the creation of an adhesive area by increasing enamel porosity and surface energy, resulting in better permeation of the adhesive.*

O termo ‘condicionamento ácido do dente’ trata do procedimento utilizado antes da aplicação do adesivo, material dentário que é composto por substâncias que desempenham duas funções diferentes, no processo de preparo do elemento dental para receber uma restauração estética, ou no caso do artigo selecionado, para a cimentação de aparelho ortodôntico.

A comunidade odontológica está ‘habituada’, desde sua formação acadêmica, à utilização de alguns termos específicos em inglês, ou seja, algumas terminologias são usadas em língua inglesa e não são traduzidas para o português. Alguns termos, na verdade, até causariam estranhamento se fossem traduzidos para o português. Existe, portanto, certa familiaridade com termos estrangeiros no vocabulário de sujeitos que pertençam a esta comunidade, e determinadas expressões usadas pelos profissionais da área estão em inglês, as quais são geralmente ligadas à função, composição, propriedades e/ou indicações.

O condicionamento ácido de esmalte e dentina, por exemplo, seguidos pela aplicação de produtos que promovam a união entre dente e material restaurador podem ser conhecidos por seus nomes comerciais ou nomes fantasia, como por exemplo, “*Single-Bond*”, nome comercial de um agente de união, que representa um determinado produto, que, anteriormente, era acondicionado em dois frascos, o *primer*, que inicia o *bond*, que promove a adesão do material restaurador ou de cimentação ao dente. Posteriormente, passaram a vir dois componentes em um, justificando-se a utilização do “*single*”, e *bond*”. O termo em inglês,

³⁶ Os textos em negrito, em todos os recortes discursivos, têm como objetivo ressaltar os termos que serão analisados em cada um deles. (Realce nosso)

estrategicamente escolhido pela multinacional que o fabrica, acaba por ser utilizado por profissionais no mundo inteiro.

Quando se pensa em condicionamento ácido do dente, o termo *'etching'*³⁷ vem à mente de grande número de profissionais da Odontologia. Quando surgiram estes compostos hidrofílicos, eles eram chamados *'self-etching'*, só com o passar do tempo tornaram-se *'autocondicionantes'*, termo adotado por alguns profissionais, mas no fim das contas pode ser até mais difícil a adesão por parte da comunidade interpretativa em questão.

Neste **RD3**, a expressão *'condicionamento ácido do esmalte'*, em português, foi traduzida pelo sujeito-tradutor como *acid conditioning the enamel*, uma tradução fruto de um gesto de interpretação deste sujeito-tradutor. Porém, o sujeito-revisor, atravessado pela FD da Odontologia *'está familiarizado'* ao termo *'enamel etching'*, e por familiarizado entenda-se assujeitado ideologicamente, respondendo pelo efeito de familiaridade a estes termos e jargões. Assim, ao trocar o termo *acid conditioning the enamel* por *enamel etching*, o sujeito tradutor responde ao assujeitamento identificando-se ao sujeito autor do texto em português, bem como aos sujeitos leitores, profissionais da Odontologia que irão ler o texto *on-line* na língua inglesa, permitirá que estes sujeitos entendam que se refere ao procedimento de aplicação de ácido à superfície ou superfícies dentais que receberão o *'agente de união'* e posterior restauração ou cimentação, em caso de aparelhos ortodônticos.

O fato de *'estar familiarizado'* ao termo *etching*, que é conhecido pelo mesmo termo, pelos cirurgiões-dentistas no Brasil, nada mais é do que o atravessamento da ideologia que produz efeitos de sentido; pela relação com a FD da Odontologia e com o interdiscurso como pré-construído, como dito acima, aponta para o *'deve ser traduzido assim, trazendo o efeito do 'já-dito'*, indicando *'a maneira mais usada'* do termo ao sujeito revisor.

Não se constitui um *'erro'* o fato do sujeito tradutor escolher *acid conditioning*; no entanto, revela a inscrição de sua subjetividade no processo tradutório, seu assujeitamento ideológico, ou seja, sua relação com sujeito do saber da FD da Odontologia. Este sujeito tradutor não se identifica com o sujeito do saber da FD da Odontologia e escolhe um termo diferente

³⁷ *Etching*: <http://medical-dictionary.thefreedictionary.com/etching>. *The cutting of a hard surface such as metal or glass by a corrosive chemical, usually an acid, in order to create a design.* A penetração de uma superfície rígida como metal ou vidro por meio de um agente quimicamente corrosivo, geralmente um ácido, para se criar um design/ ou preparar a superfície. (Tradução Nossa).

Acid etching of dental enamel with an acid in order to roughen the surface, increase retention of resin sealant, and promote mechanical retention. Condicionamento ácido do esmalte dental com ácido a fim de provocar rugosidades na superfície, aumentando a capacidade de retenção mecânica. (Tradução Nossa)

Miller-Keane Encyclopedia and Dictionary of Medicine, Nursing, and Allied Health, Seventh Edition. © 2003.

daquele escolhido por sujeitos que se identificam com a FD e por ela são constituídos, no caso, os sujeitos autor e revisor.

Importante salientar a relação ideologia e inconsciente, pois, como o próprio Pêcheux (1988) apontou, os sujeitos não são interpelados de forma homogênea. Só assim conseguiremos dar conta da complexidade da prática tradutória como processo discursivo.

Mittmann, ao se referir à tradução, coloca que:

Se a relação do tradutor com o saber de uma FD não é sempre a mesma, a própria FD não é sempre igual a si mesma, já que é constantemente invadida pelos saberes e pelas vozes do seu interdiscurso. E essas vozes chegam até o discurso do tradutor para serem interligadas, negadas, silenciadas etc. Por isso, o dizer do tradutor é constitutivamente heterogêneo. E não apenas porque o texto/discurso da tradução se dá a partir de um texto/discurso original, mas porque além da voz do autor e das vozes que constituíram o discurso do autor, estão também presentes outras vozes trazidas consciente ou inconscientemente pelo tradutor. (MITTMANN, 2003, p.82)

A partir desta relação, tradutor e revisor, sujeitos de nossa análise, assumem posições-sujeito, inscrevendo-se em sua formulação, o texto da tradução. Em relação à escolha do termo, entendemos que este sujeito tradutor silencia e não encontra correspondência no intradiscurso ao termo *enamel etching*, respondendo ao assujeitamento com a escolha do termo *acid conditioning* e não o mesmo termo que o sujeito revisor optou por utilizar ao traduzir.

Ocorre uma espécie de ‘teatro’ da consciência, como dito anteriormente, ou seja, a partir do que este sujeito vê/ fala, colocando-se como origem de seu dizer. Dito de outro modo, o processo de interpelação é ignorado pelo sujeito, constituindo-se em um processo de “imposição/dissimulação”, uma vez que fornece ao sujeito o que ele é, ou seja, situa este sujeito, ao mesmo tempo em que ‘mascara’ o processo de assujeitamento, dando a ele a ilusão de que ele é origem de seu dizer (MITTIMANN, 2003).

Ainda, segundo a AD Pêcheutiana, toda a discussão acerca da noção de sujeito, e à relevância do sócio-histórico e ideológico como elementos constitutivos dessa noção, podemos dizer que, o lugar que o sujeito ocupa na sociedade é determinante do seu dizer. Ao se identificar com determinados saberes, o sujeito se inscreve em uma FD e passa a ocupar o lugar, não mais de sujeito empírico, mas sim, o lugar de sujeito do discurso. O sujeito revisor se inscreve na FD da Odontologia, assim como o sujeito autor, identificando-se com o saber daquela FD. A escolha que faz do termo a respeito do condicionamento ácido do esmalte mostra, que por sua identificação com a FD que o constitui, fez a escolha do termo “*self etching*”.

Partindo-se do conceito de formações imaginárias, cunhado por Pêcheux (1969) podemos ainda dizer que as imagens que os interlocutores de um discurso atribuem a si e ao outro são determinadas por lugares empíricos/institucionais, construídos no interior de uma formação social. Assim, a imagem do revisor, por exemplo, já está determinada pelo lugar empírico a ele atribuído por uma determinada formação social. O sujeito revisor identifica-se com o sujeito leitor ou com a imagem que atribui a este, como forma de resposta ao processo de assujeitamento no processo tradutório deste RD analisado.

Dessa forma, entendemos que por mais que a Perspectiva Tradicional de Tradução pretenda passar a ideia de um mero transporte de significados no processo tradutório, sem interferência dos sujeitos tradutor/revisor, o exemplo do **RD3** nos leva a concordar com Mittmann (2003) ao defender a impossibilidade de um transporte asséptico de termos ou palavras do idioma de partida ao idioma de chegada. E, cada gesto de interpretação como mostrado no **RD3** revela as possibilidades outras que ocorrem no processo tradutório de textos científicos especializados como estes das Ciências Biomédicas.

Fish (1980) afirma que é do partilhar de interesses, preocupações de um grupo não de um indivíduo isoladamente que, determinadas coisas passam a fazer sentido. Explica ainda que não é o fato de se compartilhar uma linguagem, no sentido de se conhecer regras para combinação de palavras individuais, mas sim, de um modo de se construir a realidade, o partilhar de uma forma de vida, sendo atravessados e constituídos por determinados discursos, que julgam propriedade e criação próprias, mas que nos foram inculcados sócio culturalmente, pelo pertencimento a determinados grupos, em determinados espaço históricos e culturais. De fato, há um universo de ideias e ideais compartilhados além de procedimentos, metas, valores. Estes elementos estão em seu devido lugar, já pertencem à comunidade, cujas mensagens são decodificadas, interpretadas e traduzidas a partir de características e particularidades desse grupo.

Por isso, o termo ‘*etching*’, aqui, tem sentido partilhado entre a comunidade interpretativa, sendo apreendido mais pelo emprego que se faz dele na Odontologia, do que por pertencer à língua inglesa. O sujeito-revisor escolheu *enamel etching* porque o termo pertence à comunidade interpretativa à qual ele e os autores do texto em português pertencem.

Ao olharmos pelo viés da AD, entendendo a subjetivação dos sujeitos como efeito ideológico, e de acordo com Gallo (2001), entendemos a marca do efeito tradutor, ou seja, o sujeito que é atravessado pela FD odontológica e enuncia seu discurso do lugar discursivo de dentista e de revisor, mas, ao traduzir, filia-se à FD da gramática, que o domina enquanto sujeito que tem conhecimento do idioma do texto de chegada. O efeito tradutor ao sujeito que

discursivamente nestas condições de produção dada, ou seja, no contexto institucional de uma Revista científica especializada em artigos da Odontologia, fala do lugar discursivo de revisor.

Esse efeito retrata a heterogeneidade constitutiva do processo tradutório, e as diferentes posições-sujeito ocupadas pelos sujeitos no processo discursivo da tradução. Podemos entender o imbricamento de diferentes posições-sujeito, do lugar social ao lugar discursivo (GRIGOLETTO, 2005).

3.1.3 Efeito Autor e Função Tradutor

Ao prosseguir com nosso percurso de análise, o RD3 tem como foco o uso do termo ‘penetração’, traduzido para o inglês como *permeation* (penetração).

RD3

PT- Basicamente, ³⁸a função do condicionamento ácido do esmalte é a criação de uma área adesiva pelo aumento da porosidade e energia de superfície, resultando em melhor **penetração** do adesivo.

TR- *Basically, the function of acid conditioning the enamel is the creation of an adhesive area by the increase of porosity and surface energy, resulting in better **permeation** of the adhesive.*

CD- *Basically, the function of enamel etching is the creation of an adhesive area by increasing enamel porosity and surface energy, resulting in better **permeation** of the adhesive.*

Dentro da multiplicidade de sentidos e a leitura, dado o movimento interpretativo, vemos o termo ‘*permeation*’, escolhido pelo tradutor e endossado pelo revisor para traduzir o substantivo “penetração”. Ainda que o termo, em artigos científicos, em inglês, relacionados à capacidade de penetração de substâncias, desde tinta para contraste até agente de união ou adesivo, tragam o termo *penetration*, referindo-se ao movimento de penetração do adesivo, faz-se importante discutir que, nos *tags* do esmalte ou na camada híbrida da dentina, o termo mais utilizado, conceitualmente falando, seria ‘*penetration*’.

Recorremos, primeiramente, a Derrida (2002) para quem o processo tradutório coloca o tradutor em *double-bind*, ou seja, no entre-lugar, no entre-línguas, onde a indecibilidade, o adiamento, produzem os rastros suplementares que se instauram em suas escolhas pelo deslizar dos sentidos, como no caso deste RD, observamos as variáveis possíveis: *penetration* e/ou *permeation*). Sabe-se que a língua inglesa, bem como muitas outras línguas apresentam nuances de sentido que podem, muitas vezes, levar o tradutor ou o leitor a outras escolhas que não àquelas “autorizadas”, neste caso, pela própria comunidade interpretativa. Podemos observar nesta escolha, a chamada *différance* cunhada por Derrida. Ao buscar o termo “penetração” em

um dicionário bilíngue, o tradutor vai ao encontro de inúmeras opções e é no deslizar e no adiamento do sentido entre uma palavra e outra que ele faz sua escolha.

Trouxemos Derrida neste RD3, a fim de ampliar nosso leque à compreensão das possibilidades de escolha de dados termos, pelos sujeitos durante o processo tradutório, em detrimento a outros tantos que não são utilizados, ou sequer lembrados, pelos sujeitos. Este diálogo entre as teorias desconstrutivista e do discurso permitem-nos justificar nossa escolha da abordagem discursivo desconstrutivista da tradução como perspectiva teórica desta dissertação.

Isto posto, retornamos à AD Pêcheutiana, para prosseguir a análise do RD3 por este viés teórico.

Abaixo, alguns recortes de textos científicos para respaldar nossa afirmação de que a opção *penetration*, ao invés de *permeation* seria a mais adequada para o referido contexto.

O primeiro texto é parte do *abstract* de um artigo da área de Odontologia, que fala do assunto tratado no primeiro artigo de nosso *corpus* de análise.

Traremos o texto em inglês e nossa tradução para o português, no corpo do trabalho, porque temos a intenção de analisar concomitantemente os textos em inglês e português, para depois mobilizarmos gestos de análise a partir da AD pêcheutiana.

Em Inglês, a utilização de *penetration*:

*Quantifying adhesive **penetration** in adhesive/dentin interface using confocal Raman Microspectroscopy.*³⁹

[...] *The purpose of this study was to develop a method for quantitative determination of the degree of adhesive **penetration** at the a/d interface using CRM. Three commercial dentin adhesive systems [Scotchbond Multipurpose Plus (SBMP+), Single Bond (SB), and Primer Bond NT (PBNT)] based on the total etch and “wet” bonding technique were examined in this study. [...]*

Em Português, uma possível tradução para o texto acima seria:

Quantificação da **penetração** na interface dentina/adesivo com o uso de Confocal Raman Microspectroscopy (CRM).

O propósito deste estudo foi desenvolver um método de determinação quantitativo do grau de ‘**penetração**’ do adesivo na interface adesivo/dentina usando CRM. Foram testados três sistemas de adesivos dentinários [Scotchbond Multipurpose Plus (SBMP+), Single Bond

³⁹ Journal of Biomedical Materials Research Journal of Biomedical Materials Research Volume 59, Issue 1, pages 46–55, January 2002

(SB), and Primer Bond NT (PBNT)] com base do condicionamento ácido total e técnica de ‘molhamento’ do adesivo foram examinados neste estudo (Tradução nossa).

Segundo, quanto ao uso de ‘*permeation*’:

Permeation test: The purpose of the test is to provide evidence that the hydrogen container does not permeate more than a specified rate.

Ensaio de permeabilidade: O objetivo do ensaio é demonstrar que a permeabilidade do reservatório de hidrogênio não excede um valor especificado⁴⁰ (tradução nossa).

The process of permeation involves the diffusion of molecules, called the permeant through a membrane or interface.

O processo de **permeabilidade** envolve a difusão de moléculas, chamada de semipermeável, através uma membrana ou interface (Tradução nossa).

Todavia, faz-se necessário lembrar que nosso objetivo de análise é compreender os efeitos de sentido produzidos, cotejar e discutir possíveis movimentos de assujeitamento dos sujeitos no processo tradutório.

Reafirmamos nosso entendimento que, não existe um sentido literal a ser resgatado do chamado texto ‘original’ e que não se pode estabelecer um sentido fixo ao termo de partida, mas apenas escolhas lexicais com conotações ou diferentes nuances de sentido. O sentido no processo tradutório é múltiplo, porém o que traz a ilusão da existência deste centro é que, em dadas condições de produção haverá prevalência de um deles, ou seja, “um sentido dominante que se institucionaliza como produto da história” (ORLANDI, 1996, p. 144) e, acrescentamos, também, um sentido “autorizado” ou “autenticado” pela comunidade interpretativa.

Como já sinalizamos, além da multiplicidade de sentidos e da heterogeneidade constitutiva do discurso traduzido, observa-se no **RD3**, o assujeitamento dos envolvidos no processo tradutório relacionado às funções autor, tradutor e revisor.

Trazemos, novamente, Arrojo (1993), que advoga a natureza produtiva e transformadora da tradução, e aponta para o papel inquestionavelmente autoral do autor” (ARROJO, 1993, p. 139).

A organização da multiplicidade de vozes e o efeito de unidade fazem parte da autoria, e Foucault (2000) define como “ princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência” (FOUCAULT, 2000, p.26)⁴¹.

⁴⁰ FONTE: (FONTE: <http://www.linguee.com/portugues-ingles/>; eur-lex.europa.eu)

⁴¹ Para Foucault (2000), a posição-sujeito é um lugar vazio que pode ser ocupado por indivíduos diferentes, e não como coloca Courtine, o resultado da relação do sujeito enunciador com o sujeito do saber de uma FD (MITTMANN, 2003, p.78)

Pela ótica da AD Pêcheutiana é preciso que se entenda a autoria pode ser vista como uma maneira de inscrição no ‘já-dito’, aquilo que é ‘já-estabelecido’, bem como uma forma de ‘emersão’ do efeito sujeito, que diz respeito ao efeito de responsabilidade, efeito de evidência, efeito de autonomia. (MITTMANN, 2003).

“O sujeito só se faz autor se o que ele produz for interpretável” (ORLANDI, 1996, p.70). Ou seja, é o já dito (que estabelece o que é formulável e interpretável) que dá sustentação à autoria. E, toda fala é produto de um efeito de sustentação no já dito, fazendo com que o sujeito tenha a ilusão de ser a origem do seu dizer, e que o sentido nasce com a sua enunciação e não afetado historicamente. Orlandi nos diz que este é ‘um silenciamento necessário, inconsciente, constitutivo para que o sujeito estabeleça sua posição, o lugar de seu dizer possível (ORLANDI, 1996, p. 71-72).

Sabemos que, para que funcione o ‘já-dito’, a interpretação do autor é obrigatoriamente esquecida, ainda que este se julgue totalmente consciente. A figura (histórica) do tradutor, isto é, o sujeito que, sob determinação histórica é afetado pelo inconsciente, ocupa o lugar de autor e a função autor, por conta da exterioridade constitutiva de todo discurso (as bordas que separam o dentro do fora são ilusórias), tornando-se responsável pelo efeito de autoria. (MITTMANN, 2003).

Aqui, o sujeito tradutor desempenha função autoral ao assumir o lugar de autor e a função autor, interna ao discurso, posto que, como já dito também, as bordas que separam o dentro do fora são ilusão. Aqui, o lugar de tradutor e a função autor e o sujeito autor são facilmente confundidos.

Gallo (2001) afirma que só é possível verificar o efeito autor em alguns discursos, ou seja, quando é produzida uma nova posição sujeito, que surge de diferentes ordens do discurso; neste caso do **RD3** o lugar discursivo do tradutor é afetado pelo efeito autor.

De igual modo, o assujeitamento ideológico, nas condições de produção dadas, a posição-sujeito desloca-se afetada pelo efeito autor, pelo confronto de FDs e resulta uma ‘nova’ FD (GALLO, 2001)

Como já dito anteriormente, a partir da função autor foucaultiana na perspectiva da Análise do Discurso sobre a tradução, Mittmann traz a noção de função tradutor como “aquela função que organiza, a nível de intradiscurso, as vozes vindas do interdiscurso, seja na forma de discurso transversal ou de pré-construído. Isso cria um efeito de coerência em um sujeito constitutivamente heterogêneo e contraditório” (MITTMANN, 2003, p. 89). Esta função tradutor que conduz ao efeito de responsabilidade por uma suposta imitação da função autor do texto anterior em um ‘novo’ texto.

O que dá sustentação a esses sentidos é a memória – pré-existente, na forma da presença-ausente, na forma do sempre-retorno. Segundo Pêcheux (1999, p.52), a memória discursiva é o que, pela relação com a memória histórica, “face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível”. Essa memória é um traço sócio-histórico que sustenta a própria possibilidade de interpretar e, portanto, de dizer, de traduzir.

No texto das ciências biomédicas, podemos depreender que, sobre os ombros do sujeito tradutor pesam as responsabilidades pelo processo tradutório, bem como sobre os ombros do sujeito revisor que também é um tradutor, os quais dividem a responsabilidade pelo processo tradutório, embora saibamos que o texto final da tradução recai sobre o sujeito autor.

O retorno dessa memória e a dispersão do sujeito precisam ser ‘lembrados-esquecidos’ no momento da tradução/ revisão para que a interpretação se dê, e que o ‘novo’ texto possa ser produzido, para que se tenham, novamente, os efeitos de unidade, transparência, e evidência do texto, do sentido e do sujeito.

Retomamos aqui a análise da maneira como os sujeitos respondem ao assujeitamento ideológico, afirmando que esse assujeitamento se dá pela identificação do sujeito enunciador com o sujeito do saber da FD que o domina. Neste caso, o sujeito tradutor responde ao assujeitamento por sua identificação com o sujeito do saber da gramática, que o domina; também é o efeito ideológico faz com que o sujeito revisor aceite a escolha do sujeito tradutor, fornecendo a ilusão de assimilação ideológica do efeito autor do sujeito tradutor, ao organizar o dizer neste RD, permitindo a evidenciação de um efeito de unidade ao texto da tradução deste/neste RD analisado.

Antes de prosseguir, uma vez mais queremos dizer que, na produção do texto de base, a heterogeneidade de vozes, disfarçada pela autoria em efeito de unidade e de origem, e que o discurso da tradução nas/das ciências biomédicas não surge nem se encerra no tradutor ou no revisor que o enunciam, mas surge das relações com outros sujeitos e outros discursos, quer identificáveis quer não (MITTMANN, 2003).

Além disso, a heterogeneidade é organizada pela *função tradutor*, no processo tradutório. Entendemos que, no processo tradutório dos RDs analisados aqui, entendemos que o sujeito revisor, ao organizar as vozes e orquestrar os discursos também desempenha o que poderíamos chamar *função revisor*, que ora estabelece relação de assimilação ora de resistência em relação ao discurso do sujeito tradutor, ou seja, esta função *tradutor/revisor* é responsável pela organização das vozes presentes, bem como pelo direcionamento de uma interpretação,

criando homogeneidade e transparência. Ressalte-se que os efeitos de homogeneidade e transparência também se constituem efeitos ideológico sobre os discursos produzidos no processo tradutório.

3.1.4 Esquecimentos Pêcheutianos e Processo tradutório

Nesta subseção, trataremos a questão dos esquecimentos, tal como proposto por Pêcheux, problematizando possíveis implicações para o processo tradutório dos artigos que compõem o *corpus* de pesquisa.

No **RD4**, observamos:

PT- Rajagopal14 et al. E Sirirungrojyng21 et al. relataram **que a utilização de condicionamento ácido prévio ao adesivo** causa um decréscimo na resistência adesiva ao cisalhamento.

TR- *Rajagopal14 and Sirirungrojyng21 reported that **the utilization of acid conditioning before the adhesive** causes a reduction on the adhesive shear bond strength.*

CD- *Rajagopal14 and Sirirungrojyng21 reported that **the enamel etching before the adhesive** causes a reduction on the adhesive shear bond strength*

No texto em português temos: “utilização de condicionamento ácido prévio ao adesivo”; porém sem explicitar se este condicionamento é restrito ao esmalte ou é extensivo à dentina. Com certeza, ao ler o texto todo sabe-se que se o condicionamento ácido, neste caso, restringe-se ao esmalte dentário, pois o artigo fala sobre a utilização do material odontológico testado pelos autores do artigo em português, e diz respeito a produto para cimentação. Mas, o discurso do sujeito-autor não especifica se é somente esmalte ou não.

O sujeito-tradutor traduz como: *utilization of acid conditioning before the adhesive*, não caracterizando o tipo de condicionamento ácido, assim como o sujeito-autor. O sujeito-tradutor interpretou e traduziu os termos ou conceitos sugeridos pelo sujeito-autor.

O sujeito-revisor, por sua vez, em seu lugar de fala, sente-se autorizado a traduzir de outra maneira “condicionamento ácido do esmalte”, e traduz por - *the enamel etching before the adhesive*.

Iniciamos a análise do RD4, trazendo a desconstrução derridiana para nos auxiliar no entendimento do processo de tradução neste RD.

Neste exemplo, podemos observar o *double bind*, como nos traz Ottoni (2005, p. 15), o qual denuncia a possibilidade de conceber a tradução, lá onde ela é um acontecimento considerável do pensamento, desconstruindo um ‘saber absoluto’ sobre a linguagem, a tradução e o traduzir.

No RD4, a escolha do sujeito tradutor deixa sua presença marcada no texto traduzido, por meio de sua intervenção durante o processo tradutório, onde outorga sua marca de profissional da Odontologia e especialista em Ortodontia, ou seja, um profissional a quem o condicionamento ácido é associado apenas ao esmalte dentário.

Pelo viés da AD, interpretamos este gesto de interpretação por parte do sujeito revisor, pelo funcionamento dos chamados esquecimentos número 1 e número 2. O *esquecimento número 1* da ordem do inconsciente sobrepõe-se ao *esquecimento número 2* da ordem do enunciado.

Há uma relação de dominância do primeiro sobre o segundo esquecimento, onde o não afirmado precede e domina o afirmado. O sujeito revisor atravessado pela ideologia filia-se à FD da Ortodontia que o domina, onde o condicionamento ácido restringe-se apenas ao esmalte dentário, havendo a presença de um deslize dos sentidos e este sujeito ‘desidentifica-se’ ao discurso dos outros sujeitos autor e tradutor, cujos discursos traziam apenas o condicionamento do dente, e não restrito ao esmalte.

Ao mesmo tempo que o sujeito é constituído ideologicamente, a fonte de seu dizer não se encontra nele, mas no interdiscurso, ele é considerado responsável por suas formulações. “Assim, as decisões sobre o modo de dizer se dão no nível da formulação-reformulação do que se está interpelado a dizer e interpretar, no nível do enunciado, ou seja, aquilo que pode e deve ser dito numa FD” (MITTMANN, 2003, p. 74).

Para reforçar o fato do condicionamento ácido do dente poder ser feito tanto em esmalte como em dentina, trazemos abaixo um trecho de artigo científico, que relata na prática clínica em Odontologia Estética a utilização de ataque ácido em esmalte e dentina. O texto abaixo traz dados sobre o condicionamento ácido de esmalte e dentina, mostrando efeitos microscópicos de tais procedimentos.

RD5:

The enamel and dentin surfaces were treated with 35% phosphoric acid gel, 10% phosphoric acid gel and 10% maleic acid gel for 15 and 60 seconds. Scanning electron microscope analysis showed that all the acid etchants modified the micromorphological appearance of enamel and dentin surfaces independent of the type of acid, the etching time and the concentration.

Uma possível tradução seria:

As superfícies do esmalte e dentina foram tratadas com ácido fosfórico e ácido malêico, ambos a 10% de 15 a 60 segundos. A análise em microscopia eletrônica mostrou que todo condicionamento ácido modifica micromorfologicamente as superfícies de esmalte e dentina independentemente do tipo de ácido, tempo de condicionamento e concentração de ácido.

No recorte discursivo acima, há distinção entre clareamento ácido em esmalte e dentina. O sujeito-revisor também deixa marcas por meio de suas escolhas lexicais. Mostra também o

atravessamento de discursos de poder/saber, onde, atravessado pela FD de odontólogo, altamente especializado, o discurso do ortodontista. Este sujeito faz valer sua filiação a discursos que revelam pertencimento à comunidade interpretativa da Odontologia, desfrutando do poder da comunidade, enquanto lugar discursivo, para fazer valer a voz do sujeito-revisor, ao invés da voz e vez do sujeito tradutor.

Retomaremos, a seguir, o **RD1** para análise da relação ideologia e sujeito-tradutor no discurso odontológico traduzido.

PT- Sobre a clareação dentária “**associada**” ao tratamento ortodôntico.

TR- *about dental bleaching **associated** with orthodontic treatment.*

CD- *about the dental bleaching “**associated**” with orthodontic treatment.*

A tradução é desde sempre resistência como nos diz Ottoni, entendemos que, a própria “língua para a AD admite a falha, a irregularidade, a heterogeneidade, o equívoco não como desvios, mas como próprio da língua” (MITTMANN, 2003, p.60).

Entendemos que o fato de não marcar com aspas o verbo *associated*, este sujeito-tradutor já marca sua subjetividade neste **RD1**.

Pela perspectiva da AD pêcheutiana, vemos o funcionamento do esquecimento *número 1* sobrepondo-se ao esquecimento *número 2*.

Como dito no RD anterior, ‘ ao mesmo tempo em que o sujeito é constituído ideologicamente, e a fonte de seu dizer está no interdiscurso, ele é considerado responsável pelas suas formulações que, dito de outro modo seria, que o sujeito tradutor, neste caso aqui, é considerado responsável pelas suas formulações, ou seja, pelas reformulações dos saberes da FD que o domina (MITTMANN, 2003, p. 74).

Entendemos que, se TR é dominado pela FD e é responsável por sua formulação, então essa responsabilidade é igualmente determinada. E, ainda segundo Mittmann, a responsabilidade acaba sendo um efeito, consequência do apagamento do processo de determinação, ao mesmo tempo que legitima a interpelação, já que o sujeito se acredita livre e capaz de suas próprias escolhas (MITTMANN, 2003).

Na busca do desvendamento do processo de constituição do sujeito, e indo de encontro à ilusão subjetiva, é que a AD, Pêcheux propõe uma ‘teoria (não subjetiva) da subjetividade’ (PÊCHEUX, 1995, p. 131). Uma vez mais, lembramos que o sujeito não é a fonte nem a origem de seu dizer, mas, constituído pela FD que o interpela, resgata em seu dizer o ‘já-dito’ no interdiscurso.

Portanto, o sujeito é desde sempre constituído, interpelado e determinado pela ideologia. Existe em AD, ainda que de modo bastante exíguo, uma tentativa que aponte para a possibilidade de haver certa ‘liberdade’ do sujeito. Essa possibilidade, segundo Mittmann, já foi apontada pelo próprio Pêcheux em 1967, quando publicou sob o pseudônimo de Thomas Herbert, onde apontava para a *pessoa deslocada*, referindo-se à ‘mobilidade do ideológico’.

Traremos este conceito aqui para apontar a possibilidade que analisamos e julgamos possível, neste RD1, sobre a não utilização das aspas.

Esse conceito de ‘pessoa deslocada’ daria conta de um sujeito poder, eventual e repentinamente, ver, compreender e interpretar outra coisa que não lhe é ‘dado’ ver, compreender e/ou interpretar. Mittmann nos diz a respeito desta ‘pessoa deslocada’ ser produzida por uma formação social através do que, na época foi chamado de ‘mutação ideológica’ é considerar que

O sujeito deslocado não se desloca por sua livre vontade e sim porque (e até o limite em que) a formação social lhe permite. Além disso, pela afirmação de Pêcheux, parece que o deslocamento da pessoa é possibilitado pela mobilidade do ideológico (MITTMANN, 2003, p. 75).

Em texto posterior, Pêcheux (1995) traz essa noção sob a forma de *mau sujeito*, onde assevera que da relação do sujeito da enunciação como sujeito universal da FD resultam duas modalidades: o *bom sujeito* que se identifica totalmente como o sujeito universal da FD e o *mau sujeito* que se contra identifica com o que lhe é imposto pela FD. Uma vez ainda, reforçamos que, essa contra identificação não significa liberdade do sujeito, até mesmo porque não se origina nele próprio, mas no interdiscurso, ou seja, o interdiscurso ainda continua determinando a identificação ou contra identificação do sujeito com a FD, na qual lhe é suprida a evidência de sentido, ‘permitindo’ que a aceite ou rejeite (PÊCHEUX, 1995).

Ao pensarmos que a interpelação se dá pela FD, parece possível afirmar que o sujeito não tem como fugir das imposições de sentido da FD que o domine e a até que ponto lhe permita; a FD não é fechada em si mesma, mas aberta ao interdiscurso, que lhe determina a dominação e, por conseguinte, domina a identificação ou contra identificação do sujeito enunciativo com o sujeito do saber da FD (MITTMANN, 1999).

Aqui, parece-nos possível pensar em funcionamento do esquecimento *número 1* sobre o esquecimento *número 2* nesta parte do RD1’, e onde o efeito de sentido produzido aqui é a figura do tradutor que se contra identifica com o sujeito de saber da FD da Odontologia, e traduz o termo *associated* sem utilização das aspas.

Neste tópic de análise, traremos RD6, ainda para analisar a identificação e/ou contra identificação dos sujeitos à FD que os domina.

Abaixo, **RD6** para problematizar a identificação e/ou contra identificação dos sujeitos à FD dominante.

PT- [...] a criação de um compósito resinoso com as mesmas características hidrofílicas, como o **Transbond Plus Color Change**, conservaria esta propriedade. [...] avaliar a resistência de união de braquetes metálicos colados ao esmalte humano previamente contaminado por saliva e analisar o local da falha adesiva.

TR- [...] creation of a composite resin with the same hydrophilic characteristics, as **Transbond Plus Color Change**, would preserve this property. [...] to evaluate the bond strength of metallic brackets bonded to human enamel previously contaminated with saliva and analyze the area of adhesive defect. (grifo nosso)

CD- [...] creation of a composite resin with the same hydrophilic characteristics, as **Transbond Plus Color Change**, would preserve this property. [...] to evaluate the bond strength of metallic brackets bonded to human enamel previously contaminated with saliva and analyze the area of adhesive defect. (grifo nosso).

Especificamente, no **RD6**, analisaremos a tradução do nome comercial da resina hidrofílica que consta em artigo analisado: *Transbond Plus Color Change*.

Atentemo-nos na forma como PT escreve o nome comercial da resina hidrofílica, tema tratado no artigo, por nós analisado. O sujeito-autor (PT) **Transbond**; o sujeito-tradutor (TR), por sua vez, **Transbord**; e, interessante perceber que o sujeito-revisor (CD) também repete o ato falho de TR, **Transbord**.

Na publicação final, o termo foi corrigido e na revista on-line, aparece o termo com o nome fantasia do produto analisado.

Atentemos, ainda, para o que Pêcheux propôs em relação aos dois esquecimentos, e poderíamos dizer uma vez mais que, o esquecimento número 1 diz respeito à ilusão do sujeito ser a origem do sentido e, o esquecimento número 2 refere-se à ilusão de que o sujeito tem o domínio do que diz.

Esse deslizamento de sentidos da ordem do inconsciente não caracteriza um erro, mas um ato falho dos sujeitos tradutor e revisor, podendo acontecer com autor, tradutor e revisor, e nesta situação específica houve o encobrimento do esquecimento nº 01 sobre esquecimento nº 02.

Retomamos aqui a noção de *mau sujeito*, que da relação do sujeito da enunciação, neste RD6 contra identifica-se com o que lhe é imposto pela FD. Entendemos que, a maneira como estes sujeitos respondem ao assujeitamento ideológico que lhes é imposto, pela FD que os domina, e em que pese a ilusão de ciência do dizer que os sujeitos possuem, o interdiscurso que determina a identificação ou contra identificação dos sujeitos tradutor e revisor, no RD6 e,

permite-nos dar conta de um dos objetivos específico desta pesquisa, a respeito do modo como os sujeitos tradutores e revisores respondem ao assujeitamento ideológico

A seguir, o último item de análise, para fecharmos este capítulo de discussão e análise, trataremos RDs para problematizar questões relacionados aos princípios da desconstrução derridiana e desdobramentos no processo tradutório de textos das/nas ciências biomédicas.

3.1.5 Derrida: entre o transbordar e o deslizamento

Esta última subseção do capítulo 03, trará RDs para discutir e problematizar pressupostos teóricos do filósofo franco-argelino Jacques Derrida.

A partir do viés derridiano, marcas e inferências que os sujeitos tradutor e revisor executam no processo de tradução dos artigos que compõem o *corpus* desta dissertação, com foco no “entre-lugar” em que o tradutor e, neste caso, também o revisor são colocados no processo tradutório como um todo.

Desconstruir, como visto anteriormente, permite-nos pensar em “desfazer, descompor, disseminar as estruturas em todas as espécies: linguísticas, logocêntricas, fonocêntricas”, mas não se trata, necessariamente, de uma operação de manobra com conotação negativa, uma vez que desconstruir significa, aqui, o fato de compreender como um conjunto é construído ou reconstruído sobre novos fundamentos.

Pela ação e atuação do tradutor, que está sempre atrelado à função de intervir nas línguas envolvidas na tradução, acaba-se por desencadear um confronto entre semelhanças e diferenças linguísticas, ou entre a língua sobre si mesma, quando um texto em português, por exemplo, pode tomar um outro sentido, podendo existir uma possibilidade que não pode ser controlada pelo sujeito tradutor e/ou revisor, durante o processo de tradução de textos. Referimo-nos a tradutor e revisor das ciências biomédicas, aqui neste trabalho, no par de línguas, português/inglês (OTTONI, 2005).

Otoni cita, ainda, um texto de sua autoria para discutir sobre o papel do tradutor na dimensão desconstrutivista

Em “meio” a esse “duplo” papel que se encontra o tradutor [...] é que um fenômeno decorrente não só porque há diferença linguística entre as línguas, como também há *diferença de sistema de línguas, inscritas numa só língua*. Este ‘meio’ é o lugar do indivíduo, do sujeito que não se separa do seu objeto (a língua), das suas diferenças nem das suas impurezas. O sujeito, ao traduzir, está “entre” a diferença de dois

sistemas linguísticos e no “meio” *das várias línguas* que compõem as línguas envolvidas na tradução (OTTONI, 1998, p.53)

À semelhança de certos procedimentos cirúrgicos na Odontologia, onde se remove porção de tecido de um determinado local, enxertando-o no local do futuro implante, assim, também, a tradução manifesta esse processo, ou seja, o sistema de um lugar passa a fazer parte de outro, sem, no entanto, deixar de pertencer ao corpo, o tecido implantado suplementa a ausência de tecido sadio que suporte a presença do elemento dental que se tem intenção de implantar.

As fronteiras imaginárias entre as línguas, assim como o processo de cicatrização do enxerto pós-operatório, até o momento da colocação do implante dentário, todo o conjunto, ou seja, enxerto mais implante são incorporados ao organismo, passando a funcionar, no local onde foi enxertado e implantado. E, ainda que haja a presença de diferentes tecidos e materiais envolvidos, o resultado deste procedimento destina-se à promoção da saúde da pessoa, pela continuidade da função dental na boca do paciente, ou seja, todos tendem a um mesmo fim. Da mesma maneira, a existência de várias línguas, no processo tradutório, revela que, o produto ‘final’, o texto da tradução, foi produzido para manutenção do texto que foi traduzido, ou seja, para que haja a sobrevivência do texto. A tradução, enquanto suplemento do texto chamado ‘original’, garantirá a perpetuação da obra ou do texto, no processo de propagação de conhecimentos e da pesquisa, como é o caso do texto científico das/nas ciências biomédicas.

A seguir, traremos alguns excertos de artigos, selecionados para compor o *corpus* de análise desta pesquisa, com intuito de problematizar e compreender algumas escolhas dos sujeitos tradutor e revisor no “entre-lugar” tradutório.

Retomaremos a seguir o **RD3**, com ênfase à tradução do termo ‘aumento de porosidade’

RD3:

PT- Basicamente, a função do **condicionamento ácido do esmalte**⁴² é a criação de uma área adesiva **pelo aumento da porosidade** e energia de superfície, resultando em melhor **penetração** do adesivo.

TR- *Basically, the function of **acid conditioning the enamel** is the creation of an adhesive area **by the increase**⁴³ **of porosity and surface energy, resulting in better permeation**⁴⁴ of the adhesive.*

⁴² Realce para destacar o que se quer analisar. (Realce nosso)

⁴³ INCREASE: origem: Middle English encreisen; proveniente do francês antigo ou francês arcaico: encreistre, encreiss-, Latim: increscere: in-2 + crscere, crescer; raízes indo europeias.

⁴⁴ PERMEATION: v.intr. To spread through or penetrate something; the process of permeating or infusing something with a substance; pervasion, suffusion; ammonification - impregnation with ammonia or a compound of ammonia carbonation - saturation with carbon dioxide (as soda water); diffusion - (physics) the process in which there is movement of a substance from an area of high concentration of that substance to an area of lower concentration; saturation, impregnation - the process of totally saturating something with a substance; "the

CD - *Basically, the function of enamel etching is the creation of an adhesive area by increasing enamel porosity and surface energy, resulting in better permeation of the adhesive.*

Neste RD3, ao traduzir o termo “pelo aumento da porosidade”, o sujeito tradutor opta por *‘by the increase of porosity’*; destacamos nesta análise a escolha do substantivo *increase* para se referir ao “aumento”. O sujeito revisor, por sua vez, opta por traduzir o mesmo termo por *‘by increasing enamel porosity’*, o substantivo *increase* (aumento) foi reformulado para uma função verbal no gerúndio, *by increasing* (escolha também gramaticalmente correta devido ao uso da preposição *by* antes do verbo); o termo *enamel* foi adicionado pelo revisor para explicar ou especificar *porosity* (porosidade).

Porém, neste RD3, parece-nos apropriado analisar o transbordar das línguas, onde se vê a pluralidade, o deslizamento dos sentidos, como nos fala Derrida em seus escritos, postulando que existe uma multiplicidade de línguas dentro da ‘mesma’ língua. O exemplo também nos remete ao texto de Hermans (1996) *Translation’s Other*, (O Outro da Tradução) no qual todo ato de interpretação envolve, de alguma maneira, o ato de traduzir o outro, de compreender e se fazer compreender pelo outro.

Increasing: etimologicamente provém do Francês arcaico ou francês antigo [*Middle English encreesen, from Old French encreistre, encreiss-, from Latin increocere: in-+ crscere, to grow. Indo-European roots.*]⁴⁵.

Interessante perceber que, em um mesmo idioma existe a intervenção das línguas envolvidas e presentes. Ottoni (2005), apoiado na Desconstrução, defende que “a tradução inevitavelmente promove a língua e a faz transbordar; é o momento explícito do confronto de línguas, diferenças e semelhanças entre elas” (DERRIDA, 1982, p.134 apud OTTONI, 2005, p. 53).

Neste RD3, acima, podemos ver, em inglês, o termo *increase*, proveniente do francês arcaico, do latim e de raízes indo europeias.

Derrida nos mostra a necessidade de se refletir a respeito da linguagem, e mais especificamente aqui, sobre tradução, a tarefa do tradutor e seu papel para a perpetuação da obra, considerando-se a riqueza de seus diferentes significados, suas diferenças, bem como incontáveis jogos de associação, os quais possibilitam, (re) arranjos e amplas combinações, sendo assim impossível pensar em uma única interpretação e/ou tradução para um mesmo texto (DERRIDA, 2002).

impregnation of wood with preservative"; "the saturation of cotton with ether"; mutual penetration; diffusion of each through the other; Interpenetration

⁴⁵ INCREASE: origem: Middle English *encreesen*; proveniente do francês antigo ou francês arcaico: *encreistre, encreiss-*, Latim: *increocere*: in-2 + crscere, crescer; raízes indo europeias.

Retomamos, agora, o RD6, e a partir dele, podemos perceber aspectos relacionados a outro tema proposto neste eixo de análise:

PT- [...] a criação de um compósito resinoso com as mesmas características hidrofílicas, como o **Transbond Plus Color Change**⁴⁶ conservaria esta propriedade. [...] avaliar a resistência de união de ‘braquetes metálicos’ colados ao esmalte humano previamente contaminado por saliva e analisar o local da falha adesiva.

TR- [...] *creation of a composite resin with the same hydrophilic characteristics, as **Transbond Plus Color Change**, would preserve this property. [...] to evaluate the bond strength of metallic brackets bonded to human enamel previously contaminated with saliva and analyze the area of adhesive defect.*

CD- [...] *creation of a composite resin with the same hydrophilic characteristics, as **Transbond Plus Color Change**, would preserve this property. [...] to evaluate the bond strength of metallic brackets bonded to human enamel previously contaminated with saliva and analyze the area of adhesive defect.*

TRANS: um prefixo que significa *across*⁴⁷, ocorrendo em palavras, originadas do latim, usado em particular na formação de verbos que denotam movimento ou indicam trajeto de um lugar a outro (*transfer; transmit; transplant*) ou *change* (mudança completa: *transform; transmute*), ou formar adjetivos que significam travessia,⁴⁸

As palavras, como já dito, encontram-se prenes de sentidos. Observa-se que o termo em discussão *Transbond Plus color change* deve ter sido estrategicamente elaborado pelo sistema de marketing da 3M/ UNITEK - empresa que cria desde esponjas dupla-face para se lavar louça, o post-it, entre inúmeros outros. Considerando-se a tradução do prefixo TRANS, podemos perceber que o fabricante quer, como enunciam profissionais de marketing, ‘agregar valor’ ao produto, especificando que é um material que vai além do processo ‘bond’⁴⁹, algo que une, fixa, mantém juntas, - no caso, o compósito ou resina hidrofílica em questão promove a união entre dente e *brackets*, em presença de umidade, por sua propriedade de hidrofília -, que já representa um *PLUS*, um acréscimo em relação ao concorrente ou à geração anterior dos produtos similares da mesma empresa. Outro fato interessante a ser colocado é que o produto também muda de cor, indicando ao profissional da área que, ocorreu um processo de polimerização do produto, e marca a conclusão do processo de colagem. Este termo é adotado

⁴⁶ TRANSBOND PLUS COLOR CHANGE: Produto fabricado pela multinacional 3M, em sua divisão de materiais odontológicos, UNITEK.

⁴⁷ ,” *across*: (entre) “*through*,”(através),

⁴⁸ Trans: “crossing,” “on the other side of,” or “going beyond

FONTE: <http://www.thefreedictionary.com/trans> ACESSO EM: 28/09/2014.

⁴⁹ Bond: FONTE: <http://www.thefreedictionary.com/bond> a. A substance or agent that causes two or more objects or parts to cohere. b. The union or cohesion brought about by such a substance or agent. [a. Uma substância que promove a união de duas ou mais partes. b. A união ou coesão promovida por uma substância ou agente (Tradução nossa)] ACESSO EM 30/08/2014

por dentistas do mundo todo. Há a incorporação deste termo em inglês, por fazer referência a um produto utilizado, também pelos dentistas brasileiros, porém, tendo suas funções especificadas em inglês, ou seja, ainda que o profissional não saiba, e, pela análise linguístico-discursiva realizada, conclui-se que é bem possível que este termo tenha sido jeitosamente criado e, conseqüentemente, articulado pela indústria, e trazido como se fosse uma forma de sofisticação, ‘requisite’, um *Plus* ao vocabulário do profissional, demonstrando conhecimento extra, ou seja de inglês, com intuito de trazer a sensação de certo empoderamento àquele profissional que faz uso desta tecnologia.

Além disso, o prefixo *trans* tem sua origem no latim, outro transbordamento, que traz a semelhança entre as línguas. Igualmente proveniente do latim é o termo hidrofílico, que indica afinidade por água ou à umidade.

Como se pode observar, há intervenção do tradutor nos idiomas, não apenas no texto traduzido. Esse enxerto de uma língua em outra, termos com semelhanças etimológicas em diferentes idiomas nos remete ao termo *Double-Bind*, isto é, ao “entre-lugar” tradutório em que o tradutor, bem como o revisor são colocados, um lugar, entre-línguas, entre a suposta dicotomia da materialidade e do significado. Ottoni (2005) traz uma citação de Haroldo de Campos para mostrar a correlação entre línguas quanto à materialidade, ou à fisicalidade.

[...]tradução de textos criativos será sempre recriação, ou criação paralela, autônoma, porém recíproca. Quanto mais inçado de dificuldades esse texto, mais sedutor enquanto possibilidade aberta de recriação. Numa tradução desta natureza não se traduz apenas o significado, *traduz-se o próprio signo*, ou seja, sua fisicalidade, sua materialidade mesma[...]. O significado, o parâmetro semântico, será apenas e tão somente a baliza demarcatória do lugar da empresa recriadora. Está-se, pois no avesso da chamada tradução literal (CAMPOS, 1967, p. 24 *Apud* OTTONI, 2005, p. 57).

Ottoni (2005), na sequência desta citação, retoma a perspectiva desconstrucionista e reforça que, “é da tensão provocada pela presença explícita de várias línguas, e da complexidade desse inglês e desse português que tal im-possibilidade – *double bind*- da tradução acontece” (p. 58).

É a partir da afirmação de Derrida, de que “há língua, que a língua é língua e há uma pluralidade de línguas que têm entre elas parentesco de ser línguas” (DERRIDA, 1982, p.164; *Apud* OTTONI, 2005, p 58). [...], que uma teoria desse tipo pode se sustentar. Toda teoria de tradução, incluindo a da recriação ou criação paralela, será sempre uma maneira de sistematizar o *double bind*. Se há língua, há *double bind*, e a tradução enquanto deflagradora da

multiplicidade de línguas resiste a qualquer tentativa de tornar esse acontecimento estável e sistemático (OTTONI, 2005, p. 58)

Retomamos agora o RD4 para trazermos mais um exemplo do transbordamento dos sentidos, e a presença do *double-bind* na escolha do sujeito-revisor.

No **RD4**, observamos:

PT- Rajagopal¹⁴ et al. E Sirirungrojyng²¹ et al. relataram que a **utilização de condicionamento ácido prévio** ao adesivo causa um decréscimo na resistência adesiva ao cisalhamento.

TR- *Rajagopal¹⁴ and Sirirungrojyng²¹ reported that **the utilization of acid conditioning before the adhesive causes a reduction on the adhesive shear bond strength.***

CD- *Rajagopal¹⁴ and Sirirungrojyng²¹ reported that **the enamel etching before the adhesive causes a reduction on the adhesive shear bond strength***

Neste RD4, o texto em português faz menção à utilização de condicionamento ácido prévio ao adesivo, porém, não explicita se este condicionamento ácido é restrito ao esmalte ou é extensivo à dentina. Com certeza, considerando-se as condições de produção do texto como um todo, sabe-se que se restringe ao esmalte, pois o artigo focaliza a utilização do produto para cimentação. Mas, o sujeito-autor não especifica, se é somente esmalte ou não.

O sujeito-tradutor traduz o termo “utilização de condicionamento ácido prévio” por *utilization of acid conditioning before*, não caracterizando o tipo de condicionamento ácido, assim como o sujeito-autor. O sujeito-tradutor interpretou de maneira muitíssimo apropriada os termos ou conceitos sugeridos pelo sujeito-autor.

Todavia, o sujeito-revisor, em seu lugar de fala, traduz como se estivesse escrito ‘condicionamento ácido do esmalte’, ou seja, *the enamel etching before*. Neste exemplo, podemos observar o *double bind*, como nos traz Ottoni (2005, p. 15), o qual denuncia a possibilidade de conceber a tradução, lá onde ela é um acontecimento considerável do pensamento, desconstruindo um ‘saber absoluto’ sobre a linguagem, a tradução e o traduzir. Neste RD₆, a escolha do sujeito-revisor não compromete a tradução, e mostra sua presença no texto traduzido por meio de sua intervenção durante o processo tradutório, onde ele outorga sua marca de profissional da Odontologia e especialista em Ortodontia, ou seja, um profissional a quem o condicionamento ácido é associado apenas ao esmalte dentário.

Para fechar o capítulo de análise e discussão dos RDs, trazemos o RD7.

PT - Basicamente, a função do condicionamento ácido do esmalte é a criação de uma área adesiva pelo aumento da porosidade e energia de superfície, resultando em melhor penetração do adesivo. Sendo assim, o **entrelaçamento micromecânico** da resina nas porosidades não permite **sua** ruptura do esmalte, proporcionando maior longevidade de união^{9,10}.

TR - *Basically, the function of acid conditioning the enamel is the creation of an adhesive area by the increase of porosity and surface energy, resulting in better permeation of the adhesive.*

*Thus, the **micromechanic interlacement** of the resin in the porosities does not allow rupture **of** the enamel, providing greater longevity of bonding.*

CD - *Basically, the function of enamel etching is the creation of an adhesive area by increasing enamel porosity and surface energy, resulting in better permeation of the adhesive. Thus, the **micromechanic attachments** of the resin in the porosities does not allow rupture **of** the enamel, providing greater longevity of bonding.*

Na produção de artigos para esta revista odontológica, o sujeito autor escreve, relatando sua experiência, enfim, produz a sua ciência e compartilha nesta materialidade específica, onde será feita a tradução, primeiramente por um sujeito tradutor, com formação em tradução, mas sem experiência ou formação na área de Odontologia.

Depois, o texto traduzido passará por revisão, com a leitura de um sujeito revisor, que também possui a função de tradutor, fazendo as inferências que julgar pertinentes, a partir da leitura que faça destes textos, tanto em português como em inglês.

Essas diferentes leituras dos textos irão produzir diferentes gestos de interpretação, diferentes experiências interpretativas. E, toda leitura está já sobredeterminada por convenções, hierarquias e hegemonias implícitas e profundas. Por exemplo, a gramática e o léxico da língua em questão, os usos retóricos dessa língua na sociedade, os códigos literários da época, além de todo o conjunto de certezas que garantem a mínima inteligibilidade do texto (DERRIDA, 1995).

Considerando-se que o texto em português tenha sido redigido por um sujeito autor, com formação na área da ciência biomédica em questão, mas não em linguística ou letras, destacamos neste RD o seguinte:

*“O **entrelaçamento** micromecânico da resina nas porosidades não permite sua ruptura **do esmalte**” (Realce nosso).*

O texto traduzido para o inglês, a partir da leitura e interpretação feitas pelo sujeito tradutor ficou da seguinte maneira:

(TR): *Thus, the micromechanic **interlacement**⁵⁰ of the resin in the porosities does not allow rupture **of** the enamel, providing greater longevity of bonding.*

Finalmente, o sujeito revisor (CD) conclui sua tradução da seguinte maneira:

*Thus, the micromechanic **attachments** of the resin in the porosities does not allow rupture **of** the enamel, providing greater longevity of bonding.*

⁵⁰ Interlacement: To connect by or as if by lacing together; interweave. Tradução: entrelaçamento; vínculo, cruzamento, mistura, plexo.

Para compreendermos melhor o deslizamento de sentidos aqui, que acarretou uma tradução que não está precisa conceitualmente, vamos explicar a sequência dos conceitos de Odontologia apresentados neste recorte discursivo:

Inicialmente, o sujeito autor traz a função do condicionamento ácido do dente, ou da superfície dental, especificamente neste exemplo, condicionamento do esmalte do dente, que é a criação de uma superfície desmineralizada, caracterizada pelo aumento da porosidade, criando-se possibilidade de melhor penetração do agente adesivo, que penetrará nos chamados *tags* do esmalte, formando a chamada camada híbrida que é o entrelaçamento micromecânico, ou seja a interação adesivo, esmalte dentário e material resinoso.

Mas, quando acontecem falhas durante o processo adesivo, o que se rompe NÃO é o esmalte, mas a camada híbrida, o entrelaçamento micromecânico ENTRE tecido dental + material dentário é que se rompe.

A tradução para '*does not allow rupture **of** the enamel*', "não permite ruptura da camada híbrida, deste entrelaçamento micromecânico **do** esmalte", para traduzir o conceito técnico adequado seria, em nosso modo de ver, o seguinte: "*does not allow **its** rupture **from** the enamel*.

O entrelaçamento não permite sua ruptura com o esmalte, do esmalte, indicando a procedência dessa ruptura, a origem, o local onde se desfaz, ou seja, no esmalte e não na dentina.

Interessante ressaltar, que o artigo fornecido pela revista, para que procedêssemos a seleção do *corpus* para nossa pesquisa, indica que este artigo foi revisado, na verdade por dois sujeitos revisores, dois cirurgiões-dentistas, e o traço, o deslizamento dos sentidos inferiram em sua própria experiência interpretativa, mascarou o sentido e o conceitos pretendidos pelo sujeito autor, e impediu que se percebesse a necessidade de pequenos ajustes para que o conceito fosse traduzido de modo adequado ao idioma de chegada.

Para mostrar que o rompimento é do imbricamento micromecânico, seria necessário utilizar-se o pronome possessivo *its* e a preposição *from* para mostrar o local onde ocorre tal ruptura ou falha ou *gap* no/do processo de adesão.

Caso, de fato ocorresse o rompimento ou a ruptura do esmalte, quando acontece falha no processo adesivo, isto implicaria em fratura dentária; e não é o que acontece neste caso.

Nosso interesse aqui, ao mostrar este RD a partir da fundamentação teórica a partir do Desconstrucionismo derridiano é mostrar a impossibilidade de se fixar a significação, mostrar o deslizamento de sentidos e, por conseguinte, a presença do traço, como trazido por Derrida, e que acarretou diferentes gestos de interpretação, inclusive neste caso, a partir do texto em português foi gerado um *continuum* de deslizamentos e distorções na tradução do conceito técnico pretendido.

Derrida (2002) argumenta que, apesar de seus melhores esforços, o tradutor não consegue fixar o significado das palavras de uma forma conclusiva final. As palavras são "multimoduladas". Elas sempre carregam ecos de outros significados que são acionados, apesar de nossos melhores esforços para cerrar o significado. Nossas afirmações são baseadas em proposições e premissas das quais nós não temos consciência, mas que são, por assim dizer, conduzidas na corrente sanguínea de nossa língua. Tudo que se diz possui um "antes" e um "depois" — uma "margem" na qual outras pessoas podem escrever. O significado é, por natureza, instável, isto é, ele procura o fechamento (a identidade), mas é constantemente perturbado (pela diferença). Ele constantemente escapa, como que se nos escorrendo pelas mãos. Há significados suplementares sobre os quais não se tem qualquer controle, que surgirão e subverterão quaisquer tentativas para criar mundos fixos e estáveis. Portanto, sempre ao traduzir algo, fazendo-se escolhas lexicais, de sentido e contexto, outros tantos sentidos e escolhas e contextos ficarão de fora no processo como um todo.

Assim como Derrida, Ottoni entende que há algo da ordem do inconsciente que resiste à tradução, isto é, que não pode ser analisado e sofre a imposição do *double bind*. Esse algo, essa espécie de suplemento ou de resto que resiste à análise permanece submerso no indecível. (OTTONI, 2005).

Concluimos aqui o terceiro capítulo desta dissertação, e no quarto e último capítulo, traçaremos algumas considerações finais deste trabalho, com o que foi tratado no decorrer desta pesquisa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A curiosidade para investigar particularidades do texto da área da saúde e o escasso número de publicações relacionadas à tradução deste tipo de texto levaram-nos a esta pesquisa de mestrado.

O objetivo geral, proposto neste trabalho, foi analisar marcas dos sujeitos tradutores e revisores de textos científicos da área da saúde, durante o processo tradutório, a partir de uma abordagem discursivo-desconstrutivista da tradução. Como objetivos específicos, procuramos: discutir e problematizar escolhas lexicais dos sujeitos envolvidos no processo tradutório de quatro artigos científicos da área de saúde, mais especificamente, da área de Odontologia, bem como investigar de que maneira os sujeitos tradutores e revisores respondem ao assujeitamento ideológico no processo discursivo da tradução.

Após fundamentação teórica baseada nos escritos de diversos autores da Perspectiva Pós-moderna da Tradução, da Análise de Discurso Pêcheutiana e da Análise de Discurso Foucaultiana, procedemos às análises, a partir do *corpus* que constou de quatro textos da área da Odontologia - artigos científicos coletados junto à maior editora de Revista Científica particular de Odontologia do país, cuja sede está localizada na cidade de Maringá, estado do Paraná. Os artigos foram traduzidos, sendo o idioma de partida - português para o idioma de chegada, neste caso, - inglês. As traduções e revisões foram realizadas por quatro sujeitos, sendo dois tradutores e dois revisores técnicos.

Através da análise de RDs, empreendemos nossa busca no sentido de entender o processo discursivo da tradução, ou seja, o processo tradutório de textos científicos das/nas ciências biomédicas.

Primeiramente, problematizamos a respeito das relações de poder/saber que permeiam os discursos dos sujeitos envolvidos na tradução dos artigos científicos da área de Odontologia, e como os sujeitos se subjetivam a partir destas relações de poder/saber estabelecidas no/pelo processo tradutório desses textos científicos.

Para atender a uma clientela cada vez mais exigente, o profissional da Odontologia necessita estar cada vez mais atualizado e preparado, para que se possa manter no mercado de trabalho. Isso leva este profissional a buscar constante atualização. A revista odontológica, que nos abriu a porta para coleta dos dados e seleção do *corpus*, representa um meio importante para instrumentalização dos profissionais da área, no intuito de capacitá-los a atender às crescentes demandas de uma sociedade capitalista, a qual anseia por satisfação de necessidades que sequer sabe possuir.

Por outro lado, o profissional que se coloca como referência bibliográfica, produzindo artigos e publicando-os, ele, sujeito-autor, fonte de consulta à sua própria classe profissional, constitui *locus* privilegiado de poder e saber, tenha ele ciência disso ou não.

A revista odontológica e, por conseguinte, os profissionais da Odontologia que dela participam, escrevendo, traduzindo ou revisando artigos científicos altamente especializados, constroem significados e atuam decisivamente para a constituição de sujeitos social e historicamente marcados. A circulação desta revista atua como produtora de subjetivação e subjetividades, à medida que os sujeitos envolvidos fazem de si mesmos, protagonistas de um jogo de verdade em que é essencial a relação consigo, em espaços institucionais específicos, marcados por discursos de biopoder, prescritivos de um conhecimento a ser seguido, bem como ensinar técnicas de atuação profissional, discursando a respeito de saberes. Os sujeitos revisores agregam ainda mais o poder/saber, pelo conhecimento e domínio do idioma de chegada, neste caso, inglês; o discurso do conhecimento e aperfeiçoamento profissional produzido é traduzido, difundido e disseminado, ou seja, institucionalizam o suposto saber/poder da linguagem e dos termos técnicos da língua de partida e do idioma de chegada da tradução.

Outro fator de empoderamento de CD é o seu pertencimento à comunidade interpretativa, a classe odontológica, que é o sujeito coletivo a quem se destinam as publicações nesses artigos selecionados, para compor o corpus de análise desta pesquisa. A subjetividade dos sujeitos é produzida, uma vez que esses sujeitos se reconhecem em lugares de saber e produção de verdades (FOUCAULT, 1986).

Observamos que, de fato, existe um complexo engendrado de acontecimentos que irrompem à multiplicidade de forças, as quais se refletem nos discursos que atravessam os sujeitos e os constituem (FOUCAULT, 2009). Observa-se que, certas escolhas de palavras, expressões, termos e/ou conceitos feitas pelo sujeito tradutor, no processo de tradução dos artigos científicos, foram substituídas por escolhas do sujeito revisor mais pelo lugar de enunciação do discurso e da posição de poder investido pelo domínio do inglês, concomitante ao pertencimento à comunidade interpretativa, de acordo com Fish (1980) e este ponto é reforçado por Foucault (2009) quando nos fala sobre as ‘sociedades de discurso’.

Essas relações de poder, como nos alerta Foucault (2009) sobre o que ele denomina de ‘sociedades de discurso’, as quais permitem a apropriação social de determinados discursos, no caso o discurso das ciências biomédicas, e parece trazer empoderamento pela presença de um saber ‘especializado’ e institucionalizado, os quais dizem respeito a sistemas de ensino, acesso a determinados tipos de conhecimento que promovem ‘distanciamentos’, oposições e lutas sociais. Neste embate de forças e saberes, mostraram-se as assimetrias dessas relações, onde

um sujeito revisor, por exemplo, faz muitas vezes prevalecer suas escolhas, por se perceber investido de um poder institucional como dentista e como revisor da/na Revista, além de sua proficiência na língua estrangeira.

O discurso, de acordo com a perspectiva foucaultiana, pode ser compreendido como um conjunto de enunciados sustentados em uma dada formação discursiva, constituindo-se por um conjunto de regras, que prescreve o que pode e precisa ser dito em determinadas práticas discursivas, a exemplo das normas da revista e do funcionamento da indústria de publicação de Discurso Científico como um todo. O lugar ocupado pelo sujeito, como constatado na análise dos RDs, explicita o lugar discursivo, conferindo permissão para determinados discursos sejam proferidos e validados, enquanto outros são silenciados.

Ainda embasados em Foucault (1986), podemos pensar quanto às relações entre discurso e poder, onde o filósofo argumenta ser o discurso um bem finito, com regras próprias de aparecimento e utilização. O discurso é, por excelência, espaço de disputas e jogos de poder, onde estão envolvidos poder e verdade, poder e saber, saber e discurso. Na verdade, cada discurso não possui apenas um sentido ou uma verdade, mas efeitos de verdade cujos enunciados sempre são historicamente situados. Concordamos com este filósofo quando nos diz que é preciso observar não mais os sujeitos, mas um engendrado complexo de acontecimentos que irrompem à multiplicidade de forças, as quais se refletem nos discursos que atravessam os sujeitos e os constituem.

Além disso, os dispositivos de controle de experiência subjetiva e de processos de subjetivação evidenciam a escamoteação do poder investido em discursos administrativos, bem como no conhecimento especializado dos profissionais das ciências biomédicas, mais especificamente neste trabalho, de profissionais da tradução na área da Odontologia, a citar: autores, tradutores e revisores.

No segundo eixo, analisamos os RDs, de acordo com pressupostos teóricos da AD Pêcheutiana, onde sujeito não é o indivíduo, sujeito empírico, mas o sujeito do discurso. A partir daí, pudemos também por meio da análise das escolhas lexicais por parte dos sujeitos tradutor e revisor, discutir e problematizar acerca do (re) conhecimento das marcas que os sujeitos tradutor e revisor deixam no processo tradutório desses textos.

Os sujeitos tradutor e revisor carregam consigo marcas do social, do ideológico, do histórico e têm a ilusão, cada um deles, de ser a fonte do sentido, mostrando que a linguagem e o sentido não são transparentes.

O tradutor é o sujeito ‘responsável’/organizador desse discurso da tradução e da voz da tradução técnica dentro do texto. E, por ocuparem o lugar social de tradutor e revisor científico,

respectivamente, é que sofrem determinações na ordem da exterioridade. Os efeitos de responsabilidade, unidade e coerência também são efeitos ideológicos no/do discurso das ciências biomédicas.

O lugar do sujeito não é vazio, mas é preenchido por aquilo que se designa de forma-sujeito, ou sujeito do saber de uma Formação Discursiva (FD). É, então, pela forma-sujeito que o sujeito do discurso se inscreve em uma determinada FD, com a qual se identifica e que o constitui enquanto sujeito. E “a forma-sujeito tende a absorver-esquecer o interdiscurso no intradiscurso, isto é, ela simula o interdiscurso no intradiscurso, de modo que o interdiscurso aparece como o “já dito” do intradiscurso, no qual ele se articula por “co-referência” (PÊCHEUX, 1995, p. 167).

Ao tomarmos, por exemplo, os sujeitos do discurso das ciências biomédicas, via formas-sujeito, observamos que os mesmos ‘acessam’ o interdiscurso - onde circulam tantos outros saberes. Esses sujeitos acessam saberes da ciência, da gramática, do senso comum - recortam, incorporam ‘o que lhes interessa’ desses diferentes saberes, identificando-se (ou não) com a FD da Odontologia, ou da Gramática, do saber científico, e trazem os enunciados pertencentes a esses saberes à ordem intradiscursiva, linearizando-os no fio do discurso e materializando, assim, um discurso que pretendem divulgar aos sujeitos leitores - embora façam todos esses movimentos inconscientemente, isto é, sem se dar conta disso (GRIGOLETTO, 2005).

Entendemos, a partir das análises que foram feitas, que a produção discursiva da tradução das/nas ciências biomédicas, longe de ser um movimento tranquilo, de simples passagem ou transferência de sentidos, representa árduo jogo de tensões entre os sujeitos, processo de disputas, turbulências na leitura, na interpretação e tradução dos textos de partida, na escolha dos termos por parte do sujeito tradutor, além de embates de forças durante o processo de revisão dos termos pelo sujeito revisor que, muitas vezes, divide-se em diferentes posições sujeitos, enunciando seu discurso do lugar discursivo de dentista-revisor, no entanto, sendo constantemente afetado pelo efeito tradutor.

Além disso, tanto as leituras, interpretações, traduções/revisões estão sujeitas às diferentes épocas, contextos e lugares sociais, tanto no texto de partida quanto no texto de chegada. A tradução tomada no âmbito da história e do discurso - a passagem de um enunciado de uma língua de partida para outra língua de chegada -, certamente não acontecerá sem interpelação (MITTMANN, 2003).

Os sujeitos tradutor e revisor não podem se constituir sujeitos, a menos que se percam no turbilhão de discursos que se encarregam do ‘destino’ do dizer, que será submetido à

passagem de um idioma, para outro (s) contextos sócio-históricos e político-ideológicos. A Revista de Odontologia em questão disponibiliza o texto em inglês, *on-line*, direcionado a diferentes leitores de diferentes contextos que acessam os artigos em inglês, e muitas vezes, traduzem para outros idiomas, em outros contextos (MITTMANN, 2012).

No discurso da tradução dos textos das ciências biomédicas, estão presentes as vozes dos sujeitos autor, tradutor, revisor, além de vozes tantas e outras que dizem ao tradutor ‘é assim que se diz’ ou ao revisor ‘fica melhor este termo do que aquele’, ou que ‘de tal forma pode parecer outro sentido que não é o mais adequado’.

Os discursos dos sujeitos envolvidos no processo tradutório destes artigos da Revista de Odontologia também não se ‘fecham’ no tradutor ou no revisor, nem na relação única com o discurso do sujeito autor, pois, os sujeitos recorrem a outras fontes, como dicionários, glossários de termos especializados, outros artigos escritos e traduzidos a respeito do assunto. Entendemos que, no discurso dos sujeitos tradutor e revisor há um atravessamento de discursos, da mesma forma como o discurso do autor do chamado ‘texto original’, o qual é atravessado por discursos de outros autores e outros pesquisadores.

Esse embate de tensões e forças no processo tradutório revela que os sentidos não estão fixados em apenas um sistema linguístico, mas no trânsito entre uma língua e outra, sem mencionar quando se tem que falar de diferentes modos ‘dentro’ de uma ‘mesma’ língua, a ‘mesma’ língua em diferentes materialidades. Isso revela que as bordas do discurso são ilusórias, e os sujeitos são heterogêneos, clivados e desde sempre interpelados (MITTMANN, 1999). O processo tradutório de artigos da Odontologia revela que não existe um caminho pronto, mas o percurso se constrói ao caminhar.

Para a AD Pêcheutiana, a chamada subjetividade dos sujeitos é um ‘assujeitamento’ ideológico ao qual os sujeitos respondem de maneiras diferentes, afetados sempre pela língua, pelo inconsciente e pela historicidade do dizer (PÊCHEUX, 2011). O sujeito tradutor de artigos produzidos por esta revista científica especializada pode responder ao seu processo de sujeição à ideologia a partir de sua história ‘particular’; ou seja, como um sujeito-tradutor pode responder ao seu processo de assujeitamento ideológico, seja na forma da repetição de valores – o que denominamos assimilação – ou na/a subversão dos mesmos – o que denominamos resistência. Também o funcionamento dos esquecimentos pêcheutianos da ordem do inconsciente e da ordem do dizer trazem possibilidade de deslizamentos de sentidos, de atos falhos durante o processo discursivo da tradução, o que implica em mobilidade de sentidos e efeitos de sentido.

Finalmente, a partir de uma abordagem desconstrutivista da tradução, ainda com base na análise dos RDs, pudemos compreender as inquietações dos sujeitos tradutor e revisor no processo tradutório, colocando-se no *entre-lugar*, entre línguas, no *double-bind*, na busca escolha de termos, expressões a traduzir, ao mesmo tempo em que outras tantas não escolhas deixam de participar do processo final, o texto da tradução. Nossos resultados de análise também apontam para o tradutor como um sujeito situado entre transbordamentos e deslizamentos de sentidos.

Diante do que foi dito até aqui, concluímos e concordamos que os sujeitos tradutores e revisores participam e cunham sua ‘coautoria’ no processo tradutório, interferindo tanto no texto de partida quanto no texto de chegada, e que o processo discursivo da tradução não é transparente e, tampouco, um mero transporte asséptico, atraumático e, muito menos, um ‘tranquilo’ transporte de significados.

Indicamos que novas pesquisas deverão ser feitas e aprofundadas no sentido de equipar os tradutores de áreas específicas, como a das Ciências Biomédicas, para que possam enfrentar com maestria um mercado de trabalho cada vez mais competitivo.

Para concluir nossas considerações acerca das traduções de artigos científicos, observamos que, para dar conta do processo de (re) significação dos textos, durante a tradução, os tradutores e revisores lançam mão das relações de saber/poder, constituindo, assim, traços de subjetividade, de coautoria na produção de um texto outro, texto este heterogêneo, dada a pluralidade de vozes presentes nos discursos no processo tradutório dos textos nas/das ciências biomédicas.

REFERÊNCIAS

- ARROJO, R. **Oficina de tradução: a teoria na prática**. São Paulo: Ática, 1986/2000.
- _____. **Tradução, desconstrução e psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- _____. **O signo desconstruído: implicações para a tradução, a leitura e o ensino**. 2.ed. Campinas: Pontes, 2003.
- AUBERT, F.H. **As (in) fidelidades da tradução: servidões e autonomia do tradutor**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.
- AUTHIER-REVUZ, J. **Heterogeneidade(s) enunciativa(s)**. Trad. de Celene M. Cruz e João W. Geraldi. Caderno de Estudos Linguísticos, Campinas, nº 19, 1990. pp. 25-42.
- CAMBRIDGE. **International Dictionary of English: guides you to the meaning**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- CANONICE, B. C. F. **Normas e padrões para elaboração de trabalhos acadêmicos**. 3.ed. Maringá: Delem, 2013.
- CARREIRA, A. F. Sobre a singularidade do sujeito na posição de autor. In: **Linguagem em (dis) curso**. Tubarão, v.1, n.2, p.51-60, jan.-jun./2001.
- CASTANHEIRA, M.A. **Processos de sujeito e (des) sujeição a constituição do sujeito em Michel Foucault**. 2012. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Filosofia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.
- COURTINE, J J (1981) **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos. Editora da Edufscar, 2009.
- DANNER, F. **A Genealogia do Poder em Michel Foucault**. IV Mostra de Pesquisa da Pós-Graduação – PUCRS, 2009.
- DERRIDA, J. Carta a um amigo japonês. In: OTTONI, P. **Tradução: a prática da diferença**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.
- _____. **Posições**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- _____. **Torre de Babel**. Tradução de Junia Barreto. Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- _____. **Gramatologia**. São Paulo: Perspectiva, 1973
- FERNANDES, J.R. **Prevalência da cárie dental em crianças e adolescentes em situação de rua, no Município de São Paulo**. 2005. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.
- FERNANDES, C. A. Discurso e produção de subjetividade em Michel Foucault. **LEDIF – Laboratório de Estudos Discursivos Foucaultianos**, Uberlândia, ano 2, n. 1, 2011. Disponível

em: <<http://www.foucault.ileel.ufu.br/ledif/publicacoes/discurso-e-producao-de-subjetividade-em-michel-foucault>>. Acesso em 10 Jul. 2014.

FISH, S. **Is there a text in this class?** The authority of interpretative communities. Cambridge, Massachusetts; London, England: Harvard University Press. 1980.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1977.

_____. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

_____. História da sexualidade In: **A vontade de saber**. Trad. Maria T. Albuquerque e Gilson Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____. O sujeito e o poder. In: RABINOV, P.; DREYFUS, H. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Tradução de Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995a.

_____. Sobre a genealogia da ética: uma revisão do trabalho. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P.: FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. Política e Ética: uma entrevista. In: FOUCAULT, Michel. **Ética, Sexualidade e Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

_____. **A ordem do discurso**. São Paulo, Edições Loyola, 18. ed. 2009.

_____. Poder e saber: poderes e estratégias. Diálogo sobre o poder. In: MOTTA, M.B. (Org.). **Ditos & Escritos IV**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. **A verdade e as formas jurídicas**. Tradução de Roberto Machado e Eduardo Jardim. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2009.

_____. **O que é um autor?** São Paulo: Passagens, 2000. (Trad. José A. Bragança) FOUCAULT, M. **Soberania e Disciplina**. In: *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982, p. 182.)

FROTA, M.P. Por uma redefinição de subjetividade nos estudos da tradução. In: TAVARES, Pedro Heliodoro; COSTA, Walter Carlos; PAULA, Marcelo Bueno de. (Orgs.). **Tradução e psicanálise**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.

GALLO, S. Autoria: questão enunciativa ou discursiva? In: **Linguagem em (dis) curso**. Tubarão, v.1, n.2, jan.-jun./2001.

GOULART, A.T. Notas sobre o desconstrucionismo em Jacques Derrida, PUC MINAS 2003
DISPONÍVEL EM:
http://www.pucminas.br/imagedb/mestrado_doutorado/publicacoes/PUA_ARQ_ARQUI2012_1011175312.pdf. ACESSO EM 23/04/2013

GREGOLIN, M.R. **Foucault e Pêcheux na construção da Análise do Discurso: diálogos e duelos**. São Carlos: Claraluz, 2004.

GRIGOLETTO, E. Do lugar social ao lugar discursivo: o imbricamento de diferentes posições-sujeito. In: **Seminário de estudos em Análise do Discurso**, 2, 2005, Porto Alegre. Anais eletrônicos. Porto Alegre: UFRGS, 2005. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/2SEAD/SIMPOSIOS/EvandraGrigoletto.pdf>. Acesso em: 22/02/2015

_____. O movimento de desidentificação do sujeito: uma reflexão à luz de Semântica e Discurso. In: **Seminário de estudos em Análise do Discurso**, 1, 2003, Porto Alegre, Anais eletrônicos. Porto Alegre: UFRGS, 2003, Disponível em <http://anaisdosead.com.br/1SEAD/Paineis/EvandraGrigoletto.pdf>. ACESSO em 22/02/2015

GUERRA, V. M L. **Práticas Discursivas: crenças, estratégias e estilo**. São Carlos: Pedro e João editores, 2008, p. 45-64.

HENRY, P. **A ferramenta imperfeita: língua, sujeito e discurso**. Tradução brasileira de Maria Fausto P. de Castro. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992.

HERMANS, T. **Translation's other**, an inaugural lecture delivered at University College. London: [s.n], 1996.

JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. 9.ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

MELLO, Giovana Cordeiro Campos. **Assimilação e resistência sob uma perspectiva discursiva: o caso de Monteiro Lobato**. 2010. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/21577/21577_1.PDF>. Acesso em 2 ago. 2013.

MITTMANN, S. Heterogeneidade e função tradutor. **Periódicos UFSC**. Florianópolis, v. 1, n. 4, 1999.

_____. **O processo tradutório: uma reflexão à luz da Análise do Discurso**. PPG-Letras. Porto Alegre, UFRGS, 1999.

_____. Entre faltas e excessos, a busca pela palavra. In: **Gragoatá**, Niterói, n.13, p. 105-113, 2.sem. 2002.

_____. **Notas do tradutor e processo tradutório: análise sob o ponto de vista discursivo**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003.

_____. Autoria e Tradução: da dispersão às identificações. In: MITTMANN, S.; GRIGOLETTO, E.; CAZARIN, E.A. **Práticas discursivas e identitárias: sujeito e língua**. Porto Alegre: Nova Prova, 2008. Coleção Ensaios - PPG-Letras/UFRGS. Projeto de Pesquisa Redes de memória: contato entre discursividades contemporâneas, com apoio PIBICNPq/UFRGS.

_____. Tradutorias de *Cien Años de Soledad*. **Organon**, Porto Alegre, no53, julho-dezembro, 2012, p. 65-78

OLHER, R, M, **Tradução e Representação no Ensino de Literatura Estrangeira: um lugar “entre-línguas”**. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 2010.

ORLANDI, E.P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2003.

_____. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. **Discurso e leitura**. 4. ed. São Paulo: Cortez; Campinas: Unicamp, 1999

OTTONI, P. **Tradução manifesta: double bind & acontecimento, seguido de fidelidade a mais de um: merecer herdar onde a genealogia falta**, de Jacques Derrida. Campinas: Editora da UNICAMP; São Paulo: EDUSP, 2005.

OUSTINOFF, M. **Tradução: histórias, teorias e métodos**. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Editorial, 2011.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

_____. **Análise Automática do Discurso**. Trad. Eni P. Orlandi. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso**. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Unicamp, 1993. 319 p. p. 61-162.

_____. **Análise de Discurso**. Trad. Eni P. Orlandi. In: ORLANDI (Org) **Textos escolhidos**. Campinas, SP. Pontes, 2011.

_____. **O Discurso: Estrutura ou Acontecimento**. Trad. Eni P. Orlandi. 3. ed. Campinas: Ed. Pontes, 2001.

RODRIGUES, C. C. **Tradução e diferença**. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

SANTIAGO, S. (Org.) **Glossário de Derrida**. Rio de Janeiro, F. Alves, 1976

SILVA, F. F. **Às voltas com Babel: Derrida e a tradução (catacréstica)**. Campinas, SP: [s.n.], 2006.

VERMEER, H.J. **Esboço de uma teoria da tradução**. Lisboa: Edições, 1985.

ANEXOS

ANEXO A – (Elucidation, orientation and questioning about dental bleaching associated with orthodontic treatment) (artigo revisado por CD)

Elucidation, orientation and questioning about dental bleaching associated with orthodontic treatment

Alberto Consolaro¹, Renata Bianco Consolaro², Leda Francischone³

- ¹ Full professor at the College of Dentistry — Bauru/USP and at the postgraduate program at the College of Dentistry — Ribeirão Preto/USP.
- ² Professor at Adamantinenses Integrated Colleges (FAI). PhD in Pathology, College of Dentistry — Bauru/USP.
- ³ PhD in Oral Pathology, College of Dentistry — Bauru/USP.

There was a time, before the 80s, when the orthodontist would perform tooth movement as well as malocclusion and esthetic correction only in young patients with all teeth, without prosthesis or implants, with completely healthy teeth and gingiva.

In addition to responding to functional and esthetic needs of patients of all ages and with different oral and systemic health conditions, the orthodontist has currently supported and helped with other types of oral rehabilitation treatments which vary in complexity.

During orthodontic planning, even before treatment onset when patient's expectations and projections are still being surveyed, patients tend to question the clinician about when and how is the best moment for dental bleaching. White healthy teeth are an individual as well as a social need.

Generally, in clinical practice, dental bleaching must be performed prior to restorative and rehabilitative treatments, since such procedures are carried out on the basis of the color obtained from the bleaching technique. Teeth and lost spaces will be restored in harmony with all components of the future smile.

In Orthodontics, however, dental bleaching must be performed after the orthodontic appliance has been removed, except for specific cases with particular purposes.

Based on orthodontic treatment patterns, this article discusses the precautions, explanations and orientations related to the best moment for carrying out dental bleaching, as described in a previously published article⁹.

After such discussion, we will explain about the basis on which companies and clinicians have recommended or indicated dental bleaching for patients undergoing orthodontic treatment.

WHY DENTAL BLEACHING SHOULD BE PERFORMED AFTER ORTHODONTIC TREATMENT?

After orthodontic treatment finishes, all crown surfaces are positioned, properly exposed and ready to uniformly receive the bleaching agent. Nevertheless, the initial results will not necessarily be uniform as some teeth may require additional application. This is due to the fact that not all teeth have the same color, just like the whole dental structure, especially the enamel, does not have the same volume, thickness and level of mineralization for all its elements.

In some cases, after the orthodontic appliance has been removed, the surfaces below

the brackets may be irregular with regard to surface and color, and have resin fragments adhered to the enamel. These surfaces need to be evened with restorative abrasive procedures or remineralized in order to have uniform color and surface.

Moreover, after orthodontic appliances have been removed, some adjustments must be made to the oral environment. Focal and occasional gingivitis must be reversed and the dental plaque properly controlled. After two to four weeks, these adjustments may lead to an oral environment that is ideal for a more efficient and uniform dental bleaching. Dental plaque, calculus and resin fragments hinder the action of the bleaching agent on the enamel surface. Gingivitis weakens the gingiva in cases in which the bleaching agent accidentally reaches its structure.

WHY DENTAL BLEACHING SHOULD NOT BE PERFORMED BEFORE ORTHODONTIC TREATMENT? OR IT SHOULD? WHEN?

In orthodontic treatment, teeth may be intruded or extruded, exposing areas previously covered by gingiva in case of malpositioned or unerupted teeth, a common situation for the maxillary canines. Should the procedure be carried out before orthodontic treatment, the areas covered by gingiva or touching other teeth will not receive the bleaching agent as the other areas will. Such areas are exposed after orthodontic treatment and may end up having a different color.

Bleaching agents are hydrogen peroxide-based acid solutions that act over the teeth.^{2, 6} they act over the enamel surface causing it to be more porous? Simultaneously or soon after bracket placement, an acid attack is required in order to allow the resin to adhere to the enamel when it is being placed on the dental crown, in which case the enamel below these surfaces may be structurally weakened. When brackets are removed, enamel splinters may be detached, harming its surface.

Resin restorations may increase infiltrations by hydrogen peroxide action of demineralization and infiltrating capacity. Thus, it would not be different between resin and bracket on the enamel surface, causing it to easily displace. Similarly, dental plaque bacterial acids tend to accumulate and remain active, causing white spot lesions (cavity) underneath the brackets, especially if the patient is not careful with his own oral hygiene.

Exposed crown area, where the enamel is more porous, is more subject to stronger dental plaques due to greater mechanical retention caused by brackets and other orthodontic devices.

But, is it possible? When? The appearance of teeth may be generally improved at the first sessions of dental bleaching due to the cleaning efficacy of hydrogen peroxide which penetrates into the smallest recesses such as lamellas, splits or natural depressions and irregularities of the enamel. The pigments in these irregularities will be promptly removed at the first sessions of dental bleaching.

Such an improvement may be motivating for the patient to withstand a long orthodontic treatment. However, it is worth noting that, for this purpose, the bleaching procedure must be brief and with a very specific aim. In addition, its application must be well controlled by a qualified professional.

Another reason for having dental bleaching performed before orthodontic treatment may be of professional nature, especially if we consider that image often predominates over candidates' theoretical or philosophical content. In the case of photographic models and other professionals who depend on their image and exposure, white clean teeth are required. The same happens when the patient attends job interviews or other selection processes related to job or artistic opportunities.

WHY DENTAL BLEACHING SHOULD NOT BE PERFORMED DURING ORTHODONTIC

TREATMENT? OR IT SHOULD? WHEN?

Pore and perikymata exposure on the enamel surface will not happen in a controlled and uniform way in the areas below the brackets, even if infiltration between the fixing resin and the dental crown is possible. Moreover, no studies have been carried out to investigate how the enamel and its respective structures as well as the physiology of areas below the fixed brackets act when subjected to bleaching agents.

The areas covered by gingiva or touching other teeth will not receive the bleaching agent as the other areas will. The risk of stains and irregularities in color and surface after brackets removal is high, and the cost-benefit relationship is not worthy in normal cases.

Resin restorations may increase infiltrations by hydrogen peroxide action of demineralization and infiltrating capacity. Thus, it would not be different between resin and bracket on the enamel surface, causing it to easily displace. Dental plaque bacterial acids tend to accumulate and remain active, causing white spot lesions (cavity) underneath the brackets, especially if the patient is not careful with his own oral hygiene. Exposed crown area, where the enamel is more porous, is more subject to stronger dental plaques due to greater mechanical retention caused by brackets and other orthodontic devices.

But, is it possible? When? In specific cases, it may be necessary to enhance the appearance of pigmented irregularities between the brackets and the teeth and appliances, since at the first sessions of dental bleaching, the appearance of teeth may be generally improved due to the cleaning efficacy of hydrogen peroxide which penetrates into the smallest recesses such as lamellas, cracks or natural depressions and irregularities of the enamel.

A cleaner aspect of the orthodontic appliance may be a motivating factor for the patient to withstand a long orthodontic treatment. However, it is worth noting that, for this purpose, the bleaching procedure must be brief and with a very specific aim. When the purpose is to effectively bleach teeth with fixed brackets, it should be highlighted that the risk of stains and irregularities in color and surface after bracket removal is high.

Additionally, the bleached enamel may be weaker in structure. In normal cases, surface enamel is eventually removed when brackets are removed. However, it is unknown whether or not this situation increases in cases of bleached enamel.

Another reason for having dental bleaching performed during or before orthodontic treatment may be of professional nature, especially if we consider that image often predominates over candidates' intellectual and emotional content.

In the case of photographic models and other professionals who depend on their image and exposure, white clean teeth are required. The same happens when the patient attends job interviews or other selection processes related to job or artistic opportunities. The use of appliances alone may not affect the aspect employers expect from candidates, however, should they have healthy teeth, without dental plaque or pigmentation that give them an unpleasant appearance at smiling, they will not be restrained from being hired.

MUCOSA AND CERVICAL REGION PROTECTION: ALWAYS, REGARDLESS OF THE MOMENT!

Dental bleaching requires qualified professionals who are capable of performing the procedure on the patient. Protection of the oral mucosa and the cervical region of teeth is among the abilities the professional must have.^{1,2,4,5-8}

The cervical enamel is thin, with beveled thickness which irregularly and structurally relates itself to the cementum that covers the root. Along the cemento-enamel junction, all permanent or deciduous teeth exhibit areas or gaps with dentin exposed to the oral environment.⁴⁻⁷

Exposure of dental windows to the oral environment occurs when the cementoenamel junction "migrates" or is displaced from the gingival connective tissue to the groove due to migration mechanism or continuous and compensatory dental eruption of abrasion in the incisal edge and occlusal face.

When exposed to bleaching agents, the areas of dental exposure and the dental tubules are widened.⁶ These effects result in excessive and uncomfortable increase in dental sensibility after bleaching, which may result in unbearable discomfort for a few patients. Thus, protecting the cervical region which receives the bleaching agent during the procedure is essential. From a clinical point of view, the most efficient and practical form to do so is by means of resin protective cervical barriers,⁴ however, other options may be used to protect the cervical region. Rubber sheets, for instance, which are used in restorative procedures and not widely used nowadays.

In addition to protecting the cementoenamel junction, the resin protective cervical barrier also protects the gingival mucosa against hydrogen peroxide-based bleaching agents.^{2,4} Many researches reveal that hydrogen peroxide may **promote** chemical carcinogenesis of mucosa, including the oral mucosa.^{1,8} **Promoters** of chemical carcinogenesis are those products that maximize the mutagenic effect of other agents and for this reason are considered carcinogenesis **initiators**. They are largely present in the mouth in the form of tobacco, herbicide, pesticide, alcohol, virus and many other substances.^{1,8}

The resin cervical barrier protects the oral mucosa from receiving hydrogen peroxide provided that before it is removed, the dentist uses a specific type of suction tube to suck the gel or bleaching substance. It is advisable to cut the outer part of the disposable tip so that it becomes more efficient to suck the smallest portions of hydrogen peroxide present in the small recesses between the resin barrier and the tooth.⁴

The suction tube — or its disposable active part — that sucks saliva cannot be the same one that removes the bleaching agent as it will be contaminated by hydrogen peroxide and, thus, contaminate the oral mucosa. If the tube is not carefully used, there is no point in using the resin cervical barrier, which must be taken off only after all hydrogen peroxide has been removed. Should there be hydrogen peroxide left in the patient's mouth, he will swallow it and the substance will affect his gastrointestinal mucosa with the same potential carcinogenic effects.

HOW CAN WE UNDERSTAND THAT BLEACHING AGENTS POSSIBLY ACT ON THE ENAMEL SURFACE BELOW THE BRACKETS?

Some standard procedures are based on clinical observation that is, in general, a result of a venturesome procedure carried out on the basis of previous clinical processes employed in similar cases, aiming at broadening the horizons of clinical practice. After knowing about these "indications and results", researchers and scholars analyze the biological applicability and feasibility of procedures. How can we explain about the basis on which companies and clinicians have "recommended" or "indicated" dental bleaching for patients undergoing orthodontic treatment?

First, we need to understand the enamel as a living tissue. Tooth enamel is alive,³ although it is commonly thought to be an inactive and amorphous tissue. Once the enamel is produced by the ameloblasts, it is formed by the rods, truly twisted and laterally connected beams. In cross section, the enamel rods are geometrically compared to a keyhole. Among the rods, there is an interrod sheath. Each rod is made up of millions of hexagonal crystals that may be compared to bricks or stones (Fig. 1) among which the **"adamantine fluid"** flows.

In addition to taking part in the hydration process of each crystal, the adamantine fluid brings and takes ions from the enamel surface as well as from other parts of it. Due to the

flow of adamantine fluid, the ions are incorporated into the enamel surface and may achieve its deepest parts, as it happens with the topic use of fluoride. This ion exchange allows enamel remineralization in the white spots caused by cavity after external dental bleaching. At tooth eruption, the proportion of minerals between the deepest and surface enamel layers is similar, however, once it is exposed to the oral environment, the enamel surface becomes more mineralized and richer in fluoride.¹

The wavy enamel surface, or perikymata surface, exhibits development pores (Fig. 1), millions and true depressions that represent the marks left by the ameloblast Tomes' process when the last layer of ameloblasts is deposited. Fluids and ions enter through the surface pores, renewing the crystals. However, these pores also allow that other substances, including undesirable ones, enter the inner parts of the enamel.

When bacterial as well as other acids enter the enamel via pores and adamantine fluid, they promote demineralization of crystals, dissolving them as an ice cube melts inside a glass, reducing its structure and altering its form. The intercrystal space will increase in size, therefore, increasing enamel porosity, allowing even more undesirable agents, such as bacterial acids and pigments, to enter. Many of these products or agents may reach the dentin or even the dental pulp. At this stage, in enamel decay still in the form of white spots, there are subtle and subclinical localized pulp alterations.¹

The enamel is alive! When leveling, cutting, removing, smoothing, bleaching and chemically changing the enamel, one aspect must be borne in mind: we are working with a living tissue. Similarly to the care given to the dentin, and even more, to the pulp, one must be careful when working with the enamel.¹

When external dental bleaching is finished, the enamel surface pores are more open; resin bonding is weaker; orthodontic appliances are more prone to detaching; and the splits more open. Should acids be applied to the enamel for technical purposes, it must be done only if necessary. Demineralized enamel areas exposed to the oral environment are more prone to incorporating pigments and allowing toxic products and acids to enter, thus, promoting alterations in color and increased sensibility in the affected tooth.

Similarly, one must be selective and demanding when indicating or recommending cosmetic products, dentrifices, antiseptics, eating habits and special care related to the teeth, since these aspects influence enamel porosity, composition and structure as well as the dentin and the pulp. The flow of adamantine fluid among the enamel crystals connects the dental surface with the dentinal fluid. What we do to the enamel reflects on the dentin and, in smaller proportions, on the dental pulp. This is due to the fact that not only tooth color depends on the dentin, but also because there is a specific flow within these tissues.¹

Women, who are careful about their jewels, wash them with seawater, handling, caring and keeping their pearls at special places because they strongly believe that the pearls are alive! They do not expose their pearls to perfume; neither allow them to rub against other surfaces. They want to prevent their pearls from dying and, as a consequence, losing their brightness, vigor and fascination.¹

Hydrogen peroxide is highly penetrative in enamel; perhaps, it is the most penetrative chemical substance in dental structures. Should it be applied on enamel nearby, to which a bracket is adhered, hydrogen peroxide may reach the enamel subsurface and, thus, bleach the area of enamel that is covered by the bracket (Fig. 1, 2).

However, we must be careful, since we do not know how the hydrogen peroxide flows through the adamantine fluid: Does it flow uniformly? The bleached surface would become irregular, would it not? What is the speed of the bleaching agent diffusibility? Would hydrogen peroxide extend to lateral areas when applied on a surface? Wouldn't the bleaching procedures performed on enamel below the bracket weaken it and cause

splinters to be broken off the enamel when brackets are removed?

Why are these questions in this article? The "insight" sections aim at suggesting, highlighting and instigating new researches that prove or disprove theories, confirming hypothesis and producing scientific knowledge on the basis of concrete data and evidence! The "how", "why" and "if" of whether or not it is convenient to perform dental bleaching before orthodontic treatment are still a matter of clinical suggestion, as it is a procedure that is under analysis, empirical knowledge waiting for scientific proof or disproof!

FINAL CONSIDERATIONS

The best moment to recommend dental bleaching associated with orthodontic treatment coincides with treatment finishing because that is when all dental surfaces are uniformly exposed. What had to be extruded, intruded or leveled, had already been.

It may be considered an option — not a rule— in some special cases, in which situation the patient's lifestyle must be taken into account. Some precautions and exceptions must be clarified when dental bleaching is exceptionally associated with orthodontic treatment before the latter is finished.

Frequent bracket detachment, white spots, loss of enamel color uniformity after orthodontic appliance is removed, retention of bacterial plaque and potential detachment of surface parts during brackets removal are among the consequences of dental bleaching associated with orthodontic treatment, due to the fact that bleaching agents promote enamel demineralization. Associating dental bleaching with orthodontic treatment is an exception that requires a lot of care and scientific knowledge. Additionally, it is of paramount importance that the patient knows about its potential risks.

It is worth noting that dental bleaching should always be performed by a qualified professional properly trained to act directly on the patient, always protecting the tooth cervical region as well as the oral mucosa with mechanical barriers — among which the resin barrier is the most widely used — in order to prevent the hydrogen peroxide from reaching the cemento-enamel junction and its action on the oral mucosa.

The "how", "why" and "if" of whether or not it is convenient to perform dental bleaching before orthodontic treatment are still a matter of clinical suggestion, as it is a procedure that is under analysis, empirical knowledge waiting for scientific proof or disproof. Adamantine fluid flow in the dental enamel, with its own specific metabolism, may be the scientific basis to explain and justify the application of dental bleaching before and during orthodontic treatment. However, we must be very careful and wait for tests, results and evidences!

Captions:

Figure 1 - Morphological aspects of human enamel surface in scanning electron microscopy: perikymata or wavy and very porous. The cemento-enamel junction (CEJ) is also observed. (SEM: 100x in A and 500x in B).

Figure 2 - A) Cross section of a human tooth. Morphological aspects of enamel surface and its relationship with the dentin and the cementum. (CEJ = cemento-enamel junction). B) Transmission electron microscopy reveals the enamel crystals and the spaces where the adamantine fluid flows (arrows), which may carry the dental bleaching agent.

ANEXO B – (Effect of the saliva contamination on the bond strength with a hydrophilic composite resin) - Artigo traduzido por TR

Effect of the saliva contamination on the bond strength with a hydrophilic composite resin

Mauren Bitencourt Deprá: - Graduating in Odontology – PUCPR

Josiane Xavier de Almeida: - Graduating in Odontology - PUCPR

Taís de Moraes Alves da Cunha: - Master in Odontology - Orthodontics - PUCPR

Luis Filipe Siu Lon: - Master in Odontology - Orthodontics - PUCPR

Luciana Borges Retamoso: - PhDing in Dental Materials - PUCRS

Orlando Motohiro Tanaka: - Titled professor - Orthodontics – PUCPR

Abstract

Objective: Evaluate the influence of contamination by saliva on the bond strength of metallic brackets bonded to enamel with hydrophilic resin composite. Methodology: Eighty premolars were randomly divided into 4 groups (n=20) according to bonding material and contamination: G1: bonded with Transbond XT with no saliva contamination, G2: bonded with Transbond XT with saliva contamination, G3: bonded with Transbond Plus Color Change with no saliva contamination and G4: bonded with Transbond Plus Color Change with saliva contamination. The results were statistically analyzed (ANOVA/Tukey). Results: The means and standard deviations (MPa) were: G1: $10,15 \pm 3,75$; G2: $6,8 \pm 2,54$; G3: $9,3 \pm 3,36$; G4: $8,3 \pm 2,95$. The residual adhesive indication (RAI) ranged between 0 and 1 in G1 and G4. In G2 there was a prevalence of score 0 and similar ARI distribution in G3. Conclusion: Contamination by saliva reduced the bond strength when Transbond XT hydrophobic resin composite was used. However, the hydrophilic resin Transbond Plus Color Change was not affected by the contamination.

<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/18302473>

<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/17655070>

Keywords

Saliva; Orthodontic Brackets; Bond Strength; Adhesives

Introduction

The adhesion to dental enamel started, in 1955, after discovery of the acid conditioning by Buonocore. The application of an acid to the enamel, demineralize it selectively, making it appropriate to performance of adhesive techniques¹⁰. This technique provides micromechanic bond between the composite resins and the enamel, facilitating the attachment of brackets, direct restorations, indirect restorations and adhesive prosthetic⁹. After demineralization of the enamel, it is necessary the application of an adhesive system, for this penetrates the microporosities and attach the enamel to the composite resin. Basically, the function of acid conditioning the enamel is the creation of an adhesive area by the increase of porosity and surface energy, resulting in better permeation of the adhesive. Thus, the micromechanic interlacement of the resin in the porosities does not allow rupture of the enamel, providing greater longevity of bonding^{9,10}. Some factors are capable of negatively influence the quality of adhesion, such as presence of contamination by saliva, blood or remaining phosphoric acid^{8,14,15,20}. The contamination by saliva is one of the most frequent defects in adhesion²⁶. Rajagopal¹⁴ and Sirirungrojying²¹ reported that the utilization of acid conditioning previous to the adhesive causes a reduction on the

adhesive shear bond strength. On the other hand, the self-etching adhesives are considered hydrophilic and according to Trites²² it can be used in presence of humidity. However, the influence of saliva on the adhesive resistance of brackets bonded with self-etching adhesives still is controversial. Rajagopal¹⁴ observed reduction on the bond strength when orthodontic brackets were bonded with self-etching adhesives in presence of saliva. These adhesive systems gathered the steps of acid conditioning and primer in one recipient making it self-etching, which would keep its properties even in humid environment. However, the use of these systems with conventional resins, hydrophobic, would reduce most of this capacity. This way, the creation of a composite resin with the same hydrophilic characteristics, as Transbond Plus Color Change, would preserve this property. Thus, this work proposes to evaluate the bond strength of metallic brackets bonded to human enamel previously contaminated with saliva and analyze the area of adhesive defect after the debonding of brackets.

Method

It was selected 80 human premolars donated by the tooth bank of the Catholic Pontifical University of Parana (PUCPR), which had their roots sectioned with the help of diamond drills (KG Sorensen) and discarded. The vestibular face of the teeth was positioned against a glass plate in order to allow most of the flat surface to be parallel to the ground. In this position, the crown was affixed, the PVC ring was positioned and the acrylic resin (Jet/Classic) shed over it (Img.1A). Posteriorly, it was performed prophylaxy, in low rotation, with rubber cups and pumice for 10 seconds. This was followed by rinsing and drying for 10 seconds each at a distance of 50mm. The 80 specimens were randomly divided in four groups (n=20) according to chart 1:

Chart 1: Division of experimental groups		
Group	Contamination	Adhesive system
G1	No	Transbond XT primer and Transbond XT
G2	Saliva	Transbond XT primer and Transbond XT
G3	No	Transbond self etching primer and Transbond Plus Color
G4	Saliva	Transbond self etching primer and Transbond Plus Color

On G1, the enamel was conditioned with phosphoric acid 37% for 15 seconds, rinsed for 10 seconds and dried for 10 seconds. It was followed by application of adhesive (Transbond XT primer), insertion of Transbond XT on the base of the bracket, positioning on the central portion of the enamel under pressure of 400KgF, measured by a tensiometer (ETM) (Image 1B) and photopolymerization for 40 seconds. On G2, after the acid conditioning, rinsing and drying according to described in G1, it was applied nonstimulated saliva on the surface. The saliva was collected directly from the researcher and applied on the bonding area with the help of a disposable brush. On G3, it was used an acidified primer (Self-etching primer, SEP, 3M/Unitek, USA) which was kept in contact with the enamel for 10 seconds. The insertion of Transbond Plus

Color Change (3M/Unitek, USA) on the base of the bracket, positioning on the central portion of the enamel under pressure of 400 KgF and photopolymerization for 40 seconds. On G4, after application of acidified primer (Self-etching primer, SEP, 3M/Unitek, USA) it was applied nonstimulated saliva on the surface. The saliva was collected directly from the researcher and applied on bonding area with the help of a disposable brush. It was used brackets for premolars (3M/Unitek, Monrovia, USA), with area of 14,28mm², measured by a digital caliper with precision of 0,01mm (Electron digital caliper 227 - Starret). Finished the bonding of brackets, the specimen (Img. 1C) were stored in closed recipient with distilled water at 37°C for 24 hours. After this period, it was performed the shear test, with force applied in the occlusal gingival direction, with speed of 0,5mm/min in universal testing machine (EMIC DL500R, São José dos Pinhais, PR, Brazil). The testing machine was connected to a computer with the Mtest software® that registered the maximum values of debonding (Image 2A and image 2B). After the shear test, the bonding defect was observed through a stereomicroscope with 40x of magnification and the residual adhesive indication (RAI) was analyzed according to recommended by Artun². Where 0 indicates no adhesive residue on the dental structure; 1, less than a half of adhesive residue on the dental structure; 2, more than a half of adhesive residue on the dental structure and 3, all the adhesive residue adhered to the base of the bracket.

Statistical analysis

Bond strength

It was used the Kolmogorov-Smirnov test and the Levene test to verify the normality and homogeneity of variance, respectively. Obtained normality and homogeneity, the difference between the groups was examined through analysis of variance (ANOVA) and Tukey HSD multiple comparisons tests at significance level of 5%.

Bond strength X Bond strength indication

The correlation between bond strength and bond strength indication was obtained through application of the Spearman correlation test.

Results

Bond strength

The Tukey HSD multiple comparison test identified significant statistical difference between the G1 and G2 ($p < 0,01$), indicating that the contamination by saliva reduces the shear bond strength when the hydrophobic resin Transbond XT is utilized (Table 1).

TABLE 1: DESCRIPTIVE STATISTIC FOR BOND STRENGTH					
Groups	n	Contamination	Resin	Mean	Standard-deviation
G1	20	No	Transbond XT	10,15A	3,75
G2	20	Saliva	Transbond Plus	6,80B	2,54
G3	20	No	Transbond XT	9,30A	3,39
G4	29	Saliva	Transbond Plus	8,30A	2,95

NOTE: different letters indicate significant difference by Tyrkey HSD ($p < 0,01$)

Bond strength indication (BSI)

Most specimens from G1 and G2 presented BSI ranging from 0 to 1. On G2 there was predominance of BSI 0. The specimens from G3 presented balanced distribution of BSI (Table 2).

Groups	n	Contamination	Resin	Scores RAI (%)			
				0	1	2	3
G1	20	No	Transbond XT	40	30	10	20
G2	20	Saliva	Transbond Plus	90	10	0	0
G3	20	No	Transbond XT	25	30	25	20
G4	29	Saliva	Transbond Plus	40	40	20	0

The coefficient of Spearman's linear correlation was of 0,26, which indicates a weak correlation between shear bond strength and BSI.

Discussion

The contamination is a problem commonly found on the direct bonding of brackets, especially in posterior teeth surgically exposed¹⁴. Among the main contaminants, stand out saliva and blood. There is divergence about the influence of saliva on the shear bond strength. According to some studies^{4,5,18}, this **contamination** reduces the bond strength. On the other hand, some reports^{3,16,21,23} show no difference on the bond strength. These differences can be explained for the adhesive system used. Most of the articles in which the bond strength does not show reduction after the contamination used self-etching adhesive systems. This can be explained by the hydrophilic characteristics of these adhesives²². The results of the in vitro researches can be influenced by the thickness of the resin and direction of the force applied according to described by Eliades¹². Aiming to eliminate these factors, a tensiometer was used to standardize the thickness of the composite and the force used during the bonding procedure. Besides, all the experiment was performed by only one operator, according to recommended by Ajlouni¹ and Bishara⁶. The bonding strength of the self-etching adhesives is also controversial. Bishara⁵, Yamada²⁵ and Zeppieri²⁷ reported reduction statistically significant when used self-etching adhesives. However, in this research, the bond strength was similar to the adhesives with previous acid conditioning. It is suggested that the characteristic of hydrophobicity was kept using a resin with the same property. But yet there are no reports that evaluated the bonding strength of the hydrophilic resin Transbond Plus Color Change. Thus, it is recommended that new researches be performed in order to confirm this result. This way, during the choice of bonding material, some factors must be considered: resistance, longevity, sensibility and facility of removal without injuring the dental surface. These can be evaluated in vitro and transposed to private practice through the evaluation of the shear bond strength and the residual adhesive indication (RAI)^{11,17}. In relation to debonding of brackets, Bishara⁴ mentioned that when the adhesive defect occurs on the enamel-adhesive interface there is great risk of the enamel being fractured. Unlikely, the defect occurring on the adhesive/bracket interface or on the adhesive layer, the dental structure will normally be preserved^{7,13,25}. Thus, the adhesives used in this research did not represent risk, for most of the bonding defects occurred on the adhesive layer (score 1 and 2 - RAI), reducing significantly the chances of fracture on the enamel. Only G2 presented high frequency of score 0. Regarding longevity of the bonding

procedure, there are evidences that show that the resistance of adhesives with previous acid conditioning reduces after thermocycling. Saito¹⁹ theorized that this fact is explained by the hydrophilicity and presence of HEMA in this self-etching solutions. Before these properties described, we recommend that in situations of imminent contamination by saliva, the brackets be bonded with an adhesive system and composite with hydrophilic characteristics, increasing the adhesive resistance and consequent longevity of the bonding procedure.

Conclusion

The saliva reduces the shear bond strength when the brackets are bonded with hydrophobic resin Transbond XT. However, the bond strength is not affected by the contamination by saliva when the brackets are bonded with adhesive system and resin with hydrophilic properties (Transbond Plus + Transbond Plus Color Change).

Image 1

Sequence of confection of specimens. A: Tooth positioning, B: Pressure exerted on the bracket to standardize the thickness of the material, C: specimens finished

Image 2

Mechanical test A: Matrix used on the shear bond strength test, B: Detail of the force applied in the occlusal gingival direction.

REFERÊNCIAS

1. AJLOUNI, R.; BISHARA, S. E.; OONSOMBAT, C.; DENEHY, G. E. Evaluation of modifying the bonding protocol of a new acid-etch primer on the shear bond strength of orthodontic brackets. *Angle Orthod.*, Appleton, v. 74, n. 3, p. 410-413, June 2004.
2. ARTUN, J; BERGLAND, S. Clinical trials with crystal growth conditioning as an alternative to acid-etch enamel pretreatment. *Am J Orthod*, St. Louis, v. 85, n. 4, p. 333-40, Apr. 1984.
3. BISHARA, S. E.; GORDAN, V. V.; VONWALD, L.; OLSON, M. E. Effect of an acidic primer on shear bond strength of orthodontic brackets. *Am J Orthod Dentofacial Orthop.*, St. Louis, v. 114, n. 3, p. 243-247, Sept. 1998.
4. BISHARA, S. E.; GORDAN, V. V.; VONWALD, L.; JAKOBSEN, J. R. Shear bond strength of composite, glass ionômero, and acid primer adhesive systems. *Am. J. Orthod. Dentofacial Orthop.*, St. Louis, v. 115, n. 1, p. 24-28, Jan. 1999.
5. BISHARA, S. E.; VONWALD, L.; LAFFOON, J. F.; WARREN, J. J. Effect of a self-etch primer/adhesive on the shear bond strength of orthodontic brackets. *Am J Orthod Dentofacial Orthop.*, St. Louis, v. 119, n. 6, p. 621-624, Jun. 2001.
6. BISHARA, S. E.; OONSOMBAT, C.; AJLOUNI, R.; LAFFOON, J. F. Comparison of the shear bond strength of 2 self-etch primer/adhesive systems. *Am J Orthod Dentofacial Orthop.*, St. Louis, v. 125, n. 3, p. 348-350, Mar. 2004.
7. BROWN, C. R.; WAY, D. C. Enamel loss during orthodontic bonding and subsequent loss during removal of filled and unfilled adhesives. *Am. J. Orthod.*, St. Louis, v. 74, n. 6, p. 663-671, Dec. 1978.
8. CAMPOY, M. D.; VICENTE, A.; BRAVO, L. A. Effect of saliva contamination on the shear bond strength of orthodontic brackets bonded with a self-etching primer. *Angle Orthod.*, Appleton, v. 75, n. 5, p. 865-869, Sept. 2005.
9. CARVALHO, R. M.; YOSHYAMA, M.; PASHLEY, E. L.; PASHLEY, D. M. In vivo study of the dimensional changes of human dentin after demineralization. *Arch Oral Biol*, Oxford, v. 41, n. 4, p. 369-77, Abr. 1996.

10. CARVALHO, R. M. Adesivos dentinários: fundamentos para aplicação clínica. *Rev Dent Rest*, Bauru, v. 1, n. 2, p. 62-95, abr./jun. 1998.
11. DE MUNCK, J.; VAN LANDUYT, K.; REUMANS, M.; POITEVIN, A.; LAMBRECHTS, P.; BRAEM, M.; VAN MEERBEEK, B. A critical review of the durability of adhesion to tooth tissue: methods and results. *J Dental Res*, Chicago, v. 84, n. 2, p. 118-132, Feb. 2005.
12. ELIADES, T.; BRANTLEY, W. A. The inappropriateness of conventional orthodontic bond strength assessment protocols. *Eur J Orthod.*, London, v. 22, n. 1, p. 13-23, Feb. 2000.
13. JOSEPH, V. P.; ROSSOUW, P. E. The shear bond strengths of stainless steel orthodontic brackets bonded to teeth with orthodontic composite resin and various fissure sealants. *Am J Orthod Dentofacial Orthop*, St. Louis, v. 98, n. 1, p. 66-71, Jul. 1990.
14. RAJAGOPAL, R.; PADMANABHAN, S.; GNANAMANI, J. A comparison of shear bond strength and debonding characteristics of conventional, moisture-insensitive, and self-etching primers in vitro. *Angle Orthod*, Appleton, v. 74, n. 2, p. 264-268, Apr. 2004.
15. REDDY, L.; MARKER, V. A.; ELLIS, E. Bond strength for orthodontic brackets contaminated by blood: composite versus resin-modified glass ionomer cements. *J. Oral Maxillofac. Surg.*, Philadelphia, v. 61, n. 2, p. 206-213, Feb. 2003.
16. RETAMOSO, L. B.; COLLARES, F. M.; SAMUEL, S. M. W.; FERREIRA, E.S. Influência do sistema adesivo na resistência de união de "brackets": um estudo in vitro. *Rev. Facul Odontol. Porto Alegre*, Porto Alegre, v. 47, n. 3, p. 17-22, dez. 2006.
17. RETAMOSO, L. B.; ONOFRE, N. M. L.; MARCHIORO, E. M. Avaliação de diferentes fontes de polimerização na resistência de união de braquetes. *Rev. Clin. Ortodon. Dental Press*, Maringá, v. 7, n. 2, p. 74-78, abr./maio 2008.
18. ROMANO, F. L.; TAVARES, S. W.; NOUER, D. F.; CONSANI, S.; BORGES DE ARAÚJO MAGNANI, M. B. Shear bond strength of metallic orthodontic brackets bonded to enamel prepared with Self-Etching Primer. *Angle Orthod.*, Appleton, v. 75, n. 5, p. 849-853, Sept. 2005.
19. SAITO, K.; SIRIRUNGROJYING, S.; MEGURO, D.; HAYAKAWA, T.; KASAI, K. Bonding durability of using self-etching primer with 4-META/ MMA-TBB resin cement to bond orthodontic brackets. *Angle Orthod.*, Appleton, v. 75, n. 2, p. 260-265, Mar. 2005.
20. SCHANEVELDT, S.; FOLEY, T. F. Bond strength comparison of moisture-insensitive primers. *Am. J. Orthod. Dentofacial Orthop.*, St. Louis, v. 122, n. 3, p. 267-273, Sept. 2002.
21. SIRIRUNGROJYING, S.; SAITO, K.; HAYAKAWA, T.; KASAI, K. Efficacy of using self-etching primer with a 4-META/MMA-TBB resin cement in bonding orthodontic brackets to human enamel and effect of saliva contamination on shear bond strength. *Angle Orthod.*, Appleton, v. 74, n.2, p. 251-258, Abr. 2004.
22. TRITES, B.; FOLEY, T. F.; BANTING, D. Bond strength comparison of 2 self-etching primers over a 3-month storage period. *Am J Orthod Dentofacial Orthop.*, St. Louis, v. 126, n. 6, p. 709-716, Dec. 2004.
23. VICENTE, A.; BRAVO, L. A.; ROMERO, M.; ORTIZ, A.J.; CANTERAS, M. Shear bond strength of orthodontic brackets bonded with self-etching primers. *Am. J. Dent.*, Chicago, v. 18, n. 4, p. 256-260, Aug. 2005.
24. WEBSTER, M. J.; NANDA, R. S.; DUNCANSON, M. G. JR.; KHAJOTIA, S. S.; SINHA, P. K. The effect of saliva on shear bond strengths of hydrophilic bonding systems. *Am. J. Orthod. Dentofacial Orthop.*, St. Louis, v. 119, n. 1, p. 54-58, Jan. 2001.

25. YAMADA, R.; HAYAKAWA, T.; KASAI, K. Effect of using self-etching primer for bonding orthodontic brackets. *Angle Orthod.*, Appleton, v. 72, n. 6, p. 558-564, Dec. 2002.
26. ZACHRISSON, B. J. A posttreatment evaluation of direct bonding in orthodontics. *Am J Orthod.*, St. Louis, v. 71, n. 2, p. 173-189, Feb. 1977.
27. ZEPPIERI, I. L.; CHUNG, C. H.; MANTE, F. K. Effect of saliva on shear bond strength of an orthodontic adhesive used with moisture-insensitive and self-etching primers. *Am J Orthod Dentofacial Orthop.*, St.

ANEXO C – (Orthodontic movement of endodontically treated teeth) (artigo revisado por CD)

Orthodontic movement of endodontically treated teeth

Alberto Consolaro¹, Renata Bianco Consolaro²

Often there is the need of moving teeth endodontically treated or teeth still in endodontic treatment. In order to collaborate with the comprehension and substantiation of the following subjects will be discussed: 1) Orthodontic movement in endodontically treated teeth without periapical lesion, 2) Orthodontic movement in endodontically treated teeth with inflammatory periapical lesion, and 3) Orthodontic movement in teeth endodontically treated due to aseptic pulp necrosis by dental trauma. In practically all situations, endodontically treated teeth to be orthodontically moved must be subjected to a careful evaluation by the endodontist about the conditions, adequate or not, of the endodontic treatment. Then, in this paper it was sought to induce an insight for new clinical researches about the theme that may definitely prove the information obtained by interrelations of information in parallel to clinical practice.

Keywords: Orthodontics-endodontics. Endodontic treatment-orthodontics. Periapical diseases-orthodontics.
Orthodontics-dental trauma.

It is frequent the need of moving endodontically treated teeth or teeth still in endodontic treatment. What underlies the clinical decisions and biological orientations routinely applied is based on the interrelation of information pertinent to inflammation, tissue repair, tooth movement biology and of associated resorptions, pulp diseases and periapical disease. To collaborate with the comprehension and substantiation of this subject, it will be discussed together with these interrelations and experiences obtained over time. It was also sought to induce in this insight new clinical researches about the theme.

1. ORTHODONTIC MOVEMENT IN ENDODONTICALLY TREATED TEETH WITHOUT PERIAPICAL LESION

During many decades, until 1990, there was practically no movement of teeth that were endodontically treated. There was almost a consensus, not methodologically substantiated, that these teeth would present greater risk of root resorption during orthodontic movement.

From the 90s on, after the publication by Spurrier et al,⁴ it was emphasized that teeth properly endodontically treated, if orthodontically moved, would not increase the risk of root resorption, nor reduce this risk.

In the current context of Dentistry, there are more and more healthy teeth, and the required endodontic treatment comes from needs related to dental trauma. However, there is still many teeth endodontically treated because of dental cavity, specially clinical cases in which the necessity or not of endodontic retreatments is questioned. The improvement in economic and social conditions leads many adults to undergo orthodontic treatments and among older adults previously performed endodontically treatments are still very common.

There was marked reduction of endodontic treatment due to caries, which was gradually substituted by those due to dental trauma, considering the several ways and the greater opportunity to leisure and sports, and to the greater mobility by the several transportation means to which men submit with greater chances of accidents, especially in the large cities.

Orthodontic movement is done due to the periodontal ligament.² Cementoblasts have no receptors for bone turnover mediators, but the osteoblasts located 0.25 mm from the tooth have them. The application of an orthodontic force:

1. Compresses the cells, deforming its cytoskeleton, promoting a mechanical stress.
2. And, at the same time, reduces the lumens of blood vessels with hypoxia in the area establishing a metabolic stress.

The stressed cells of the periodontal ligament release many mediators that alternately stimulate the resorption and the bone position on the ligament surface of the alveolar process, promoting local bone remodeling, fixating the tooth in a new position. The root resorption induced during orthodontic treatment will only occur if the applied forces also cause the death of cementoblasts with subsequent exposition of the root surface. The death of cementoblasts is necessarily associated to more intense forces that compress the vessels in certain areas of the periodontal ligament.

The pulp tissues, on the other hand, do not suffer morphological and functional alterations during orthodontic movement,^{1,3} regardless of the type and intensity of the applied force. Thus, in the same way, if the canal is filled by endodontic material, it will also not cause any modification on the periodontal tissues before orthodontic movement. In other words, if a tooth properly endodontically treated is orthodontically moved and presents less or more root resorptions, this response is not directly related to the present orthodontic treatment.

In practically all situations, endodontically treated teeth to be orthodontically moved must be subjected to a careful evaluation about the adequate conditions or not of the endodontic treatment by the endodontist. In cases in which these conditions are considered inadequate or inappropriate an endodontic retreatment must be performed.

Possible consequences

Reactivation of previous periapical lesions — the apical resorptions due to applied forces, a common and acceptable event from the clinical point of view — may “open” canaliculi, tubules and accessory canals of apical deltas that still had bacterial components. These products may, temporarily, promote the relapse of chronic periapical lesions such as chronic apical pericementitis and/or periapical granuloma.

The local microbiota in these conditions have its pathogenic limits since there is no nutritional source for an exuberant microbial proliferation due to the lack of communication with the oral environment. When ceasing orthodontic treatment, the process tends to regress; if the regression doesn't happen, the tooth must be endodontically retreated. This situation is quite rare, but theoretically can occur in sporadic cases.

Pseudo-overfilling – apical resorptions due to applied forces round and shorten the tooth, but the gutta-percha cones and some sealers are not phagocytal by the macrophages and/or by the clasts. After orthodontic treatment, the appearance will be of a gutta-percha cone surpassing the most apical limit of the tooth.² This situation is relatively common.

How long to wait and explanations

If the orthodontic movement does not change the pulp biology from the morphologic point of view, nor age it, the endodontic treatment, in the same way, does not interfere on the cellular and tissue phenomena of tooth movement. Strictly speaking, from the biological point of view and correlating the information about pulp biology and orthodontic movement, the application of forces can be done after a few days of the conclusion of endodontic treatment. Between 15 and 30 days, the exudate (liquids) and the inflammatory infiltrate (cells) were absorbed and migrated from the site.

In cases of orthodontic movement of endodontically treated teeth in which a failure of months or years was detected, this fact must not be assigned to the performed tooth movement. The applied forces do not interfere on the pathogenicity and on the virulence of the associated microbiota, as well as in the biology of microbial biofilms and chronic inflammatory periapical lesions. The failure must be justified from the limitations inherent to the endodontic treatment.

2. ORTHODONTIC MOVEMENT IN ENDODONTICALLY TREATED TEETH WITH INFLAMMATORY PERIAPICAL LESION

The periapical lesions are exclusive of the periapex; eventually, some other lesions may be locate in this region and not be considered true periapical diseases. The periapical diseases are the most common maxillary intrabony lesions.

The periapical lesions or periapical diseases are predominantly inflammatory and associated to the microbiota present in the canals in which the dental pulp is necrotic, or yet associated to pulp aseptic necrosis due to dental trauma.

The non-inflammatory periapical diseases are, relatively, much less frequent and can be:

- 1) Cemental dysplasia or periapical cemento-osseous dysplasia: An osteofibrous dysplasia of the periapical bone of lower incisors;
- 2) Benign cementoblastoma: An odontogenic neoplasia, almost exclusive of the periapex of lower first molars.

Among the non-inflammatory periapical diseases, the periapical cemento-osseous dysplasia requires secure diagnosis and only monitoring, without any treatment and consequence for the patient; the benign cementoblastoma must be surgically removed with a good prognosis.

The inflammatory periapical diseases may be associated to two basic conditions: pulp necrosis associated to a rich and mixed microbiota and to pulp aseptic necrosis due to trauma.

Every inflammatory periapical lesion begins as acute apical pericementitis which may evolve to:

- 1) Acute dentoalveolar abscess, and then chronic, characterized by the fistula.
- 2) Chronic apical pericementitis and then periapical granuloma which may remain for months or years, or yet, evolve eventually to apical periodontal cyst.

In the case of the acute inflammatory periapical diseases — acute pericementitis and dentoalveolar abscess in its several phases — endodontic treatment has an excellent prognosis if considering that there is no time or local conditions to occur significant and minimum areas of apical resorption. The bacteria will have a shorter period and more regular root surface, which complicates its permanence in the root structure after the adequate endodontic treatment.

On the chronic inflammatory periapical diseases — chronic apical pericementitis and periapical granuloma — the permanence period of the microbiota is much longer

than in the acute, allowing bacteria to colonize the dental tubules and the irregular areas of apical absorption. At the same time, many bacteria colonize the external part of the apical surface forming microbial biofilms. These conditions allow a good prognosis, but with reservation, because the endodontic technique, even being evolved, still does not guarantee complete elimination of this microbial component. There is still a percentage rate to be considered on failures in cases of endodontic treatment of teeth with chronic periapical lesion, around 10 and 35%, according to analyzed cases.

The periapical granuloma consists of an agglomerate somewhat organized of inflammatory cells, specially macrophages, lymphocytes and plasma cells. These cells are nourished by numerous vessels and physically supported by the exudate and by an extracellular matrix with fibroblasts and eventual collagen fibers. Dimensionally and by analogy, the periapical granuloma can be compared to a pillow of soft tissue accommodated and wrapping the most apical part of the tooth root.

When referring to chronic inflammatory periapical disease it is often related to the periapical granuloma, because in apical periodontal cysts still small and located on the context of a periapical granuloma, the endodontic treatment is also efficient.

What keeps the periapical granuloma active is the constant leave of bacterial products and of the bacteria itself to the periapical region, especially in the cemental canal. The elimination of the microbial source by an adequate endodontic treatment implies in eliminating the stimulus. Immediately after the endodontic treatment, the macrophages and other cells from the periapical granuloma eliminate the last bacteria and its products and, in hours, eliminate them. They also did that before, but the leave of bacteria was constant. In a few hours or a couple of days, the periapical granuloma gives way to a tissue free of bacteria and its products thanks to the macrophage activity. The space of the periapical granuloma becomes occupied by a granulation tissue rich in vessels and with osteoblast cells invading it for the bone repair to occur.

The repair initiates in hours, as soon as the microbial agents are eliminated. However, the local bone repair will take long to generate a radiographic image of a normal periapical bone. The generation of these images depends on a higher degree of tissue maturity and mineral density that might take weeks and even months to be achieved.

Possible consequences

Besides the pseudo-overfilling by the end of the orthodontic treatment, other consequences are independent from the orthodontic movement, such as the persistence of the lesion or its partial regression, or even its increase. In these cases, the endodontic treatment must be evaluated regarding its capacity of completely eliminating the microbiota, closing the spaces occupied by it and the possibility of the involved tooth having a different morphology that would complicate the elimination of the microbiota by the endodontic treatment, such as apical delta, dilacerations, developmental groove and others. To assign the failure to the fact that the tooth was orthodontically moved is not pertinent.

How long to wait and explanations

It must be emphasized that the forces applied in a certain tissue do not modify or potentiate the action of settled microbiotas. The application of orthodontic forces in

chronic periapical lesions of teeth properly endodontically treated would not interfere on the microbiota nor on the repair.

The first thought would be: But wouldn't the forces compress the vessels of the region in repair and complicate cellular proliferation and the synthesis of new tissue components? No, because the apical and periapical region is filled by soft tissue from the old periapical granuloma or from the granulation tissue of the ongoing repair. The application of forces in this area cannot compress the vessels, the walls are not hard and limited by a periodontal space of 0.25 mm. In fact, there is a large area of soft tissue in reconstruction. The force necessary to compress a fragile structure such as the periodontal ligament will not have effect on a soft tissue in a wider area, like where the repair is in an area previously occupied by a chronic periapical lesion.

Strictly speaking, from the biological point of view, by what is known and conceived as orthodontic force, there wouldn't be a way for it to interfere on the repair of chronic periapical lesions after an adequate orthodontic treatment. Again, the movement of a tooth with chronic periapical lesion endodontically treated can be done after a few days. A period between 15 and 30 days would be more than enough for the exudate and inflammatory infiltrate to be respectively absorbed and migrate from the area, remaining only the macrophages and other cells that were participating of the granulation tissue in the repair of the area.

In cases of orthodontic movement of endodontically treated teeth in which a failure over months or years was detected, this fact must not be assigned to the performed tooth movement. The applied forces do not interfere on the pathogenicity and on the virulence of the associated microbiota, as well as on the biology of microbial biofilms and chronic inflammatory periapical lesions.

The failure in these cases must be justified by the limitations inherent to the endodontic treatment and not by the fact that the tooth was subjected to orthodontic movement. In teeth with chronic periapical lesions the frequency of irregular areas due to apical resorptions associated to it is very high, increasing the possibility of persistence of microbial biofilms. The occurrence of failures on the hermetic closure of the apical opening due to natural anatomical irregularities can also justify these failures, as well as the presence of apical deltas, the used material and many other factors that affect the final results. The possibility of failure in endodontically treated teeth with chronic periapical lesion is greater than in other situations.

3. ORTHODONTIC MOVEMENT IN ENDODONTICALLY TREATED TEETH FROM ASEPTIC PULP NECROSIS BY DENTAL TRAUMA

The aseptic pulp necrosis can be treated right after its occurrence, but it can also be clinically ignored and, only months or years later, be detected — by coronary darkening or in routine radiographic exams, as those performed for orthodontic planning. When diagnosed too much later, the aseptic necrosis may present chronic apical pericementitis and/or even a small periapical granuloma.

After one year, half of the aseptic pulp necrosis tend to present microbiota, by hematogenous retrograde invasion of the root canal. In general, it represents a microbiota of low aggressiveness and with low metabolic activity, since the involved teeth did not present periodontal involvement or dentin and pulp exposure to the oral environment.

With or without periapical lesion, endodontically treated teeth for aseptic pulp necrosis due to dental trauma, if orthodontically moved could have the same behavior expected

from those teeth endodontically treated for pulp necrosis with infected canals. However, this situation must be faced in a different way by the following rule: Every tooth previously traumatized, if moved, may present earlier and more intense root resorptions by the end of the orthodontic treatment.

This rule is regardless if the tooth was endodontically treated by aseptic necrosis or not. In dental trauma there is a greater chance of repair of the cementoblastic layer be, focally and in eventual spots, done with cells of osteoblastic lineage that have receptors for bone turnover mediators. In dental trauma the lesions of the cementoblastic layers are more extensive than the ones induced on orthodontic treatment.

Despite behaving — morphological and physiologically — like cementoblast or cementoblast-like cells, with the usual mediator accumulation on the ligament, by the compression of orthodontic forces, it is led to periodontal bone resorption as expected; but now also to root resorption which in normal conditions is protected by the true cementoblast cells without receptors for such mediators. This is because the cementoblast-like cells, true osteoblasts, soon take on the management of the bone remodeling units after a few hours of force application, resorbing the root.

The previously traumatized teeth, with or without aseptic pulp necrosis and endodontic treatment properly performed, can be orthodontically moved, but the professional must scale the forces, evenly distributing them as much as possible on the dental structure and perform periapical radiographic control every three months to verify the degree of root resorption, if happening. Within possibility, these teeth must be avoided as point of anchorage or subjected to extensive movements and intrusive mechanics; if there is no other option, they can be subjected, but will present a higher degree of root resorption.

Possible consequences

The inconvenient consequences of orthodontic movement of teeth endodontically treated from aseptic pulp necrosis due to dental trauma are related, mainly, to the fact that the tooth was previously traumatized: the root resorptions may be greater by the end of the orthodontic treatment. As for being an endodontically treated tooth, there would be no contraindication especially because it refers to teeth with aseptic pulp necrosis that, when retrograde and secondarily contaminated via blood, the microbiota has low virulence.

How long to wait and explanations

Every tooth previously traumatized, if moved, may present earlier and more intense root resorptions by the end of the orthodontic treatment. This possibility justifies the rule of waiting a period of time for this type of tooth to be subjected to orthodontic movement which is almost universally accepted and followed.² The period varies with the classification of the trauma in mild, moderate and severe.

In mild trauma, as concussion and discrete subluxation, it must wait 3 to 4 months to provide a new periapical radiograph or tomograph and evaluate if the periodontal tissues and structures went back to normal. If so, the traumatized tooth can be moved.

Moderate dental trauma characterized by more severe subluxation, luxation, displacement and even extrusion without total avulsion of the tooth on the alveolus, must wait one year. If new periapical radiographs and/or tomographs after this period reveal structural and organizational normality, absence of dental alveolar ankylosis,

resorption by substitution and/or inflammatory resorption, the tooth can be orthodontically moved.

In more severe cases, as total avulsion followed by reimplantation until 30 to 60 minutes out of the alveolus and in cases of root fracture, it must wait 2 years. After this period, if new periapical radiographs and/or tomographs reveal structural and organizational normality, without dental alveolar ankylosis, without resorption by substitution and or without inflammatory resorption, the tooth can be orthodontically moved. Always considering the rule that they may present greater root resorption by the end of the orthodontic treatment.

4. FINAL CONSIDERATIONS: THE “INSIGHT”

The statements of the previous topics are based on the interrelation of information pertinent to inflammation, tissue repair, biology of the dental movement and of the associated resorptions, pulp and periapical diseases. There is still no work in the literature in which significant number of cases of endodontically treated teeth have been moved in the context of orthodontic treatment. There is a lack of methodologically adequate and comparative studies where there were:

1) A group of endodontically treated teeth for pulp necrosis with infected canals, without chronic periapical lesion and, then, orthodontically moved; with the final result evaluated by the end of treatment, regarding the severity of the associated resorption, when it happen and/or other consequences such as pseudo-overfilling, reactivation of previous lesions, endodontic failure index and other phenomena.

2) Another group of teeth endodontically treated for pulp necrosis with infected canal, with chronic periapical lesion and, then, orthodontically moved; with the final result evaluated by the end of treatment, regarding the severity of the associated resorption, when it happened and/or other consequences such as pseudo-overfilling, increase or partial/total regression of the previous lesions, endodontic failure index and other phenomena.

3) A third group of teeth endodontically treated from aseptic pulp necrosis induced by dental trauma and, then, orthodontically moved; with the final result evaluated by the end of treatment regarding the severity of the associated resorption when it happened and/or other consequences such as pseudo-overfilling, reactivation of previous lesions, endodontic failure index and other phenomena.

4) The fourth group of patients with teeth with pulp vitality and moved similarly to the other three groups, a control group. A special care on the performance of these researches is regarding the maximum standardization possible of the orthodontic treatment performed in each patient in all four groups, especially regarding the type and extension of the movement, intensity and distribution of applied forces. In the same way, the period in which the endodontic treatment was initiated should be standardized.

ANEXO D – (Título do artigo 4) (Artigo revisado por CD)

Importance of the control group in scientific research

Matheus Melo Pithon*

Fundamentally, scientific research aims at contributing to the development of human knowledge in all areas, being systematically planned and executed according to rigorous criteria of information processing.¹ It consists of investigations, observations and experiments, and tries to use these tools to explain the causes of many phenomena.

When reading scientific articles of which purpose is to experiment, we find the so-called control group. What would that be? What is the importance and need of a control group in a scientific study? The objective of the present article is to present, in a clear and objective manner, the importance of including a control group in scientific research.

The control group consists of elements that present exactly the same characteristics of the experimental group, except for the variable applied to the latter.² This group of scientific control enables the experimental study of one variable at a time, and it is an essential part of the scientific method. In a controlled experiment, two identical experiments are carried out: in one of them, the treatment or tested factor (experimental group) is applied; whereas in the other group (control), the tested factor is not applied.²

A good example for us, orthodontists, is the assessment of the influence of medicine over orthodontic tooth movement. In these cases, it is important to examine if the supposed effects of the applied drug are produced only by the drug. In this situation, identical groups of patients or animals are compared, one of them receives the drug and the other receives a placebo or, in many cases, does not receive any drug (control group). In order to avoid bias, it is always important to prevent not only the researchers, but also the individuals who will receive the medicine from knowing which group receives the real drug.

In Orthodontics, as in any specialty in the Health field, it is difficult to establish a control group for clinical studies, given that many ethical implications are involved. A good example to demonstrate this situation is the proposal of a study focused on the assessment of a new method for skeletal Class II malocclusion treatment of patients in craniofacial growth. The ideal control group, in this case, would comprise patients with the same characteristics of those in the experimental group, including age, race, maturation stage, same tendency for craniofacial growth. However, to be in the control group, patients should not be orthopedically treated, precisely in the ideal phase for treatment. In these situations, an ethical issue arises: How can we carry out an experiment without causing any damage to patients? In situations like these, it is acceptable that the patients in the control group be subjected to procedures already established in literature³ – which, in this particular case, would consist of treatment performed with extraoral appliances (considered as gold standard in the treatment of malocclusion).

Although not ideal, given that we would not have a control group without any involved factor, this approach meets the ethical requirements that currently surround us.

A more delicate situation involves studies that use computed tomography as a method of diagnosis. We are currently experiencing an avalanche of scientific researches using this new technology. Its use has facilitated diagnosis and orthodontic planning, however,

when we think about scientific research — and, more precisely, about control groups — , the following question arises: Would we be exposing our patients to unnecessary risks? Considering that by using this tool in a study that contains a control group we would be exposing the patient to two situations: the absence of treatment and the unnecessary exposure to ionizing radiation, we should think about it. Food for thought.